

FACULDADE CÁSPER LÍBERO

GIOVANNI MARIO BALDO MALAVASI

Telejornalismo e desinformação em tempos de covid-19:
a cobertura dos pronunciamentos oficiais do presidente Bolsonaro pelo
Jornal Nacional e Jornal da Record.

SÃO PAULO

2021

GIOVANNI MARIO BALDO MALAVASI

Telejornalismo e desinformação em tempos de covid-19:
a cobertura dos pronunciamentos oficiais do presidente Bolsonaro pelo
Jornal Nacional e Jornal da Record.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestrado em Comunicação – da Faculdade Cásper Líbero, linha de pesquisa Jornalismo, Imagem e Entretenimento como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Comunicação. Orientadora: Profa. Dra. Marli dos Santos.

São Paulo

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Prof. José Geraldo Vieira

Malavasi, Giovanni Mario Baldo.

Telejornalismo e desinformação em tempos de Covid-19 : a cobertura dos pronunciamentos oficiais do presidente Bolsonaro pelo jornal Nacional e Jornal da Record. / Giovanni Mario Baldo Malavasi. – São Paulo : Cásper Líbero, 2021.

105 p. : il.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero, 2021.
Orientador: Profa. Dra. Marli dos Santos.

1. Covid-19 2. Pandemia 3. Pronunciamento oficial 4. Telejornalismo I. Santos, Marli dos. II. Faculdade Cásper Líbero, Mestrado em Comunicação. III. Título.

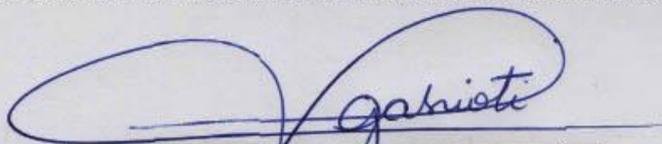
CDD 070.195

Bibliotecária responsável: Cláudia Luísa Siqueira - CRB 8/10260

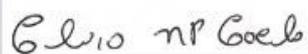
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AUTOR: GIOVANNI MARIO BALDO MALAVASI

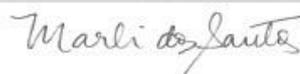
**"TELEJORNALISMO E DESINFORMAÇÃO EM TEMPOS DE COVID-19: A
COBERTURA DOS PRONUNCIAMENTOS OFICIAIS DO PRESIDENTE
BOLSONARO PELO JORNAL NACIONAL E JORNAL DA RECORD"**



**Prof. Dr. Rodrigo Gabrioti de Lima
Athon Ensino Superior**



**Prof. Dr. Cláudio Novaes Pinto Coelho
Faculdade Cásper Líbero - FCL**



**Profa. Dra. Marli dos Santos
Faculdade Cásper Líbero - FCL**

Data da Defesa: 1 de outubro de 2021.

Dedico essa dissertação primeiramente aos meus pais, Cássia e Maurílio, que desde que nasci seguraram minha mão em todas as adversidades. Segundamente, dedico essa dissertação a todos os mais de 500 mil mortos por esse vírus que alterou o rumo de diversas famílias.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente à minha orientadora, Marli do Santos que esteve ao meu lado durante as minhas incertezas nesse trabalho, falar sobre a pandemia durante a pandemia foi uma overdose que fez com que, em alguns momentos, eu precisasse esfriar a mente. Agradeço também aos professores da faculdade Cásper Líbero que não só me tornaram um cientista da comunicação, bem como promoveram reflexões sobre o mundo contemporâneo as quais carregarei para o resto da vida.

Resumo

Esta dissertação está vinculada à linha de pesquisa Jornalismo, Imagem e Entretenimento, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero (FCL). O tema é sobre como os dois principais telejornais das duas maiores redes de televisão abertas brasileiras, Globo e Record, atuaram no combate à desinformação durante a pandemia da covid-19, tendo como foco os três primeiros pronunciamentos em cadeia nacional de televisão do Presidente Jair Messias Bolsonaro. Os referenciais teóricos adotados são os de Clair Wardle, para tratar do fenômeno da desinformação; da filósofa Hannah Arendt, sobre política; e de Luiz Felipe Miguel, Fabio Pereira, Zélia Adghirni e Ana Carolina Temer, pesquisadores que abordam as transformações no jornalismo e o telejornalismo em tempos de pandemia. Trata-se de um estudo com abordagem metodológica qualitativa e comparativa, inspirado na análise da materialidade audiovisual de Coutinho (2016) e análise de conteúdo, conforme Bardin (2011). Primeiramente, foram analisados os pronunciamentos do presidente da república a partir da categorização de Wardle sobre desinformação; em segundo, foi realizada uma análise comparativa da cobertura dos telejornais sobre as falas de Bolsonaro consideradas desinformativas. Como principal conclusão, os dois telejornais apresentam pontos de vista antagônicos em relação a desinformação, algumas vezes corroborando com declarações do presidente de veracidade duvidosa.

Palavras-chave: Telejornalismo. Desinformação. Globo. Record. Pandemia. covid-19. Bolsonaro.

Abstract

This dissertation is linked to the line of research in “Journalism, Image, and Entertainment”, of the Postgraduate Program in Communication at Faculdade Cásper Líbero (FCL). The theme is about how the two main TV News programs, from the two largest open tv networks in Brazil, Globo and Record acted in the combat of disinformation during the covid-19 pandemic, having as object of analysis the first three pronouncements in National Network of TV of the president Jair Messias Bolsonaro. The theoretical foundation adopted are Clair Wardle, to deal with the phenomenon of disinformation, the philosopher Hannah Arendt about politics; and Luiz Felipe Miguel, Fabio Pereira, Zélia Adghirni e Ana Carolina Temer, researchers who address the transformations in journalism and television journalism in times of pandemic. This is a study with a qualitative and comparative methodological approach, inspired by the analysis of audiovisual materiality, from Coutinho (2016) and analysis of content, Bardin (2011). At first the president of republic pronounces were analyzed from the Wardle categorization about disinformation, in second the comparative analysis of the coverage of the TV News about the Bolsonaro speeches considered disinformatives. As main conclusion, both TV News shows antagonics point of views related to desinfromation, sometimes collaborating with the president declarations of doubtful veracity.

Keywords: TV Journalism. Disinformation. Globo. Record. pandemic. covid-19. Bolsonaro.

Sumário

1 JORNALISMO, PÓS-VERDADE E DESINFORMAÇÃO	15
1.1 Jornalismo e Credibilidade	15
1.2 Mudanças estruturais e crise no jornalismo	19
1.3 Pós-verdade	24
1.4 Desinformação e Fake News	25
2 TELEJORNAL, BOLSONARO E A COVID-19	29
2.1 O papel do telejornalismo durante a pandemia	29
2.2 As mudanças provocadas pela pandemia nos principais telejornais	31
2.3 Bolsonaro e pandemia: antecedentes e relação com a pandemia e a mídia	33
2.4 A pandemia covid-19	38
3 PERCURSOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS PRONUNCIAMENTOS	43
3.1.1 Corpus da pesquisa	44
3.1.2 Técnicas de pesquisa	45
3.1.3 Perfil Jornal Nacional (JN)	47
3.1.4 Perfil Jornal da Record (JR)	48
3.2 Análise dos pronunciamentos	50
3.2.1 Pronunciamento 1 – Isolamento social	50
3.2.2 Pronunciamento 2 – O falso paradoxo entre saúde e economia	55
3.2.3 Pronunciamento 3 – Falso paradoxo entre saúde e economia continua	58
4 A REPERCUSSÃO DOS TELEJORNAIS JN E JR	63
4.1 Repercussão do primeiro pronunciamento no JN e JR	64
4.1.1 Tema, tempo, escalada e artes	64
4.1.2 Tema	64
4.1.3 Escalada	65
4.1.4 Artes	66
4.1.5 Fontes	69
4.1.6 Argumentos favoráveis e desfavoráveis ao pronunciamento	70
4.2 Repercussão do segundo pronunciamento no JN e JR	78
4.2.1 Tema, tempo, escalada e artes	78
4.2.2 Tema	79
4.2.3 Escalada	80
4.2.4 Artes	80
4.2.5 Fontes	81

4.2.6 Argumentos favoráveis e críticos ao pronunciamento	81
4.3 Repercussão do terceiro pronunciamento no JN e JR	86
4.3.1 Tema, tempo, escalada e artes	86
4.3.2 Tema	87
4.3.3 Escalada	88
4.3.4 Artes	89
4.3.5 Fontes	91
4.3.6 Argumentos favoráveis e críticos ao pronunciamento	92
4.4 Comparando a repercussão dos pronunciamentos no JN e JR	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97

Introdução

Como todo pesquisador nasce de uma inquietação, comigo não foi diferente. Desde a minha inscrição no mestrado tive um único interesse: entender o fenômeno das *fake news* no cenário brasileiro e como os veículos de comunicação de massa, que abrangem a maioria das casas no país, atuam nesta guerra de informação de qualidade. Busca-se uma solução pelo mundo para esse tema que virou um fenômeno emergente, ainda sem resultados claros. A tentativa é fazer com que o povo não seja manipulado pela desinformação.

Como muitos fenômenos contemporâneos da mídia, a desinformação (ou as *fake News*, utilizando aqui o termo que se popularizou), ganhou grande destaque nas redes sociais digitais e nos aplicativos de conversa. Numa pesquisa realizada pela Câmara dos Deputados e pelo Senado vimos que, no Brasil, em média 79% das pessoas se informam via aplicativos como WhatsApp e Facebook. Os problemas são vários: entre um dos principais estão as fontes dessas notícias, que muitas vezes são nebulosas e trabalham de maneira a manipular a informação com interesses escusos. O problema é que atores políticos com grande relevância, como o presidente Jair Bolsonaro e outros, inclusive de oposição, se apropriaram desse compartilhamento de desinformação (mascaradas como verdade) como mecanismo de se comunicarem com seu público. Durante 2019 vimos eclodir a pandemia da covid-19 momento histórico que acentuou essa produção e compartilhamento de desinformação, principalmente atacando a ciência.

Em 17 de novembro de 2019, a cidade de Wuhan, na China, acordou com um novo vírus circulando. Chamado de “novo Coronavírus”, posteriormente intitulado tecnicamente como covid-19 pela Organização Mundial da Saúde¹, OMS, um vírus de grande transmissibilidade que causa vários sintomas, afetando principalmente o pulmão da vítima, destacou-se por atacar não somente a saúde dos cidadãos, mas também todo o sistema socioeconômico mundial. Durante a pandemia o presidente lançou mão de pronunciamentos oficiais em rede nacional para reforçar posicionamentos contrários às recomendações da OMS e de outros países que já vinham combatendo a pandemia com sucesso, como o caso da própria China. O presidente, sem se apoiar em dados científicos², foi acusado de compartilhar desinformação e estimular aglomerações, classificando a covid-19 como uma “gripezinha”³. Em canais não oficiais, ele também contrariava as medidas sanitárias propostas pelo seu próprio ministério, visitando

¹ Cf. <https://www.who.int/about>. Acesso em: 14 nov. 2020.

² Cf. <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1263130475167657984>. Acesso em: 14 nov. 2020.

³ Cf. <https://g1.globo.com/politica/blog/gerson-camarotti/post/2020/03/20/em-meio-a-pandemia-de-coronavirus-bolsonaro-diz-que-gripezinha-nao-vai-derruba-lo.ghtml>. Acesso em: 14 nov. 2020.

comércios locais, consumindo alimentos nesses locais sem utilizar máscaras. A produção e compartilhamento de desinformação durante a pandemia fez com que o Ministério da Saúde, (assim como os veículos jornalísticos) buscasse maneiras para tentar coibi-la, afinal, o trabalho das equipes de saúde e a oferta de uma infraestrutura hospitalar adequada para os doentes podem salvar muitas vidas, mas a informação correta e apurada também, tanto que a imprensa foi declarada serviço essencial conforme decreto⁴ publicado no dia 22 de março de 2020. Nesse sentido, os telejornais ampliaram seus espaços com o objetivo de gerar notícia sobre a pandemia, ora contrapondo inclusive as informações divulgadas em pronunciamentos oficiais em rede nacional do presidente Bolsonaro ora endossando suas falas.

Este estudo busca comparar os dois principais telejornais brasileiros da televisão aberta, Jornal Nacional e Jornal da Record. Ambas as coberturas sofreram críticas por parte do grande público, principalmente entre os dois polos políticos opostos. Com isso, a questão que serviu como bússola para todo esse trabalho é: Como os dois telejornais brasileiros de maior audiência, JN e JR, se posicionaram na cobertura dos pronunciamentos oficiais de Bolsonaro em um cenário de desinformação sobre a pandemia da covid-19?

Como objetivo geral iremos comparar a cobertura dos telejornais de maior audiência no país, Jornal Nacional (JN) e Jornal da Record (JR), em relação aos pronunciamentos oficiais do presidente Bolsonaro, tendo em vista o cenário da desinformação durante a pandemia da covid-19. Como objetivos específicos:

- a) refletir sobre a crise do jornalismo na contemporaneidade diante da disseminação cada vez maior da desinformação;
- b) identificar os argumentos utilizados pelos telejornais em relação aos pronunciamentos de Bolsonaro sobre a pandemia covid-19, de acordo com o seu posicionamento editorial;
- c) identificar os argumentos utilizados por Bolsonaro sobre a pandemia covid-19 que contrariam as orientações da OMS.

Para responder a esses objetivos na parte empírica definimos como recorte amostral os três pronunciamentos oficiais que o presidente Jair Bolsonaro fez em cadeia nacional de televisão tendo com foco principal o seu segundo pronunciamento, que trouxe diversas falas

⁴ Cf. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2020-03/governo-define-atividade-da-imprensa-como-essencial> Acesso em: 20 maio 2020.

contrárias às recomendações oficiais da OMS dadas em coletivas de imprensa pelo seu diretor geral Tedros Adhanom e que gerou grande repercussão na mídia.

A partir disso utilizamos a análise de conteúdo operando por meio de categorias de análise. A análise de conteúdo, de acordo com Bardin (2011): “supera a perspectiva quantitativa, anteriormente explorada nos estudos dos anos 1940/50, e avança no sentido de identificar, compreender e contextualizar os conteúdos em processos comunicacionais inferidos pelo pesquisador/a”. Algumas categorias foram criadas para a análise dos telejornais e outras para os pronunciamentos para que pudéssemos ter uma visão macro e posteriormente fazermos a comparação, avaliando qual se conectou mais ao discurso dito desinformativo do presidente e qual combateu suas principais falas desinformativas.

Resumidamente, os procedimentos metodológicos realizados foram:

1. Pesquisa de Ibope para saber quais são os dois telejornais mais assistidos do país nas respectivas datas dos pronunciamentos oficiais do presidente Jair Bolsonaro.
2. Análise descritiva dos pronunciamentos e dos telejornais que repercutiram as falas do presidente.
3. Análise comparativa dos dois telejornais em relação aos pronunciamentos.

Para tal, esta dissertação de Mestrado está estruturada em quatro capítulos. No primeiro, iremos tratar sobre a relação estrutural que torna o jornalismo uma prática social de muitos lares e que molda e constrói a sociedade através de sua narrativa em busca da verdade. Falaremos sobre a crise no modelo jornalístico e nas mudanças estruturais que o jornalismo vem sofrendo ao longo dos anos, devido à redução de custos e pulverização da audiência, principalmente com o advento das plataformas digitais. A reflexão sobre a verdade jornalística tem como base sua credibilidade. Será discutido o ambiente da pós-verdade, a desinformação como fenômeno potencializado pelas tecnologias digitais e as *fakes news* como conteúdos falsos que circulam com aparência de notícia e interferem no ecossistema jornalístico.

O capítulo dois primeiramente iremos abordar o papel do telejornalismo e as mudanças ocorridas durante a pandemia, com foco nos telejornais analisados. Depois o foco será a relação de Bolsonaro com a pandemia, apresentando a trajetória do político, sua relação com a pandemia e com a mídia. Na sequência, a contextualização da pandemia covid-19 e a sua relação com a crescente onda de desinformação.

No terceiro capítulo, explicaremos a metodologia explicitaremos os procedimentos adotados. Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa, inspirado no método de análise da

materialidade audiovisual de Coutinho (2016), análise de conteúdo conforme Bardin (2011), e os estudos de jornalismo comparado de Melo (1972). Justificamos também o *corpus* e a amostra da pesquisa bem como aplicamos a metodologia para apresentarmos as análises dos três pronunciamentos feitos pelo presidente em cadeia nacional utilizando as classificações propostas por Wardle (2017). Nesse capítulo traremos também um breve histórico sobre os dois telejornais escolhidos.

No quinto capítulo, a análise dos telejornais de acordo com as categorias definidas a *priori* e a *posteriori*. Por fim, a conclusão do trabalho bem como suas considerações finais.

1 JORNALISMO, PÓS-VERDADE E DESINFORMAÇÃO

Neste capítulo vamos tratar do jornalismo e seu aspecto basilar, a credibilidade, em um contexto de pós-verdade e desinformação. Isso porque o jornalismo tem perdido a centralidade como discurso asseverativo dos fatos diante de outros agentes sociais que disputam por meio de narrativas o que deve ou não ser considerado como verdade. O fenômeno da pós-verdade revela que os argumentos racionais do jornalismo não são mais convincentes e que vale mais a desinformação produzida por um grupo que confirme as nossas crenças e valores. Por isso, a desinformação (mais conhecida anteriormente como boato) se tornou um dos principais problemas da atualidade, visto que foi potencializada pelas redes sociais digitais, especialmente em situações como eleições e durante a pandemia covid-19.

1.1 Jornalismo e Credibilidade

Pensar em jornalismo é associá-lo à credibilidade como qualidade basilar de sua existência. O contrato social estabelecido entre jornalismo e público é o de que os jornais relatam a verdade, por isso a relação de confiança sobre o que o jornalismo deve entregar à sociedade pressupõe uma crença anterior sobre o seu papel social. Lisboa e Benetti (2015) relatam em seu artigo que Peucer em sua tese de doutorado sobre relatos e novidades escrita em 1690, já mencionava a suspeição credibilidade jornalística desde o século XVII, bem como menciona Berger que diz que ela é constantemente apontada como o valor mais importante do jornalismo.

Como aspecto essencial, a credibilidade sempre foi tema de ampla discussão nos estudos de jornalismo e fora deles pela sociedade. Porém, nos últimos 5 anos e com o debate ampliado e acelerado pela internet e as redes sociais digitais, a credibilidade do jornalismo tem sido colocada em xeque, especialmente após as eleições estadunidenses que culminaram na vitória do 45º presidente dos Estados Unidos Donald Trump. O político acusou a imprensa⁵ de produzir as tão populares *fake news*, apesar dele próprio ter sido denunciado⁶ como grande disseminador de desinformação contra os candidatos da oposição e assim manipular o resultado do pleito. Nesse sentido, é fundamental entendermos os pilares em que o profissional jornalista, o próprio

⁵ Cf. https://www.youtube.com/watch?v=Vqpk-qGxMU&ab_channel=CNN Acesso em: 20 jan. 2021.

⁶ Cf. <https://www.bbc.com/news/av/world-us-canada-46175024> Acesso em: 20 jan. 2021.

jornalismo como instituição e seus métodos se apoiam e que o tornam referências de um saber intrínseco.

Ao mesmo tempo, surpreende que pessoas corram hoje à farmácia para comprar o que ficou conhecido como Kit Covid⁷, recomendado pelo presidente do país, apesar das informações insistentes sobre a ineficácia dos produtos veiculadas nos meios tradicionais e nos portais noticiosos, inclusive nos telejornais, que consultam médicos e cientistas das mais respeitadas universidades do país. De acordo com pesquisa⁸ feita pela Câmara dos deputados e o Senado, 79% dos brasileiros se informam pelo aplicativo WhatsApp, mas também quase 96%⁹ têm acesso à televisão e aos conteúdos divulgados nos telejornais. O que pode explicar um comportamento como esse? Nesta pesquisa não pretendemos aprofundar as razões desses comportamentos, porém, eles ilustram o contexto da pós-verdade (tema que será apresentado mais adiante).

Como dito anteriormente, a base do jornalismo é a credibilidade. Lisboa e Benetti (2015) propõem uma nova abordagem do conceito, que se desmembra em duas dimensões: a credibilidade constituída e a credibilidade percebida. A credibilidade constituída está amparada em noções de caráter moral, como a competência, a integridade da fonte, o compromisso com a verdade, a sinceridade em expor motivações e interesses e, sobretudo, a reputação. A reputação está alicerçada não só na respeitabilidade que um veículo jornalístico constrói, como também na presença de profissionais jornalistas que agregam credibilidade ao conteúdo, funcionando como fiadores daquela informação. Muitas empresas de notícias disputam jornalistas conhecidos e que gozam de credibilidade com o público, contratando-os para agregar confiança aos conteúdos divulgados, como dizem Lisboa e Benetti (2015, p. 12), a “credibilidade constituída (...) precisa preexistir a percepção do interlocutor”. A outra faceta da credibilidade é a “credibilidade percebida: atribuída ao interlocutor” (LISBOA; BENETTI, 2015, p. 12), que negocia com o veículo jornalístico essa crença: “uma relação intersubjetiva, uma vez que essa negociação nem sempre corresponde aos valores canônicos da ética jornalística”, analisam as autoras (LISBOA; BENETTI, 2015, p. 12). Entretanto, é interessante pensar que aspectos subjetivos podem acabar sendo mais importantes para a credibilidade percebida do que esses atributos morais considerados fundamentais para a credibilidade

⁷ Cf. <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/03/28/venda-de-remedios-do-chamado-kit-covid-dispara-e-medicos-alertam-para-efeitos-colaterais.ghtml> Acesso em: 25 maio 2020.

⁸ Cf. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-12/whatsapp-e-principal-fonte-de-informacao-do-brasileiro-diz-pesquisa> Acesso em: 10 jan. 2021.

⁹ Cf. <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html> Acesso em: 01 jul. 2021.

constituída. “Aspectos aparentes, como o modo de vestir do jornalista, a exposição de sua orientação sexual ou a diagramação de um jornal ou revista também podem afetar a aferição do nível de credibilidade” (LISBOA; BENETTI, 2017, p. 57).

Para Luis Felipe Miguel (1999), outro fator que aproxima o jornalismo da credibilidade é o peso dos pilares que a instituição jornalismo tem como base. O autor considera o conceito de Giddens (apud MIGUEL, 1999), os chamados *expert systems* (sistemas peritos), trazendo-o ao campo do jornalismo, para confirmar o que faz dele fonte de verdade e credibilidade. Sistemas peritos são "sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje" (GIDDENS apud MIGUEL, 1999, p.198). Transpondo para o jornalismo, Miguel trata:

O leitor/ouvinte/ espectador, no papel de consumidor de notícias, mantém em relação ao jornalismo uma atitude de confiança, similar à dos outros sistemas peritos, que pode ser dividida em três momentos: 1) confiança quanto à veracidade das informações relatadas; 2) confiança quanto à justeza na seleção e hierarquização dos elementos importantes ao relato; 3) confiança quanto à justeza na seleção e hierarquização das notícias diante do estoque de "fatos" disponíveis. (MIGUEL, 1999, p.199)

Na construção da credibilidade jornalística também podemos observar a função pedagógica e de referência do jornalismo e do telejornalismo, principalmente durante a pandemia. De acordo com Alsina (2009), o jornalismo possui uma dimensão pedagógica, pois se constitui em um “fazer saber”, ao produzir e circular saberes, valores e representações da realidade. Esses saberes disseminados são de diversas matizes, tornando a mídia e o jornalismo instâncias pedagógicas ao lado de outras instituições sociais. Essa perspectiva condiz com a proposta teórica de Genro Filho (1987), que considera o jornalismo uma forma de conhecimento do mundo, ao lado da ciência e das artes, o qual se dá na disseminação das singularidades dos fatos. Embora o autor reconheça a dimensão alienadora como produto do capitalismo e das tecnologias, também aponta que o jornalismo contém em si a sua própria contradição, no caso, a potencialidade transformadora da notícia, que pode promover a articulação entre o singular e o universal, categorias emprestadas de Luckács, (apud GENRO FILHO, 1987) na sua proposta teórica.

Assim, não podemos negar a dimensão pedagógica e, portanto, de conhecimento do jornalismo, ao divulgar o conhecimento científico aprimorado em tempo real pelos cientistas do mundo todo no que se refere aos protocolos adotados para mitigar os efeitos da covid-19, como endossar o uso de máscaras, o distanciamento social e o uso de álcool em gel. O jornalismo para tal se torna não só uma fonte de referência que baliza o dia a dia da sociedade,

como também, por consequência, uma fonte de conhecimento. Mas, para ser conhecimento, precisa atender em seu próprio discurso três condições:

o jornalismo deve cumprir três condições para se tornar um conhecimento: as condições da crença, da verdade e da justificação. Basicamente, o sujeito deve crer que o jornalismo diz a verdade, e esta verdade deve estar justificada em seu próprio discurso. (LISBOA, BENNETTI, 2015, p.11)

Essas três condições estão ligadas ao que se estabelece filosoficamente como conhecimento, ou seja, a crença no jornalismo está ligada: à “presunção da credibilidade” de que há um conhecimento específico do jornalismo; à verdade na qual o jornalismo se ampara, que relaciona discurso e sua correspondência com o real, amparando essa análise ao que Austin (1961) considera como “existência ontológica dos fatos” (quando abordarmos a pós-verdade, vamos trazer novamente essa perspectiva de verdade); e à justificação, que diz respeito ao método jornalístico – a apuração, em como as evidências são apresentadas (LISBOA; BENNETTI, 2015, p. 14).

Dessa forma, o jornalismo tem a sua credibilidade abalada caso o leitor (ou telespectador) receba a informação que irá ocorrer um temporal durante o dia e o céu ensolarado e sem nuvens no decorrer do tempo não confirme essa previsão, conforme Miguel exemplifica (1999). A construção da credibilidade jornalística se apoia também em algumas estratégias, que abrangem desde formatos a processos de produção e linguagem jornalística, conforme Ana Sena (2013) elucida: a imagem (impressa, no caso do jornal) gravada, mas principalmente transmitida direto (ao vivo) no caso da televisão; a captação de imagens e a edição; o texto em formato pirâmide invertida, onde o fato singular é colocado em destaque no início; o comentário realizado por jornalistas, que ajudam a refletir sobre a informação de maneira mais clara e em linguagem simples; por fim, as fontes, especialistas que gozam de credibilidade anterior (seja um médico, um cientista, um representante de uma instituição). Os métodos de investigação incluem as fontes, a pesquisa documental, a observação e demais formas de apuração que compõem a justificação ou a comprovação dos fatos.

Esses procedimentos são prescrições do jornalismo e fazem parte da função do jornalista, que, como escreve Vizeu (2009, p.80), através desses mecanismos e da busca da verdade consegue “organizar o mundo procurando torná-lo mais compreensível”, tornando o jornalismo uma “[...] atividade profissional de mediação vinculada a uma organização que se dedica basicamente a interpretar a realidade social e mediar os que fazem parte do espetáculo mundano”.

Sendo o jornalismo pedagógico e um sistema perito que organiza, informa e comenta a realidade, tendo como pilar a credibilidade, na sequência iremos apresentar algumas mudanças estruturais que aconteceram ao longo dos anos na profissão e a crise no jornalismo tradicional, o que vem sendo amplamente discutido.

1.2 Mudanças estruturais e crise no jornalismo

Ao longo de sua existência, o jornalismo evoluiu de acordo com as mudanças sociais e culturais, além do avanço do capitalismo e da tecnologia. O fazer jornalístico teve que se moldar para se reinventar (algo que foi ainda mais intensificado durante a pandemia, trataremos disso mais à frente). Especialmente após o advento da internet, da web 2.0 e das tecnologias digitais, houve uma mudança significativa no papel do jornalista como arauto da informação. Isso porque o cidadão com acesso às tecnologias digitais e aos dispositivos eletrônicos e móveis tornou-se um produtor de informação. Um dos pivôs da crise no jornalismo foi a proliferação dos espaços de produção de conteúdo informativo (ADGHIRNI; PEREIRA, 2011, p.39), como, por exemplo, a possibilidade que a internet trouxe com a difusão de blogs noticiosos e a presença das diversas plataformas que permitem a publicação de notícias. Antes, caso quisesse obter informações, o cidadão teria que, necessariamente, ir à banca comprar o jornal, assistir ao telejornal no horário da programação ou ainda ouvir o rádio. Dizemos conteúdo informativo (às vezes desinformativo) e não notícias pois, como vimos no tópico anterior, o jornalista e o jornalismo utilizam de técnicas de coleta e apuração de informações para checar a sua veracidade. Essa coleta de informações, chamada *news gathering*, e as relações com as fontes são colocadas em xeque nessa nova realidade.

Mas falar de mudança estrutural significa falar da mudança mais profunda do que vem a ser o paradigma do jornalismo, e não apenas de uma mera mudança em sua forma. De acordo com Pereira e Adghirni (2011), a consequência é uma crise ética de valores e práticas jornalísticas. Essa mudança, segundo eles, trazendo Charron e Bonville (apud PEREIRA; ADGHIRNI, 2011), veio em decorrência dos modelos de sociedade que se sucederam. Assim, o “Jornalismo de Comunicação”, que tomou forma a partir de 1970, surge:

marcado pelas pressões exercidas pela lógica comercial de uma hiperconcorrência entre publicações”. E também pela emergência de novos gêneros, rotinas e identidades profissionais, a partir de cruzamentos entre a atividade jornalística e práticas “vizinhas”, sobretudo a publicidade, o entretenimento e a comunicação (pública, organizacional e corporativa (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011, p.44)

Destacando o jornalista, essas mudanças levaram também ao questionamento sobre a identidade do próprio profissional:

Pressionado pelas novas tecnologias, pelo crescimento de setores de comunicação organizacional e de jornalismo de entretenimento, pela participação ativa do público e pela democratização das formas de acesso ao espaço público midiático, o jornalista profissional parece vivenciar um momento de indefinição. (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011, p.39)

Em termos práticos, temos grandes mudanças, como: redações muito mais enxutas; precarização das condições de trabalho, com salários mais baixos; a substituição do profissional mais velho, mais experiente, pela mão de obra mais jovem, mais barata; e a utilização das tecnologias digitais incorporadas no dia a dia das redações, que implicaram em mudanças na relação com o público e nas rotinas produtivas, hoje mais aceleradas devido ao imediatismo que os meios digitais proporcionam. Como analisam Pereira e Adghirni (2011), o jornalista se vê na necessidade de ser um profissional multitarefa e multimídia. Não se separa mais o time de jornalistas que escreve para web, para o impresso, para a TV ou Rádio. (DEUZE, 2005; PEREIRA; ADGHIRNI, 2009)

Com a hiper concorrência no meio digital, o jornal online agora não precisa mais fechar a sua edição como acontecia com o jornal impresso, ele está o tempo todo sendo alterado, editado, ao sabor dos acontecimentos. Isso acarreta uma corrida entre quem vai ser o primeiro a postar a matéria, o que também alterou a estrutura do fazer jornalístico, ainda que seja, como explicitam Pereira e Adghirni (2011), cobrado o mesmo rigor da apuração. O tempo curto de checagem pode não garantir a idoneidade da notícia. Em sites e portais noticiosos é possível ver matérias que são editadas em tempo real com os dizeres: essa matéria ainda está em edição. Essa urgência também influencia os outros meios: rádio, televisão e impresso. Alguns estão reunidos em grandes empresas de comunicação, como é o caso das empresas Globo e Record, outros são veículos digitais nativos.

O modelo de negócio jornalístico sofreu bastante ao longo dos anos. Na América do Norte, desde o final dos anos 1990 e início dos anos 2000, antes do advento das redes sociais e da explosão da internet, a receita do jornalismo impresso já sofria declínio, tudo isso devido à mudança de hábitos da população, como não utilizar com dinheiro em moeda (devido ao avanço dos pagamentos com cartões de crédito) e diminuição do número de pontos de venda (GANDOUR, 2019). Segundo Sant'Anna (apud GANDOUR, 2019), a queda expressiva no faturamento bruto dos impressos aqui no Brasil é observada ao longo dos anos 2000.

A chegada da internet significou mudança de comportamento do leitor, tudo ficou a um clique. A própria facilidade de acessar os conteúdos na internet de forma gratuita anteriormente, princípio alicerçado na própria concepção do ciberespaço, moldou o modo de consumir informação. Recentemente, uma pesquisa¹⁰ realizada por um centro de pesquisa na universidade de Oxford, em 2019, indicou que a maioria das pessoas não está disposta a pagar por notícias online. Ainda assim, o Brasil viu crescer o consumo de notícias digitais, de acordo com pesquisa encomendada pela Luminate¹¹: 16% dos brasileiros assinam algum serviço de notícias, colocando o país à frente do Reino Unido (8%) e Alemanha (10%). A indústria do entretenimento também teve que se adaptar à realidade, por bem ou por mal, após notar queda expressiva na receita, como recentemente a do cinema e a de música. Na indústria das notícias, a dificuldade ainda foi maior considerando a disparidade social e econômica elevada no Brasil. O país perdeu 4.9 milhões de leitores de 2015 para 2019.

Alguns modelos¹² de negócio vêm sendo testados como financiamento coletivo (ou *crowdfunding*), assinaturas e outras estratégias para garantir a sobrevivência das empresas. Ao mesmo tempo, estratégias como o *Paywall*, que só liberam o conteúdo mediante assinatura, contribuem para a migração do público para blogs e outros conteúdos acessíveis e gratuitos, muitos assinados por jornalistas renomados, mas outros com interesses escusos e que não garantem uma apuração adequada da informação, pressuposto básico do jornalismo. Alguns deles disseminam desinformação. Além disso, como já foi mencionado anteriormente, as redes sociais e os aplicativos de interação como WhatsApp se tornaram fontes de leitura de notícias para leitores. É o fenômeno da plataformação, mencionado por Van Dijck (2013), que analisa como as grandes empresas do setor de tecnologia da informação e comunicação (TICs) assumiram o comando na disseminação das informações.

As plataformas não são apenas locais estéreis onde o usuário acessa aleatoriamente conteúdo. Sabemos que, ao acessarmos uma rede social, como o Facebook¹³, por exemplo, nossos dados de curtidas indicando preferência de assuntos, páginas que mais acessamos, entre outros, são coletados. Com essa coleta de dados a rede social apresenta uma personalização da

¹⁰ Cf. <https://jornaldebrasil.com.br/blogs-e-colunas/midias-e-identidade/maioria-das-pessoas-nao-esta-disposta-a-pagar-por-noticias-diz-estudo/> Acesso em: 20 jan. 2021.

¹¹ Cf. <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2020/09/25/consumo-de-noticias-digitais-no-brasil-aumenta-na-pandemia.html> Acesso em: 20 jan. 2021.

¹² Cf. <https://www.maven.com.br/blog/conheca-os-novos-modelos-de-negocios-para-o-jornalismo/> Acesso em: 20 jan. 2021

¹³ O Brasil está em peso no Facebook, figurando como terceiro país com maior número de usuários. Cf. <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/139130-brasil-terceiro-pais-usuarios-facebook.htm> - Acesso em: 20 jan. 2021

página, selecionando o conteúdo que irá direcionar ao usuário com base no que mais é acessado, retendo a atenção deste. Outra maneira de hierarquizar o conteúdo mostrado é por meio do pagamento de anúncios, que são direcionados para determinados usuários cujos comportamentos e gostos já foram detectados pelos algoritmos. Assim, arquitetadas para dar lucro majoritariamente por anúncios (correspondentes a 97,9% da receita do Facebook)¹⁴, as redes otimizam a experiência do leitor, coletando dados de navegação e transformando em anúncios e destaques nas respectivas telas. A rede aprende com o tempo o que faz o leitor ficar mais conectado e trabalha no que vem a ser chamado de economia das emoções, ou seja, o algoritmo percebe a propensão a determinados conteúdos mais de direita ou de esquerda, restringindo as pessoas em uma bolha de informação estéreis e muitas vezes patrocinadas por pessoas com interesse em desinformar. De acordo com Wardle (2019), as redes atuam então como câmaras de eco, fazendo com que você acabe atuando mais de maneira emocional do que racional, como cita D'amorim e Miranda (apud KARLSEN, 2021, p. 14) em seu artigo: “as pessoas tendem a favorecer informação que reforce suas visões preexistentes”. “As câmaras de eco resultam na maximização ideológica reforçando tipos diferentes de intolerância bem como espalhando informação falsa” (D'AMORIM; MIRANDA apud KUMAR; SHAH, 2021, p. 14)

De acordo com Van Dijck, “protocolos codificados que parecem ‘mediar’ as atividades sociais das pessoas, enquanto, na verdade, direcionam o tráfego social” (VAN DIJCK, 2013, p. 145). Esse direcionamento, à primeira vista, parece ser interessante, afinal, otimizaria nosso tempo mostrando apenas o que nos interessa. O problema é que não podemos esquecer que deixamos na mão de uma empresa a decisão do que vai nos impactar, fechando-nos em uma bolha informacional que só reitera as nossas convicções, sem direito à pluralidade.

Com um grande público para ser atingido, os jornais migraram também para as plataformas, disseminando seu conteúdo, antes impresso, em seus próprios portais nos ambientes digitais. E como as redes sociais selecionam os conteúdos que vão aparecer na tela de cada um, a plataformização do jornalismo deu poder a essas grandes empresas para decidirem qual notícia irá impactar cada leitor. O problema é que quem paga aparece na frente e, como explica Van Dijck (apud JURNO; D'ANDREA, 2019, p. 184): “as plataformas não possuem a expertise das empresas jornalísticas para cumprir adequadamente esse papel”, o que acaba fazendo com que empresas interessadas a disseminar desinformação paguem pelo

¹⁴ Cf. <https://www.statista.com/statistics/271258/facebooks-advertising-revenue-worldwide/> Acesso em: 20 jan. 2021

impulsioneamento de conteúdo desinformativo a fim de receber algo em troca, como votos numa eleição, por exemplo.

Para tentar supostamente diminuir essa disseminação de desinformação, o Facebook foi pressionado a lançar mão de medidas como negociar com grandes empresas jornalísticas formatos mais curtos de notícias para serem lidos na plataforma, os chamados *Instant Articles*. A problemática exposta por Owen e Bell (2017, p.49), é que com isso as plataformas “influenciam o jornalismo (...) ao incentivar a produção de formatos específicos de conteúdo”. Um dos problemas era que o jornal não receberia e nem poderia cobrar nada para quem clicasse em uma reportagem, a remuneração era exclusivamente feita por anúncios veiculados dentro do Facebook.

No Brasil, em 2018¹⁵, a polca de distribuição de conteúdo da plataforma Facebook fez com que o jornal Folha de São Paulo tomasse a decisão de suspender a divulgação de seus conteúdos pela referida rede social. Primeiramente recusando a ideia de produzir conteúdo via *Instant Articles* devido a não concordar com a maneira que era feita a monetização. Outro motivo foi a diminuição do alcance das publicações com links que levassem o usuário para fora da rede, bem como o fato de privilegiarem conteúdos de interação pessoal, ou seja, favorecer interações com amigos e familiares. Segundo a Folha (2018)¹⁶, essas diretrizes favoreciam a disseminação de desinformação na plataforma, afinal, essa estratégia de mercado não leva em conta a qualidade do conteúdo e leva o usuário a viver numa bolha de opiniões e convicções. Após mudanças na rede, como a adoção nesse ano de 2021 do chamado *Paywall* (quando a pessoa tem acesso apenas ao início da reportagem e na sequencia ela é bloqueada te convidando a assinar o jornal caso queira ler a matéria completa) a Folha voltou a publicar¹⁷ suas reportagens na rede e escreveu um artigo apontando alguns desses motivos do retorno, entre eles a atitude mais firme em relação a postagens com discurso de ódio na rede, bem como a revisão do chamado “passa livre” para políticos na rede. Agora a rede passou a deletar postagens consideradas desinformativas até mesmo pelos políticos, como o caso do presidente Donald Trump¹⁸ e posteriormente do presidente Jair Bolsonaro¹⁹. Outras medidas foram a proteção de

¹⁵ Cf. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/folha-deixa-de-publicar-conteudo-no-facebook.shtml> Acesso em: 12 ago. 2021.

¹⁶ Ibid.

¹⁷ Cf. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/07/folha-volta-a-publicar-conteudo-no-facebook.shtml> Acesso em: 12 ago. 2021.

¹⁸ Cf. <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/01/06/twitter-diz-que-conta-de-trump-ficara-bloqueada-por-12-horas.ghtml> Acesso em: 12 ago. 2021.

¹⁹ Cf. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/depois-do-twitter-facebook-tambem-apaga-post-de-bolsonaro.shtml> Acesso em: 12 ago. 2021.

propriedade intelectual e o financiamento do Projeto Comprova²⁰, no qual veículos se juntaram para investigar conteúdos suspeitos sobre políticas públicas do governo federal. Tendo iniciado em 2018, o projeto ganhou uma versão durante a pandemia.

1.3 Pós-verdade

De acordo com Lisboa e Benetti (2015, p. 15), “Como o conhecimento jornalístico não é da ordem das ciências exatas, a verdade a que aspira é sempre uma aproximação. Não há como fugir das interpretações, pois qualquer fato será mediado por uma”. Esse excerto abre a discussão sobre o fenômeno da pós-verdade, eleita²¹ a palavra do ano pelo Dicionário Oxford em 2016, que vem sendo ativamente discutido no âmbito político e social. Mas, afinal, se o jornalismo, como dito anteriormente, tem como um de seus pilares a verdade, e a sua credibilidade está totalmente ligada à ética do veículo e ao compromisso com a informação apurada, como podemos conceituar o que vem a ser a verdade a qual o jornalismo se apoia? E como ela vem sendo colocada em xeque já há algumas décadas?

Trazendo para o campo filosófico, se para o jornalismo a verdade é primordial, de que verdade estamos falando? Lisboa e Benneti (2015) trazem algumas concepções de verdade e identificam o jornalismo mais próximos de duas delas, a principal delas a verdade como correspondência com o real, por meio de estratégias discursivas que ajudam o leitor a atestar sua autenticidade.

Mas, apesar de falarmos sobre uma verdade por aproximação do real à qual o jornalismo está atrelado e que ele se baseia na crença da veracidade em um mundo em que o relativismo prevalece, devemos considerar as mudanças que ocorreram a partir da metade do século XX, que desembocaram no que hoje podemos denominar pós-verdade. Engana-se quem acredita que a negação da verdade tem origem nas redes sociais digitais: ela é anterior a isso. Segundo Michiko Kakutani (2018), que traz em seu livro uma reflexão histórica desse caminho de pedras na escalada do negacionismo e da desinformação, a credibilidade fragilizada do jornalismo também pode ser associada ao que ela chama “declínio da razão”. Para a autora, alguns sintomas da perda da razão e a morte da verdade são o repúdio a especialistas, o desprezo aos direitos humanos e às políticas climáticas, o fundamentalismo religioso, a dificuldade em identificar

²⁰ Cf. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/06/projeto-comprova-coalizao-que-verifica-conteudos-falsos-inicia-quarta-fase-com-33-veiculos.shtml> Acesso em: 12 ago. 2021.

²¹ Cf. <https://g1.globo.com/educacao/noticia/pos-verdade-e-eleita-a-palavra-do-ano-pelo-dicionario-oxford.ghtml> - Acesso em: 20 jan. 2021.

limites entre opinião e informação e não diferenciar argumentação de bravata. Algumas causas são apontadas pela autora, como o ataque às ideias iluministas pelos conservadores, aos valores liberais e à apropriação do discurso da ciência dita pós-moderna, que faz emergir as subjetividades, questionando visões positivistas que se baseiam na objetividade científica, na garantia da neutralidade como qualidade para se fazer ciência. As ideias iluministas e a perspectiva positivista influenciaram o jornalismo, favorecendo a presunção de verdade à atividade jornalística. Kakutani menciona as “guerras culturais” ocorridas desde o início da década de 1960, em que as narrativas da ciência pós-moderna — de que não existem verdades universais, pois as verdades são moldadas pelas forças sociais e culturais de determinados grupos em determinadas condições históricas — foram simplificadas e cooptadas pelos conservadores para justificar visões de mundo que questionam o conhecimento produzido pela ciência e pelo jornalismo: “não é de hoje que a ideia de que as pessoas desejam conhecer a melhor verdade disponível está fora de moda” (KAKUTANI, 2018, p. 10).

A ideia de pós-verdade, então, “consiste na relativização da verdade, na banalização da objetividade dos dados e na supremacia do discurso emocional.” (ZARZALEJOS, 2017, p. 11). Esse relativismo fez com que as pessoas inventassem suas próprias verdades convenientes, porém, como diz Moynihan (apud KAKUTANI, 2018, p. 10): “Todo mundo tem o direito de ter suas próprias opiniões, não seus próprios fatos”.

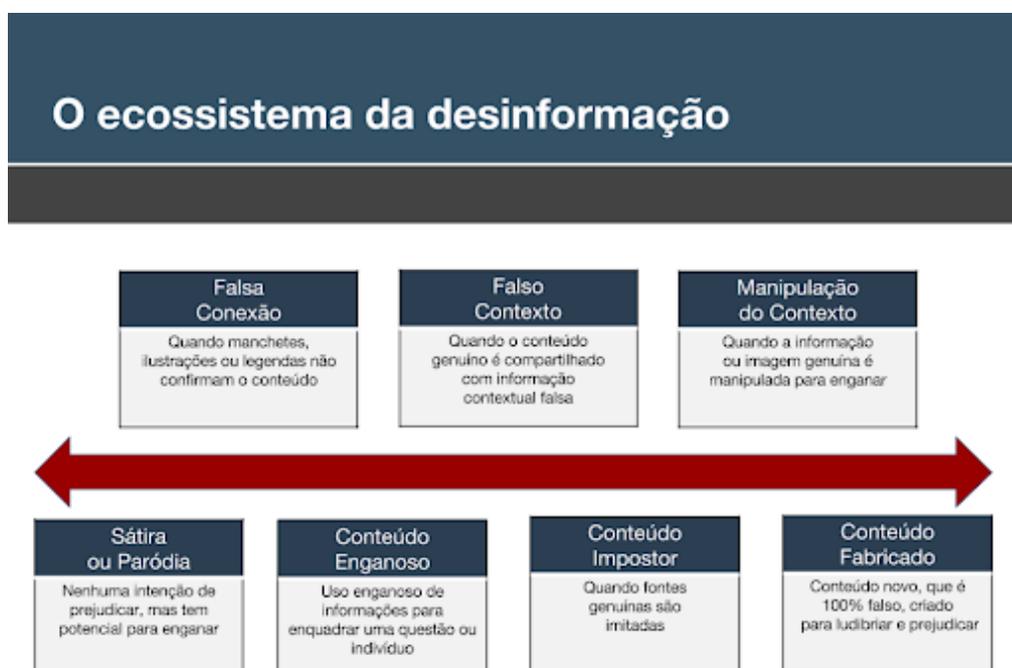
Em um mundo em que as redes sociais amplificaram e aceleraram a disseminação de opiniões travestidas de fatos, reforçando por meio dos algoritmos o que chamamos de filtro bolha (PARISER, 2011).

1.4 Desinformação e *Fake News*

Mas, afinal, o que vem a ser *fake news*? Como classificá-la e identificá-la? A palavra já está banalizada e não se explica por si só. Partimos do pressuposto de Clair Wardle (2017), para quem chamar de *fake news* os diversos tipos de desinformação que circulam pelas redes sociais, pelos aplicativos de interação, não dá a dimensão do que seja efetivamente o complexo contexto da desinformação. A autora, inclusive, critica o uso popular da palavra, pois, segundo ela, não é possível chamar notícias veiculadas em jornais como “notícias falsas”, na tradução literal, uma vez que uma informação só se torna notícia depois que é submetida ao processo de apuração, conforme os critérios que mencionados anteriormente, principalmente o da verdade. Logo, se é *fake*, não pode ser *news*.

Wardle (2017), então, defende um olhar macro para o que ela chama de “ecossistema da desinformação”, muito complexo, segundo ela, para ser definido em uma palavra. Ela utiliza dois termos para propor uma tipologia da desinformação: *misinformation*, “a que é compartilhada sem a devida checagem”, e *disinformation*, “aquela que é feita com intenção de enganar”, que caminharão ao longo desta dissertação em contraponto ao uso do termo *fake News*. Wardle classifica 7 tipos no ecossistema de desinformação, lembrando que a autora não os fecha por completo, uma vez que a comunicação é orgânica e em constante mudança. A seguir, uma ilustração explica a categorização proposta:

Figura 1 – Ecossistema da Desinformação



Fonte: (WARDLE, 2017)

No jornalismo profissional, a técnica e os mecanismos de apuração da notícia devem garantir que essas manifestações de desinformação tipificadas por Wardle sejam inibidos. E quando há alguma falha, o jornalismo precisa se explicar e se desculpar perante o leitor. Porém, quando se tem fonte escusa, ou que mimetiza uma fonte jornalística, fica mais fácil se deixar levar pela emoção de algo que confirma crenças e posicionamentos. É muito comum vermos conteúdos que conferem desinformação dentro e fora da rede. A “Falsa Conexão” pode ser exemplificada pelas manchetes sensacionalistas, criadas muitas vezes para atrair o leitor a acessar o conteúdo (caça-cliques), cujo conteúdo nada remete ao título ou imagem que atraiu

inicialmente. “Falso Contexto” é um tipo de desinformação bastante propagada, como a que ocorreu durante pandemia, quando deputados invadiram²² hospitais de campanha gravando vídeos para “mostrar” que os leitos do hospital de campanha em São Paulo estavam vazios, quando na verdade foram filmadas apenas as alas que ainda estavam desativadas. A “Manipulação de Contexto” também é bastante comum, muitas vezes mescla-se uma imagem sobre fato que aconteceu e se insere em outro contexto, como fotos²³ de caixões abandonados em beira de estrada em anos anteriores, sem relação com a pandemia, para tentar desmentir o número elevado de mortos por complicações da covid-19. Durante a pandemia covid-19, houve a disseminação de “Conteúdo Enganoso” propagado pelo próprio presidente da república, quando ele fez propaganda de remédio contra a infecção sem comprovação de eficácia. O “Conteúdo Impostor” também pode ser observado durante a pandemia, como vídeos que mimetizam reportagens jornalísticas com conteúdo mentiroso. Como “Conteúdo Enganoso”, podemos citar o conteúdo que mostrou o presidente Jair Bolsonaro atestando que a morte de um participante da pesquisa relacionada à comprovação da eficácia da vacina Coronavac contra a covid-19 tinha como causa a própria vacina, o que não foi confirmado.

O fenômeno da desinformação tem se tornado o grande debate nos últimos anos, principalmente em relação ao seu impacto profundo na política e na democracia. Na política acusa-se políticos de financiarem esquemas para desinformar propositalmente a fim de manipular a opinião alheia e reforçar seus interesses escusos. Um desses interesses é o de manipular as eleições e minar a democracia, como o caso Cambridge Analytica²⁴ nos EUA que descobriu o financiamento de peças desinformativas nas redes sociais que induzia o voto ao candidato Donald Trump. Aqui no Brasil, a CPMI das Fake News²⁵ foi instaurada em 2019 a fim de descobrir um esquema similar ao norte americano nas eleições presidenciais que culminaram na eleição do presidente Jair Bolsonaro em 2018.

No dia a dia da população, a desinformação virou até piada e marca registrada de algumas figuras familiares. Quem não conhece alguém que compartilha aquela imagem que não tem credibilidade alguma? A dificuldade de identificar os autores e de criar leis para sanar esse problema vem sendo discutida no mundo todo. É de se esperar mesmo, uma vez que alguns mecanismos da máquina de produção de desinformação são conhecidos, porém dificilmente

²² Cf. <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2020/06/05/e-fake-que-hospital-de-campanha-do-anhembis-ficou-vazio.ghtml> Acesso em: 20 jan. /2021

²³ Cf. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52584458> Acesso em: 20 jan. 2021

²⁴ Cf. <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/entenda-o-escandalo-de-uso-politico-de-dados-que-derrubou-valor-do-facebook-e-o-colocou-na-mira-de-autoridades.ghtml> Acesso em: 15 maio 2021

²⁵ Cf. <https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?0=1&codcol=2292> Acesso em 15 maio 2021

conseguem ser desmontados antes que a informação já não tenha causado seu estrago. É natural que eles se aprimorem com o passar dos anos e até se multipliquem. Esse é um dos motivos também para que Clair Wardle (2017) mantenha em aberto suas categorias de classificação da desinformação, pois não sabemos o que pode vir depois. Sabemos que alguns se utilizam de robôs²⁶ hospedados em países com segurança digital deficitária e leis que dificultam o rastreamento da origem da desinformação. Algumas são facilmente decifráveis como falsas, porém outras são elaboradas a ponto de simularem fontes genuínas, sendo difícil até mesmo para quem tem mais conhecimento identificar. Um exemplo são as *deep fakes*, modalidade de desinformação, por exemplo, em que se manipula em vídeo a voz e os movimentos faciais de uma autoridade, por exemplo, com edição avançada e conteúdo falso.

Para tentar educar as pessoas, diversos “manuais de conduta” foram criados a fim de ensinar a identificar e evitar a propagação da desinformação. Um deles pode ser baixado no site da UNESCO²⁷. Durante a pandemia, a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização das Nações Unidas (ONU), entre outras entidades internacionais, demonstraram²⁸ logo no início grande preocupação com a potencialização da desinformação pelas mídias digitais sobre o vírus recém-descoberto.

Apresentado o fenômeno da desinformação e sua classificação por Wardle no contexto da pós-verdade, bem como os conceitos relacionados à credibilidade do jornalismo e o contexto e implicações das mudanças estruturais tendo em vista as tecnologias digitais e a sua apropriação na prática jornalística, vamos nos debruçar no próximo capítulo sobre a pandemia da covid-19 no contexto político no qual emerge a figura de Jair Bolsonaro e sua relação turbulenta com a mídia desde parlamentar, bem como explicitar o papel e as dificuldades que o telejornalismo teve no combate a desinformação e no contraponto à negação da ciência, reafirmando todos os compromissos basilares jornalísticos ora apresentados.

²⁶ <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/03/bolsonaro-e-seus-robos-como-funciona-a-propagacao-de-fake-news-sobre-o-coronavirus> Acesso em: 15 maio 2021

²⁷ Cf. <https://en.unesco.org/fightfakenews> Acesso em: 15 maio 2021

²⁸ Cf. <https://www.un.org/en/un-coronavirus-communications-team/un-tackling-%E2%80%98infodemic%E2%80%99-misinformation-and-cybercrime-covid-19> Acesso em: 15 maio 2021

2 TELEJORNAL, BOLSONARO E A COVID-19

2.1 O papel do telejornalismo durante a pandemia

Como dito no capítulo anterior, o telejornalismo tem o papel de transmitir também o conhecimento e exerce uma função social e ocupa lugar de referência para os telespectadores, afinal, as pessoas tomam decisões com base no que assistem nos jornais. Durante a pandemia, a imprensa foi considerada por decreto²⁹ do governo federal, serviço essencial e consolidou ainda mais essa sua posição em um ambiente bastante hostil de muita desinformação e negacionismo científico, principalmente nas redes sociais. Um levantamento³⁰ feito pela rede de mobilização social online, AVAAZ, mostrou que sete em cada dez brasileiros acreditaram em alguma desinformação sobre a covid-19. Para tratar da pandemia, o telejornal teve seu espaço aumentado na grade diária das principais emissoras, grande parte pela impossibilidade de gravação de produtos de entretenimento, que geralmente ocupam a maior parte da programação, como novelas e programas de auditório, devido às restrições da covid-19, mas também para cumprir o papel de prover informações seguras sobre a pandemia, uma até então novidade.

Esse aumento do tempo no ar no início da pandemia acendeu um farol para os índices de audiência, o jornalismo viu o que imaginou ser uma possível retomada das pessoas ao hábito de consumir informação pelas fontes tradicionais. Pesquisa feita pelo Instituto Datafolha em março de 2020 revelou que programas jornalísticos de televisão eram vistos como confiáveis por 61% dos entrevistados, contra 12% de confiança em informações obtidas nas redes sociais, como *WhatsApp* e *Facebook*. Isso também é decorrência da grande difusão da televisão no país, presente em 96,3% dos lares, de acordo com levantamento feito pelo IBGE em 2019, como explica o professor da FACOM Paulo Roberto Leal em entrevista para o site de notícias da Universidade Federal de Juiz de Fora:

²⁹ Cf. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2020-03/governo-define-atividade-da-imprensa-como-essencial> Acesso em: 15 ago. 2021.

³⁰ Cf. <https://congressoemfoco.uol.com.br/saude/sete-em-cada-dez-brasileiros-creem-em-noticia-falsa-sobre-covid-19-revela-avaaz/> Acesso em: 15 ago. 2021.

“[...] no caso da tv, há uma variável interveniente que é a sua quase universalização no Brasil. Ele (Paulo Roberto) destaca que não há nenhum outro meio de comunicação com o nível de alcance em quase totalidade dos lares brasileiros. “Parte significativa da população brasileira não tem ainda capacidade de consumo – porque não pode, em alguns casos, ou porque não pode e não quer, em alguns outros – de veículos impressos ou a sites noticiosos, onde haja uma densidade maior de informação. A indicação da TV no nível em que ela aparece nas pesquisas é resultado, em parte, não necessariamente de um trabalho melhor da TV, mas da sua presença cotidiana em muito mais lares do que qualquer outra tecnologia”. (LEAL, 2020, online)

Durante os primeiros meses de pandemia, a televisão viu um aumento de 17% de audiência³¹ e jornais como a Folha de S. Paulo bateram recorde com 176,9% de visitas no mesmo mês. Porém, a hipótese não se consolidou. A audiência conquistada pelo Jornal Nacional teve recuo³² logo em agosto de 2020, voltando aos números pré-pandêmicos. Em 2021, dedicando grande parte para a cobertura da pandemia, o telejornal³³ sofreu uma queda ainda maior na audiência, aproximando-o do recorde negativo histórico de 2015. Enquanto isso o telejornal da Record registrou crescimento de 15% em todo país.³⁴

Porém, o telejornal exerceu papel fundamental oferecendo um panorama da doença e seu espalhamento pelo país, trazendo diariamente os índices de contaminação nos diversos estados, bem como as descobertas diárias da ciência sobre o vírus, sob a batuta principalmente da Organização Mundial da Saúde (OMS), reforçando seu caráter pedagógico. Além disso, o telejornalismo não só exerceu papel essencial na democratização das informações sobre a covid-19 no âmbito científico como também diariamente na fiscalização das ações dos governos municipais, estaduais e federal no emprego dos recursos destinados ao combate da pandemia; nas construções de hospitais de campanha devido à necessidade do aumento dos leitos de UTI e esgotamento da rede existente; nas suspeitas de compras superfaturadas de respiradores e materiais de EPI como máscaras; na falta de organização e demora dos governos para a tomada de ações; na negligência na compra de vacinas; e de gestão na oferta oxigênio em Manaus, que acabou vitimando centenas de pacientes internados. Dito isso, vemos a importância do jornalismo na democracia exercendo a função do que se chama quarto poder, abarcando também essa característica que aproxima a política do cidadão e serve de amplificador das demandas sociais.

³¹ Cf. <https://portaldacomunicacao.com.br/2020/05/jornalismo-crece-em-audiencia-na-pandemia-do-coronavirus/> Acesso em: 15 ago. 2021.

³² Cf. <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/telejornais-da-globo-perdem-toda-audiencia-conquistada-com-pandemia-40362> Acesso em: 15 ago. 2021.

³³ Cf. <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/jornal-nacional-da-pandemia-perde-ibope-e-se-aproxima-de-recorde-negativo-historico-60136> Acesso em: 15 ago. 2021.

³⁴ Cf. <https://www.uol.com.br/splash/colunas/fefito/2021/02/08/audiencia-dp-jornal-da-record-crece-15-em-todo-o-pais.htm> Acesso em: 15 ago. 2021.

Apesar disso, entendemos que também sofreu o jornalismo praticado pelas empresas comerciais que tem interesses econômicos que podem contrastar com valores éticos e morais. Portanto, não se pode atribuir ao jornalismo um caráter canônico:

Antes visto apenas com a função de cobrar e fiscalizar o judiciário, legislativo e executivo, hoje já não podemos mais ver de maneira ingênua, uma vez que “já que se vincula com as forças de geração de demanda, a publicidade, modelando as condutas e as consciências de acordo com o que a economia de mercado determina (RIZOTTO, apud SODRÉ, 2012, p. 114).

Nos telejornais que serão abordados na parte empírica desta dissertação, vamos ver como esses interesses corporativos muitas vezes acabam se confundindo com os princípios de uma imprensa apartidária.

Mas afinal, quais foram as mudanças que levaram o telejornal para uma nova realidade durante a pandemia?

2.2 As mudanças provocadas pela pandemia nos principais telejornais

Durante a pandemia, o fazer jornalístico teve que ser adaptado para a nova realidade do distanciamento social. A cultura do *home office* foi forçadamente e amplamente instituída nas rotinas pelas empresas e isso afetou consequentemente a forma de coleta de dados com fontes, bem como a parte técnica da captação em novos formatos de vídeo / áudio a fim de evitar a contaminação dos jornalistas antes acostumados a ir a campo para realizar as entrevistas. Temer reflete em seu artigo sobre essa mudança trazendo o pensamento de Charaudeau:

o dispositivo que ajuda a construir o discurso das mídias é resultado da articulação de diversos elementos físicos que estão relacionados diretamente com a produção de sentido midiática que ajudam a moldar a mensagem veiculada na mídia. Ou seja, para contar uma história lança-se mão de várias características no âmbito do discurso e do formato. Tudo isso para completar os três desafios do telejornal: “o de visibilidade (que faz com que as notícias sejam percebidas pelo telespectador de forma clara, precisa e direta), inteligibilidade (que obriga o telejornal a ter uma linguagem acessível) e da espetacularização (que leva o telejornalismo a realizar uma encenação do real com o objetivo de provocar interesse e emoção (TEMER, 2020, p. 332).

Entre esses elementos, não podemos refletir sobre o caráter humano e psicológico do profissional jornalista que, na ânsia da cobertura em um momento tão excepcional, muitas vezes demonstrou sinal de esgotamento com essa expansão do tempo na programação. No

documentário “Cercados”, exibido pelo Globoplay³⁵, que mostra os bastidores da cobertura jornalística feita pelo Jornal Nacional durante a pandemia e seus impasses com o governo federal, é marcante uma cena na qual Bonner se queixa da falta de concentração ao dar a notícia sobre um hospital que estava utilizando sacos plásticos para simular balões de ar, pois faltavam respiradores. Ele disse que a notícia foi transmitida em tom inadequado porque estava exausto e sem concentração.

O jornalismo também reforçou seu caráter pedagógico com especialistas, referências na área de saúde e da pesquisa. Fontes como a cientista Natalia Pasternak e médico Roberto Kalil Filho³⁶, entre outros, passaram a aparecer praticamente todos os dias nos telejornais, trazendo os avanços científicos de maneira descomplicada para o dia a dia dos telespectadores. O aumento do tempo de grade também trouxe o desafio de criar informativos exclusivos sobre a covid-19. A TV Globo criou o “Combate ao Coronavírus”, telejornal matinal que trazia informações sobre a pandemia. Já a TV Record trouxe também em sua grade o “Boletim Coronavírus”, com formatos consagrados como mitos e verdades para contrapor desinformações divulgadas durante a pandemia.

A figura do repórter também se modificou na tela. No início da pandemia, não se falava no uso de máscaras, parte com receio da escassez de estoque dos Equipamentos de Proteção Individual (EPI) para a linha de frente nos hospitais. Com o passar do tempo, o uso de máscaras virou lei³⁷ e começou então a ser utilizada pelos repórteres que faziam passagens na rua. A fala então fica mais abafada, dificultando também a visualização de sua expressão facial. O primor técnico de enquadramentos mais elaborados em entrevistas é substituído pelas videochamadas realizadas em sua maioria através de aplicativos como Skype, Zoom ou Microsoft Teams. Com isso, a qualidade estética da imagem decaiu, uma vez que, em sua maioria, o próprio entrevistado que não é profissional de audiovisual posiciona sua câmera. A conexão com a internet também trouxe um outro desafio ao telejornal, muitas vezes falhando e tornando mais difícil a compreensão da mensagem, demandando mais atenção dos apresentadores para corrigir

³⁵ Documentário realizado pela TV Globo em 2020. Cf. <https://globoplay.globo.com/cercados/t/FKjMrH2mtB/> Acesso em: 14 ago. 2021.

³⁶ Natalia Pasternak é bióloga, divulgadora científica e presidente do instituto Questão de Ciência, tendo participado de diversos telejornais falando sobre a covid-19. Roberto Kalil Filho é médico cardiologista formado pela Universidade de São Paulo, onde também é professor. Atua nos hospitais de referência da cidade de São Paulo.

³⁷ Em São Paulo, a partir de 04 de maio de 2020 o decreto estadual número 64.959 passou a obrigar o uso de máscaras em ambientes públicos com multa pelo seu descumprimento. Cf. <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2020/decreto-64959-04.05.2020.html#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20uso%20geral,19%20e%20d%C3%A1%20medidas%20correlatas> Acesso em: 15 ago. 2021.

eventuais falhas técnicas. E como televisão é imagem e som, o áudio das entrevistas também acabou sofrendo, pois, notoriamente, não se tem acesso a equipamentos de captação de som de qualidade profissional, o que torna a compreensão mais difícil.

Diante de todos esses desafios técnicos, estéticos e da cobertura que formam a base da negociação de sentidos entre telespectador e jornalista, os manuais de telejornalismo acabaram superados pela realidade da pandemia. O aprendizado obtido nesse período poderá ou não influenciar a linguagem do telejornal e suas práticas no mundo pós-pandêmico.

2.3 Bolsonaro e pandemia: antecedentes e relação com a pandemia e a mídia

O recorte escolhido para a parte empírica do trabalho compreende 3 pronunciamentos oficiais do Presidente Jair Bolsonaro em cadeia nacional feitos no início da pandemia. Apesar do interregno de mais de um ano, o interessante de poder ainda estar desenvolvendo este trabalho, já com as boas notícias do controle da doença com as vacinas, é conseguir ter uma visão macro de como começamos e os caminhos que trilhamos (ou estamos ainda trilhando) para tentarmos refletir então sobre o impacto da desinformação, principalmente por um ator social de grande relevância como o presidente da República, nos dois maiores telejornais do país. Para tal, é preciso refletir que figuras de grande notoriedade cumprem um papel que vai além do político. Ser presidente é ser o espelho moral e ético, principalmente para aqueles que, por meio das eleições diretas, ocorridas após a redemocratização promulgada pela constituição de 1988, o elegeram representante do povo.

Jair Bolsonaro, em apenas seis meses de pandemia, deu 653³⁸ declarações falsas ou distorcidas, segundo a agência de checagem Aos Fatos³⁹. Na queda de braço com governadores e prefeitos no controle das medidas sanitárias da pandemia, o presidente acabou compartilhando e/ou produzindo desinformações, como a defesa de um suposto tratamento precoce contemplando medicamentos sem comprovação científica contra a covid-19, chamado Kit Covid. É difícil acreditar que esses exemplos não tenham contribuído para uma disparada de casos de covid-19 no país. De acordo com o Conselho Federal de Farmácia (CFF), a venda do medicamento antiparasitário Ivermectina e o antimalárico Cloroquina aumentou⁴⁰ 857% e

³⁸ Cf. <https://www.aosfatos.org/noticias/bolsonaro-deu-656-declaracoes-falsas-ou-distorcidas-sobre-covid-19-em-seis-meses-de-pandemia/> Acesso em: 15 ago. 2021.

³⁹ Aos Fatos é um site jornalístico independente de verificação de fatos. Cf. <https://www.aosfatos.org/quem-somos/> Acesso em: 15 ago. 2021.

⁴⁰ Cf. <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/05/06/venda-de-ivermectina-cresce-857-no-ultimo-ano> Acesso em: 15 ago. 2021.

126%, respectivamente, após as falas do presidente. Ele também despromoveu o distanciamento social, medida amplamente adotada pelo mundo e recomendada pela OMS para diminuir a disseminação do vírus, colocando-o como contrário à economia. O presidente também deu declarações públicas questionando a segurança de vacinas, que foram produzidas em tempo recorde, mas utilizando as mesmas plataformas que já vinham sendo estudadas para outras vacinas há muitos anos, como a de vírus inativado, vetor viral, RNA e RNA mensageiro⁴¹, somado ao fato de que alguns laboratórios receberam investimento para converter as pesquisas para o novo vírus. Em declaração dada em 17 de dezembro de 2020⁴², Bolsonaro disse que as vacinas da Pfizer poderiam transformar as pessoas em jacarés. Nesse momento, junho de 2021, o país somava mais de 450 mil mortos, o que fez do Brasil o terceiro país com mais mortes pela covid-19, atrás apenas dos EUA e da Índia. Segundo a microbiologista Natalia Pasternak, não é possível medir quantas pessoas morreram por conta da desinformação, mas que a postura do presidente "confunde as pessoas", fazendo com que assumam um "comportamento de risco" ao copiar o exemplo do chefe do Executivo e dispensar seu uso⁴³. Toda essa relação conflituosa entre Bolsonaro, ciência e desinformação pode ter sido um dos motivos para o Brasil se encontrar em posição fragilizada.

Mas Bolsonaro não passou a atacar sistematicamente as narrativas científicas e históricas a partir da pandemia. Não podemos olhar apenas para os números da pandemia e nem Jair Bolsonaro apenas após a sua eleição para presidente, pois incorreríamos em uma análise simplista, deixando de contextualizar uma figura pública que transita no mundo político desde 1988, quando se elegeu vereador pelo Rio de Janeiro pela primeira vez.

Trazendo um panorama do presidente Jair Bolsonaro desde suas origens em Eldorado, a série⁴⁴ realizada pela Rádio Novelo em parceria com a revista Piauí e disponibilizado na plataforma de streaming Spotify narrada pela jornalista e repórter de política Carol Pires revisita o passado do presidente quando estar na política não estava ainda em seu horizonte. E é nesse passado histórico da vida do atual presidente que podemos tentar inferir de onde vem suas origens políticas e anseios que são traduzidas em suas políticas públicas, postagens e ideias.

⁴¹ Cf. <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2020/decreto-64959-04.05.2020.html#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20uso%20geral,19%20e%20d%C3%A1%20medidas%20correlatas> Acesso em: 15 ago. 2021.

⁴² Cf. https://www.youtube.com/watch?v=IBCXkVOEH-8&ab_channel=UOL Acesso em: 15 ago. 2021.

⁴³ Cf. https://www.youtube.com/watch?v=tDDUPNH0II8&t=1s&ab_channel=kaer51kaer51 Acesso em: 15 ago. 2021.

⁴⁴ Cf. <https://piaui.folha.uol.com.br/radio-piaui/retrato-narrado/> Acesso em: 15 ago. 2021.

Bolsonaro cresceu no Vale do Ribeira, região conhecida por ter uma grande área de proteção indígena e quilombola. Terra rica, Jair cresceu com a visão de que essa demarcação de terras indígenas atravancava o progresso do Vale do Ribeira. A demarcação de terras impede a exploração de mineradores na região. Há quatro anos Bolsonaro foi processado após falar no clube Hebraica no Rio de Janeiro que “afrodescendentes de quilombos não servem nem para procriar”.

O presidente também teve contato a época com um dos piores momentos da repressão da ditadura no país. Nesses tempos ocorreu a deserção do militar guerrilheiro Carlos Lamarca na região. Lamarca, que fundou uma guerrilha armada na região, a Vanguarda Popular Revolucionária, que lutou contra o regime militar matando inclusive alguns militares, assaltos a bancos e o sequestro do embaixador Giovanni Bucher. A caçada a ela mobilizou mais de 3 mil homens e levou o exército a jogar bombas na região. Isso também acabou por se tornar um alicerce do pensamento anticomunista de Bolsonaro.

Jair Messias Bolsonaro tem raízes fincadas no exército. Formado em 1977 na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), tem no seu currículo momentos que o trouxeram para os holofotes, com rompimentos do ordenamento legal, como quando foi acusado de planejar “explodir unidades militares”, bem como “incentivar a quebra de hierarquia dentro do exército⁴⁵. Ele se autointitula “um cristão, um homem de família, e patriota”, que sempre esteve ao lado da direita conservadora no campo da política e, na defesa desse seu posicionamento conservador, polemizou com falas vistas muitas vezes como antidemocráticas. As suas frases são facilmente encontradas na internet, falas do político que tentam minimizar ou desprezar parte da história do Brasil, como a exaltação à ditadura militar, denominada por ele como “revolução”, tentando estabelecer uma narrativa de heróis (pessoas de direita e torturadores) contra vilões (pessoas de esquerda / “comunistas”), polarizando ainda mais o campo político. Em diversos momentos demonstrou desprezo pelas instituições democráticas como Superior Tribunal Federal (STF), considerado na democracia o guardião da constituição promulgada em 1988 pela Assembleia Nacional Constituinte, sugerindo o seu fechamento. Em 1999 deu entrevista ao programa “Câmara Aberta”⁴⁶, no qual sugeriu fuzilar o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e criticou o regime democrático chamando-o de “uma porcaria... daria o golpe no mesmo dia, não funciona”. Esse caráter autoritário e saudosista de um momento histórico aparentemente dramático e superado é visto em seu discurso até hoje, o que o coloca

⁴⁵ Cf. <https://veja.abril.com.br/blog/reveja/o-artigo-em-veja-e-a-prisao-de-bolsonaro-nos-anos-1980/> Acesso em: 15 ago. 2021.

⁴⁶ Cf. https://www.youtube.com/watch?v=VRzVMcOdK1I&ab_channel=Poder360 Acesso em: 15 ago. 2021.

em conflito com uma das funções principais da mídia em regimes democráticos, a de cobrar o poder público, mas Bolsonaro parece não gostar de ser questionado. Durante a pandemia isso ficou ainda mais claro, quando se viu uma postura pouco democrática e republicana com os jornalistas, apesar de dizer abertamente que é a favor da imprensa livre⁴⁷.

A comunicação de Bolsonaro com a imprensa tradicional é marcada por momentos de tensão. Durante a pandemia, o presidente criou o hábito de dar rápidas entrevistas coletivas no chamado “cercadinho”, uma área externa ao Palácio da Alvorada onde recebia seus apoiadores e, logo ao lado, a imprensa. Nas reportagens veiculadas em diversas emissoras, é possível ouvir os apoiadores chamando-o de “mito” e muitas vezes ofendendo os jornalistas com palavras como “imprensa marrom, imprensa comunista, mentirosa”⁴⁸. Alguns direcionam o xingamento e gritam “Globo Lixo”. No ritual, após falar com os apoiadores, ele se dirige aos microfones dos jornalistas para responder alguma pergunta, porém, ao ser questionado sobre algum assunto que não queira responder, ameaça não dizer nada. Em momentos de animosidade, o presidente chegou a mandar⁴⁹ uma jornalista calar a boca quando questionado sobre as acusações do ex-ministro Sergio Moro em relação à interferência do presidente da polícia federal. Esse movimento fez com que jornalistas postassem nas redes sociais fotos com a hashtag “eu não me calo”⁵⁰. Bolsonaro também chegou a falar que por ele já teria fechado os jornais Folha de S. Paulo, a TV Globo, o Estadão e O Antagonista, pois, segundo ele, são “fábricas de *fake news*”.

Esse perfil explosivo e considerado antidemocrático levou alguns artigos, como na revista Cult⁵¹ e no jornal El País⁵², a fazerem paralelo com o pensamento da filósofa alemã Hannah Arendt, que ocupou grande parte da sua grande obra para refletir no que levou a Alemanha a embarcar no nazismo de Hitler a partir de 1933. Para Arendt, o nazismo foi um regime baseado na recriação de uma verdade que jamais existiu, ou seja, um ideal inalcançável que criou inimigos inexistentes:

⁴⁷ Cf. <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-diz-que-imprensa-livre-garantia-de-democracia-critica-veiculos-parciais-23352495> Acesso em: 15 ago. 2021.

⁴⁸ Cf. https://www.youtube.com/watch?v=ZP19Ka2tpEY&ab_channel=UOL Acesso em: 15 ago. 2021.

⁴⁹ Cf. <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-manda-reporter-calar-a-boca-e-diz-que-nao-interferiu-na-pf/> Acesso em: 15 ago. 2021.

⁵⁰ Cf.

<https://www.google.com/search?q=jornalistas+fazem+a+campanha+%E2%80%98eu+n%C3%A3o+me+calo%E2%80%99&oq=jornalistas+fazem+a+campanha+%E2%80%98eu+n%C3%A3o+me+calo%E2%80%99&aqs=chrome..69i57j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8> Acesso em: 15 ago. 2021.

⁵¹ Cf. <https://revistacult.uol.com.br/home/hannah-arendt-bolsonarismo/> Acesso em: 15 ago. 2021.

⁵² Cf. <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-11-11/o-caso-stalin-e-o-espantalho-arendt-no-brasil-de-bolsonaro.html> Acesso em: 15 ago. 2021.

Mesmo na Alemanha hitleriana e na Rússia estalinista, era mais perigoso falar de campos de concentração e de extermínio, cuja existência não era um segredo, do que exprimir pontos de vista «heréticos» sobre o antisemitismo, o racismo e o comunismo. O que parece ainda mais perturbante é que as verdades de facto incómodas são toleradas nos países livres, mas ao preço de serem muitas vezes, consciente ou inconscientemente, transformadas em opiniões - como se factos como o apoio de Hitler pela Alemanha ou o desmoronamento da França diante dos exércitos alemães em 1940, ou a política do Vaticano durante a segunda guerra mundial, não fossem da ordem da história, mas da ordem da opinião [...] (ARENDDT, 1967, p. 10)

Para Arendt a verdade nunca foi um valor considerável na política, pois, segundo ela: “As mentiras foram sempre consideradas como instrumentos necessários e legítimos, não apenas na profissão de político ou demagogo, mas também na de homem de estado”. (ARENDDT, 1967, p. 03)

Em artigo refletindo sobre política a partir da obra de Hannah Arendt, Ricardo Silva (2020) faz uma ressalva sobre os conceitos que levaram a Alemanha Hitleriana a um governo totalitário. Para ele, o governo Bolsonaro não tem características totalitárias e sim autoritárias. Para tal, alguns aspectos do nazismo expostos por Arendt em “A origem do totalitarismo” (1991) não possuem paralelo com o atual governo, como a necessidade de um líder intelectualmente, politicamente forte e único. Sabe-se que o governo Bolsonaro se elegeu com a proposta de negar o tradicional tomá-la-dá-cá político e oferecer os cargos de mais alto comando da nação para os chamados superministros, como Sérgio Moro no Ministério da Justiça, que ganhou popularidade pelas investigações da operação Lava Jato, e Paulo Guedes no Ministério da Economia, visto como um guru da economia liberal. As nomeações chegaram a ofuscar essa unidade do líder Bolsonaro. A chegada de Bolsonaro ao poder agregou ideologias diferentes, que encontraram uma política de “esquerda” fragilizada pelo governo petista, que protagonizou grandes escândalos de corrupção, principalmente no caso da Petrobras. Essa falta de unidade tornaria mais complicado uma grande adesão à ideia de um poder totalitário, mas flerta com um poder autoritário.

Logo, se os fatos são transformados em mera opinião, uma verdade histórica como a tortura e o assassinato de 475 pessoas durante a ditadura militar no Brasil, de acordo com o livro *Direito a Memória e a Verdade da Secretaria Especial dos Direitos Humanos*⁵³ da Presidência da República, pode ser questionada. Nesse sentido, o jornalismo deve se ocupar de demonstrar, pelos métodos jornalísticos, a verdade⁵⁴, tem um dever ético em contrapor a desinformação. Se a política é o que rege a sociedade e é a base da democracia, não ter a verdade

⁵³ Cf. <https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/diversos/memoria.pdf> Acesso em: 15 ago. 2021

⁵⁴ A verdade para o jornalismo, como mencionado no capítulo 1

como qualidade principal é adotar o modelo da desinformação para governar, e governar a partir da mentira, segundo Silva:

Se a política cuida do mundo, nos encontramos em risco perene, pois a mentira toma o lugar da verdade e ocupa o status de “verdade última”. Esse, modelo de mentir para governar e governar a partir da mentira se observou de modo bastante sistemático nos governos totalitários. (SILVA, 2020, p. 4)

Portanto, o problema da verdade sobre a ciência e a saúde dos cidadãos não pode ser tratado como opinião ou ponto de vista. Durante a pandemia da covid-19, o governo federal foi (e é) acusado por especialistas e por parte da grande imprensa de se valer de uma postura negacionista⁵⁵. Os momentos de desprezo à gravidade da pandemia e as diversas atitudes que vão de encontro às recomendações mundiais de controle da doença ilustram o “relativismo” (KAKUTANI, 2018) no qual se baseiam os argumentos contra a ciência usados por Bolsonaro e as tendências autoritárias de seu governo, de acordo com os autores apresentados.

2.4 A pandemia covid-19

Recapitulando, em 17 de novembro de 2019, a cidade de Wuhan, na China, acordou com um novo vírus circulando. Embora o primeiro contágio tenha sido oficialmente relatado em dezembro, o chamado novo Coronavírus, posteriormente intitulado tecnicamente como covid-19 pela OMS, um vírus de grande transmissibilidade que causa vários sintomas, afetando principalmente o pulmão da vítima, destacou-se por atacar não somente a saúde dos cidadãos, mas também todo o sistema socioeconômico mundial.

Não demorou para o vírus se espalhar para outros países. Em 19 de março, a Itália se torna epicentro da doença, ultrapassando a China em número de casos. Logo, os países que ainda não tinham casos registrados perceberam que era necessário tomar medidas para atrasar e preparar ao máximo o sistema de saúde para a chegada do vírus.

A partir de janeiro de 2020⁵⁶, a OMS, por meio do presidente Tedros Adhanom, passa a emitir boletins sobre a evolução da doença no mundo e menciona quais medidas se mostravam potencialmente mais efetivas no controle ao vírus. Como medida para prevenção da transmissão em grande escala, Adhanom veio a público dizer que a melhor maneira de tentar frear o avanço

⁵⁵ Cf. <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2021/06/19/globo-500-mil-mortes-editorial.htm> Acesso em: 15 ago. 2021.

⁵⁶ Cf. <https://www.bbc.com/news/world-51318246> Acesso em: 15 ago. 2021.

da contaminação, num nebuloso momento sem remédios e vacinas, era o isolamento social. No dia 11 de março, a OMS passa a caracterizar a covid-19 como pandemia.

No Brasil, o primeiro caso registrado se deu no dia 26 de fevereiro do mesmo ano. Um homem que voltou da Itália procurou o Hospital Israelita Albert Einstein após os primeiros sintomas da covid-19.

A disseminação comunitária do vírus (momento em que não é mais possível rastrear a origem da contaminação) deu-se no dia 20 de março de 2020 e tem acarretado até hoje em grandes consequências humanas, com mais de 614 mil mortos no Brasil, e econômicas, com altas taxas de desemprego devido a necessidade do fechamento de um dos setores que mais emprega no país, o comércio e consequentemente sociais. Estima-se que 19 milhões de brasileiros passaram fome na pandemia⁵⁷.

Do ponto de vista científico e informativo tudo era, e ainda é, muito novo quando foi anunciada a pandemia. Apesar disso, historicamente, como dito pela microbiologista Natália Pasternak durante seu depoimento⁵⁸ na CPI da covid-19, o controle de doenças virais ao longo da história foi feito principalmente com vacinas. Como o tempo do método científico não é o tempo do homem, muitas vacinas demoraram mais de décadas para serem descobertas e aprovadas para uso em humanos (outras como a do HIV ainda nem chegaram ao mercado). O mundo investiu⁵⁹, e ainda tem investido, muito dinheiro em pesquisa e desenvolvimento de novos tratamentos e vacinas. Os Estados Unidos, por exemplo, investiram mais de 10 bilhões de dólares (50 bilhões de reais) no desenvolvimento de vacinas. A União Europeia, mais de 500 milhões de euros (3,1 bilhões).

No Brasil, o governo federal é acusado de não demonstrar interesse em investir no desenvolvimento de vacinas, mas de financiar amplamente medicamentos sem comprovação de eficácia⁶⁰. O presidente Jair Bolsonaro defendeu⁶¹ abertamente medicamentos sem comprovação científica e reafirmou constantemente a necessidade da volta ao trabalho sob pena de quebrar a economia do país, colocando em xeque a eficácia de vacinas. A ideia de liberdade e do direito de ir e vir, base da Constituição Brasileira, também foi politizada devido a restrições

⁵⁷ Cf. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-04/pesquisa-revela-que-19-milhoes-passaram-fome-no-brasil-no-fim-de-2020#:~:text=De%20acordo%20com%20os%20pesquisadores,ao%20n%C3%ADvel%20observado%20em%202004>. Acesso em: 15 ago. 2021.

⁵⁸ Cf. https://www.youtube.com/watch?v=Fp_Cmoc2I1o Acesso em: 15 ago. 2021.

⁵⁹ Cf. <https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2020/12/investimento-pesado-e-tecnologia-aceleraram-vacina-contracovid.shtml> Acesso em: 15 ago. 2021.

⁶⁰ Cf. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57489385> Acesso em: 15 ago. 2021.

⁶¹ Cf. <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-defendeu-uso-de-cloroquina-em-23-discursos-oficiais-leia-as-frases-25025384> Acesso em: 15 ago. 2021.

de mobilidade impostas por prefeitos e governadores, corroborando medidas tomadas no mundo todo e indicadas pela OMS como fundamentais no controle da doença. O presidente Jair Bolsonaro deu entrevistas argumentando que o “Direito de ir e vir é sagrado”⁶².

Paralelamente ao coronavírus, outro vírus se espalhava rapidamente, o da desinformação. O excesso de informação e desinformação também foi denominado “infodemia”. De acordo com a classificação da cartilha da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS, 2020, p.02), o termo significa “um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa”. A infodemia é uma epidemia de informações que nasceu desse aumento de fontes que publicam informações, o problema é que para um cidadão comum, que muitas vezes não possui as ferramentas e o interesse de ir a fundo para saber se a informação é verdadeira, o impacto é grande. Na época em que a OPAS fez essa cartilha ensinando a como combater esse problema de exagero informacional e desinformação, apenas no mês de março foram computados cerca de 550 milhões de tuítes e 361 milhões de vídeos no Youtube com o tema da covid-19.

Os ataques à credibilidade do jornalismo e dos veículos tradicionais somados a um cenário de medo da doença, de polarização política e ao comportamento controverso do presidente Bolsonaro tornaram-se combustível para peças desinformativas circularem, especialmente nas redes sociais.

Pesquisa realizada pela Avaaz⁶³, corroborada com os dados da OPAS e os da OMS, 94% dos brasileiros disseram ter sido atingidos por *fake news* durante os primeiros meses da pandemia. O grande problema foi que 73% desses entrevistados disseram que acreditaram em pelo menos um desses conteúdos falsos. Isso fez o Brasil ficar à frente dos Estados Unidos e da Itália como país em que mais acredita em *fake News*. Outra pesquisa⁶⁴ mostrou que mais da metade da população já compartilhou desinformação sem ao menos saber se tratar de uma. Essas notícias circularam majoritariamente nas redes sociais. É interessante notar que a circulação de desinformação durante a pandemia partiu tanto de pessoas da sociedade civil como de políticos. Estudo⁶⁵ mostrou que os políticos que mais difundiram desinformação foram os aliados ao governo Jair Bolsonaro, entre eles, dois dos filhos do presidente.

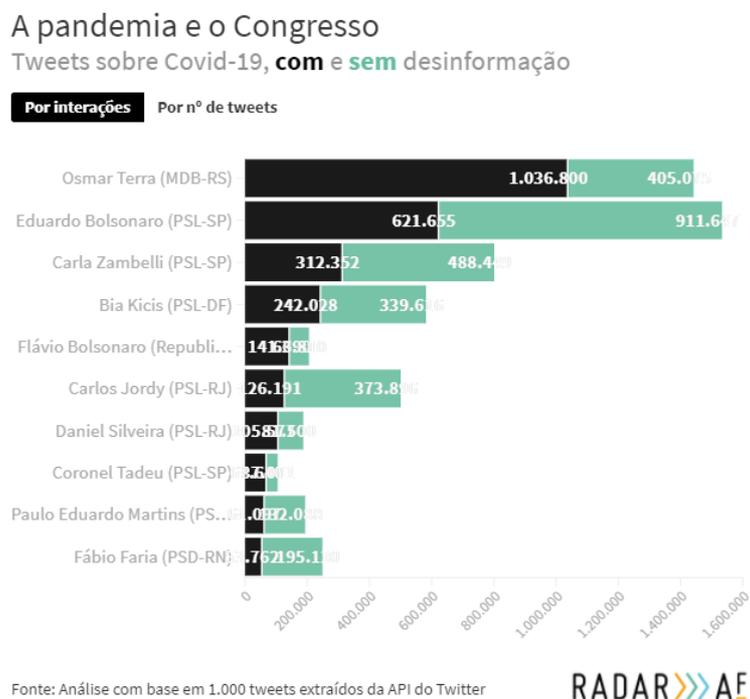
⁶²Cf. <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/bolsonaro-cita-direito-de-ir-e-vir-do-artigo-5o-ao-defender-decreto/> Acesso em: 15 ago. 2021.

⁶³ Cf. https://secure.avaaz.org/campaign/po/brasil_infodemia_coronavirus/ Acesso em: 15 ago. 2021.

⁶⁴ Cf. <https://canaltech.com.br/redes-sociais/mais-de-metade-dos-brasileiros-ja-compartilharam-fake-news-sem-saber-172825/> Acesso em: 15 ago. 2021.

⁶⁵ Cf. <https://www.aosfatos.org/noticias/deputados-governistas-lideram-desinformacao-sobre-covid-19-entre-parlamentares-no-twitter/> Acesso em: 15 ago. 2021.

Figura 2 — Governistas líderes em compartilhamento de desinformação no twitter



Fonte: Radar Aos Fatos (www.aosfatos.org/noticias/deputados-governistas-lideram-desinformacao-sobre-covid-19-entre-parlamentares-no-twitter/)

Pesquisadores⁶⁶ da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) mapearam algumas das desinformações sobre a covid-19 e compreenderam a complexidade que é lidar com elas. Um dos motivos é notar que não necessariamente a desinformação na pandemia é uma mentira completa. Até porque se alguém disser que ficar sem respirar cura covid-19, com certeza o conselho não será seguido pelo absurdo da informação. O problema é que grande parte dessas desinformações aparecem como pseudociência. Pessoas com jaleco ou até mesmo falas de médicos reais são tiradas de contexto a fim de desinformar. Artigos com aparência de científicos são escritos utilizando de ciência barata para corroborar fatos inverídicos também. Mas qual o interesse de alguém em difundir conteúdo falso sobre uma pandemia?

Engana-se quem pensa que a desinformação é apenas fruto de ignorância ou pura maldade, *fake news* também é lucro. Dados da Secretaria de Comunicação (SECOM) mostraram o pagamento de mais de R\$1,3 milhão de reais para *influencers* falarem sobre “atendimento precoce” – eufemismo adotado pelo Ministério da Saúde para divulgar

⁶⁶ Cf. <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/eleicoes/2020/noticia/2020/10/05/cientistas-da-unicamp-mapeiam-desinformacao-sobre-covid-19-e-afirmam-que-pseudociencia-se-propaga-como-epidemia.ghtml>
Acesso em: 15 ago. 2021.

medicamentos não eficazes contra a pandemia. É sabido também que empresários aliados do governo e donos de grandes laboratórios que produzem a cloroquina também tiveram lucro com a disseminação da desinformação sobre o uso supostamente eficaz do medicamento⁶⁷. Mais recentemente uma reportagem⁶⁸ realizada em 28 de julho de 2021 pela BBC veio à tona indicando um esquema de pagamentos a blogueiros e youtubers para divulgar desinformação sobre a vacina da Pfizer, fato curioso, pois ao mesmo tempo a CPI da covid-19 tem investigado um suposto pedido de propina para aquisição de vacinas de outro laboratório por meio de um intermediário.⁶⁹ Outra questão é que nem sempre a desinformação é compartilhada por atores sociais como políticos ou pessoas da sociedade civil. Robôs automatizados (BOTS) são responsáveis por grande parte do espalhamento de desinformação nas redes, de acordo com estudo publicado na JAMA Internacional Medicine⁷⁰ (2021). O uso de robôs é bastante discutido pois, em geral, acabam sendo responsáveis por aumentar ainda mais essa infodemia com interesses escusos. Como são robôs, fica difícil localizar de onde são disparadas as mensagens, em geral, de provedores hospedados em países onde o controle cibernético não é tão transparente.

Esse cenário de desinformação e descrédito na ciência, aliado com as falas do presidente que descredita a grande imprensa, faz com que as pessoas não apenas fiquem mal-informadas. A Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid tem investigado as responsabilidades desse ecossistema da desinformação e traz à tona algo que já havíamos visto com as *fake news* durante as eleições de Donald Trump nos EUA e de Jair Bolsonaro no Brasil. Essa desinformação que manipula a opinião pública não é fruto de mero negacionismo científico ou crenças conservadoras. A desinformação é uma grande fonte de lucro para diversos atores sociais, *influencers* e políticos. No caso da pandemia esse lucro acabou tirando a vida de mais de 550 mil brasileiros. Estudos indicam que, se o Governo Federal tivesse aceitado a primeira proposta de aquisição da vacina produzida pelo instituto Butantan, aproximadamente 89 mil vidas de idosos poderiam ter sido salvas.

⁶⁷ Cf. <https://www.cartacapital.com.br/politica/o-que-ha-por-tras-do-lobby-de-bolsonaro-pelo-uso-da-cloroquina/> Acesso em: 15 ago. 2021.

⁶⁸ Cf. <https://www.bbc.com/portuguese/geral-57975985> Acesso em: 15 ago. 2021.

⁶⁹ Cf. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/06/exclusivo-governo-bolsonaro-pediu-propina-de-us-1-por-dose-diz-vendedor-de-vacina.shtml> Acesso em: 15 ago. 2021.

⁷⁰ Cf. <https://jamanetwork.com/journals/jamainternalmedicine/fullarticle/2780748> Acesso em: 15 ago. 2021.

3 PERCURSOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS PRONUNCIAMENTOS

Ao observarmos os pronunciamentos oficiais do presidente da república em rede nacional e a cobertura dos telejornais sobre o assunto, vimos que o debate sobre desinformação e informação ganhavam um espaço na TV, especialmente no telejornalismo, em que argumentos, tanto os baseados na ciência quanto sem embasamento científico, apareceram nos pronunciamentos. Estava dado o objeto empírico a ser estudado. Agora, para tornarmos este trabalho ciência, precisávamos selecionar e adaptar um método para responder à questão de pesquisa proposta.

A pesquisa aqui proposta tem caráter comparativo, dentro da perspectiva dos estudos comparativos de jornalismo de Jacques Kayser (1953), pesquisador francês que ministrou cursos no Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (CIESPAL), estudos posteriormente atualizados por Régis Debray no ano de 1993 em Midiologia. No Brasil os estudos comparados foram apresentados por José Marques de Melo em seu livro “Estudos de Jornalismo Comparado”, publicado em 1972. Segundo o autor, os estudos comparados no campo da comunicação, particularmente do jornalismo, são aqueles que comparam veículos de comunicação, no nosso caso, telejornais diferentes. Os estudos abrangem análises morfológicas, de conteúdo e crítica. As análises morfológicas abrangem as características de formato, as de conteúdo se atêm ao texto (no sentido amplo) das matérias jornalísticas, e a crítica, que está ligada às intenções, às ideologias presentes nesses conteúdos e formas.

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, cujo intuito é comparar as coberturas nos telejornais Jornal Nacional e Jornal da Record, tendo em vista os pronunciamentos de Bolsonaro durante a pandemia Covid-19, em um contexto de desinformação e *Fake News*. De acordo com Santaella, a pesquisa qualitativa é:

[...] pesquisas qualitativas. Estas últimas, segundo Chizzotti (ibid.: 9), abrigam um grande número de divisões e subdivisões que, embora pressuposto de que há uma relação dinâmica, uma interdependência entre o mundo real, o objeto da pesquisa e a subjetividade do sujeito. Enquanto o objeto deixa de ser tomado como um dado inerte e neutro, o sujeito é considerado como parte integrante do processo. (SANTAELLA, 2001, p.143).

Outro referencial metodológico que iremos adotar, e que acreditamos dialogar com o objetivo do estudo comparativo aqui proposto, é a “análise da materialidade audiovisual”,

método proposto por Coutinho (2016) e aplicado em pesquisas de jornalismo televisivo. Como o objeto empírico de nossa pesquisa é o telejornalismo, justifica-se essa abordagem metodológica.

De acordo com Coutinho (2016, p. 14), a “análise da materialidade audiovisual é uma das formas possíveis de olhar, sempre em teste, e desenvolvimento”. Dessa forma, o método proposto considera essencial que o/a pesquisador/a identifique o contexto do telejornal e a sua própria proposta:

Nesse sentido, antes de realizar a etapa da análise propriamente dita é importante (re)conhecer quais os sentidos propostos por determinado programa ou produto audiovisual quer para seu público, quer para a própria mídia (canal ou suporte) onde este se inscreve. (...) Na medida do possível é interessante identificar como essas propostas são apresentadas, em termos audiovisuais, mas não apenas, o que pode contribuir para o desenho da análise, mas também para realização de inferências e mesmo de interpretações de eventuais fluxos relacionados à experiência de circulação e consumo daquele material audiovisual. (COUTINHO, 2016, p.11)

Portanto, conhecer os perfis editoriais dos telejornais e o contexto da emissora nas quais se inserem, bem como os públicos que pretendem atingir, qualifica o processo comunicacional ocorrido entre emissora, telejornal, público e seu contexto. Ainda mais considerando o momento da pandemia, em que os telejornais tiveram suas audiências ampliadas devido ao isolamento social e à necessidade de se ter acesso a informações consideradas críveis.

3.1.1 Corpus da pesquisa

Para o estudo foram selecionados os três pronunciamentos oficiais feitos em cadeia Nacional de Televisão pelo presidente Jair Bolsonaro. A escolha se deu pois, como iremos comparar telejornais veiculados em TV Aberta, temos um recorte que aborda falas ditas nos mesmos meios. Os pronunciamentos escolhidos foram os que mais geraram repercussão por conterem falas consideradas desinformativas ao contrariarem as medidas recomendadas pela OMS e amplamente adotadas pelo mundo para o controle da pandemia.

Os pronunciamentos ocorreram nos dias 24 de março de 2020, 31 de março de 2020 e 08 de abril de 2020. Para compararmos as coberturas, selecionamos o Jornal Nacional, transmitido pela TV Globo, e o Jornal da Record, transmitido pela TV Record. Para tal, nos baseamos em dois critérios, o primeiro foi buscarmos a audiência consolidada pelo Kantar Ibope Media dos dias em que o presidente fez os pronunciamentos para selecionarmos os telejornais mais assistidos. Observamos que nos três pronunciamentos o Jornal Nacional

encontrou-se disparado em primeiro lugar com aproximadamente 3 vezes mais público do que o segundo lugar, o Jornal da Record. Em segundo lugar, analisamos o perfil político da emissora. A segunda, alinhada com o planalto e a primeira em oposição. No período, selecionamos as edições dos telejornais nos respectivos dias que repercutiram as ideias presentes nos três pronunciamentos oficiais em rede nacional de televisão do presidente Jair Bolsonaro. Os telejornais que repercutiram os pronunciamentos foram os seguintes, 25 de março de 2020, 31 de março de 2020 e 08 de abril de 2020. O primeiro, como teve grande repercussão dentro e fora da mídia devido ao embate do presidente com governadores, prefeitos e autoridades da saúde em falas mais agressivas, acabou repercutindo com mais extensão no telejornal do dia seguinte, os demais foram repercutidos nos próprios dias exibidos. Para a análise proposta na pesquisa, a amostra se tornou representativa, ambas são emissoras de canal aberto, com características distintas

A coleta dos pronunciamentos ocorreu por meio do canal da TV Brasil no Youtube, o TV BrasilGov.

Para coletarmos as edições dos telejornais da TV Record recorremos ao Youtube, onde os telejornais são disponibilizados na íntegra. Para as edições do Jornal Nacional, recorremos à plataforma de *streaming* da TV Globo, Globoplay, uma vez que no Youtube foram encontrados apenas links não autorizados de terceiros.

3.1.2 Técnicas de pesquisa

A abordagem dos estudos comparados (MARQUES DE MELO, 1972) e da análise da materialidade audiovisual (COUTINHO, 2016) vêm ao encontro da proposta metodológica de análise de conteúdo desenvolvida por Bardin (2011). Para a autora, a análise de conteúdo é:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47).

O objetivo da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011) supera a perspectiva quantitativa, anteriormente explorada nos estudos dos anos 1940/50, e avança no sentido de identificar, compreender e contextualizar os conteúdos em processos comunicacionais inferidos pelo/a pesquisador/a. Os procedimentos para o cumprimento desses objetivos incluem a pré-análise do *corpus* da pesquisa, exploração do material e tratamento dos resultados, fase em que

se faz inferências e interpretações do que foi coletado e sistematizado, de acordo com os objetivos da pesquisa.

Nesse sentido, é importante destacar que a análise de conteúdo opera por meios de categorias de análise, definidas *a priori* e *a posteriori*, que devem estar ligadas à questão de pesquisa e aos objetivos estabelecidos pelo/a autor/a e ao contexto dos telejornais, suas emissoras, seu contexto de produção e recepção.

Na fase de pré-análise, observamos os conteúdos dos três pronunciamentos de Bolsonaro e posteriormente dos dois telejornais, no dia em que os pronunciamentos foram ao ar pela cadeia nacional de televisão e no dia seguinte para ver qual repercutiria as falas do presidente. Para analisar os pronunciamentos de Bolsonaro foram criadas categorias, apoiadas em Wardle (2017), conforme mencionadas no primeiro capítulo desta dissertação, a saber:

- **Tema**

Os pronunciamentos oficiais tendem a responder uma necessidade da população em receber alguma orientação de seu governante sobre tema relevante. Os pronunciamentos, portanto, trabalham com o factual e trazem essa resposta a questões do cotidiano. Aqui vamos verificar o assunto principal que o pronunciamento aborda.

- **Argumentos associados a desinformação**

Nessa categoria iremos identificar os argumentos falados pelo presidente associados a falas desinformativas. Para tal utilizaremos as 7 categorias propostas por Wardle (2017), já descritas no capítulo teórico para classificarmos as falas.

- **Fontes**

Referências nas quais o presidente se apoia para reforçar seus argumentos e passar credibilidade.

Em relação aos telejornais, apresentamos as categorias de análise:

- **Tema**

Trata-se do assunto principal da matéria jornalística apresentada no telejornal.

- **Escalada**

A escalada é o primeiro contato do telespectador com os principais assuntos que estão para ser noticiados. É nela que os principais assuntos são apresentados,

uma espécie de “cardápio” do que está por vir. Ela tem papel fundamental para a audiência do telejornal. Para Paternostro (1999, p. 142), o conceito de escalada é constituído de “Frases de impacto sobre os assuntos do telejornal que abrem o programa. O mesmo que manchetes. Uma escalada bem elaborada deve prender a atenção do telespectador, do começo ao fim do telejornal”. Com a escalada poderemos observar através do texto se os dois telejornais criticam ou endossam o presidente. Poderemos observar, também, se há citações do pronunciamento bem como seu tom, a favor ou contra.

- **Artes**

Alguns recursos como gráficos, tabelas e ilustrações utilizados para confrontar, validar argumentos e dar credibilidade à informação. As artes também são utilizadas quando não há imagens para cobrir o assunto, servindo como suporte para a notícia.

- **Fontes**

Fontes utilizadas para dar credibilidade ao tema tratado, como cientistas, especialistas, religiosos, população, entre outros. É uma prática do jornalismo recorrer a especialistas de diversas áreas para dar credibilidade à notícia. Essa estratégia de credibilidade visa validar através do saber técnico todo o discurso jornalístico. Algo que o aproxima da verdade. Na pandemia da covid-19 médicos e virologistas foram amplamente consultados pelos telejornais. De acordo com Lages (2003, p. 21): “É tarefa comum dos repórteres selecionar e questionar essas fontes, colher dados e depoimentos, situá-los em algum contexto e processá-los segundo técnicas jornalísticas.

- **Argumentos favoráveis e críticos ao pronunciamento**

Argumentos que o telejornal utilizou para validar e suportar positivamente o pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro bem como argumentos que o telejornal utilizou para criticar e invalidar pronunciamento do presidente, seja pelo âncora do telejornal ou por meio de matérias.

3.1.3 Perfil Jornal Nacional (JN)

Primeiro telejornal transmitido em rede nacional desde 1969, o Jornal Nacional é o principal telejornal da Rede Globo de televisão, emissora carioca fundada em 1965 pelo jornalista Roberto Marinho. Contou com edições históricas como a primeira transmissão ao

vivo de imagens de uma guerra, no conflito do Golfo (1990-1991). Apesar de sofrer com a queda de audiência, o Jornal Nacional segue sendo líder de público no horário nobre. Ele conta com diversos formatos de reportagem que trazem as principais notícias do Brasil e do mundo. Inicialmente contou com a apresentação de Hilton Gomes e Cid Moreira e hoje é apresentado por William Bonner, que figura como editor-chefe e apresentador, e Renata Vasconcellos. Esporadicamente o telejornal também é apresentado por outros jornalistas.

A emissora e o jornal são alvos de ataques⁷¹ constantes do presidente, acusados por ele de estar contra seu governo. Bolsonaro acusa a Globo de favorecer governos petistas por conta da verba repassada pelo então governo. Ele prometeu o que chamou de “acabar a teta” e diminuir⁷² repasse de recursos da união para a emissora carioca. Em 2020, em outro episódio, assinou uma medida provisória que acabou permitindo que clubes de futebol negociassem seus direitos de transmissão diretamente ao clube mandante do jogo. A TV Globo sempre foi conhecida como a única emissora a transmitir jogos. Com a medida provisória, outras emissoras como o SBT negociaram e transmitiram campeonatos, e o presidente postou foto nas redes sociais apontando o símbolo da emissora concorrente em provocação à TV Globo. Em termos de política, o passado emissora tem em seu histórico (já admitido por ela) de apoio à ditadura. Apesar disso, hoje a emissora tem como base: Credibilidade, isenção e ética⁷³. Suzin e Negrini (2013) trazem sobre a linha editorial do JN:

O JN segue uma linha editorial mais formal, mas com uma linguagem simples. Os âncoras introduzem a notícia de forma sucinta. Enquanto as reportagens são bem “trabalhadas”, abordando detalhadamente os assuntos. Pode-se considerar que há um distanciamento entre os âncoras e a matéria, assumindo uma postura com tom de imparcialidade⁷ - não se percebe a utilização de expressões avaliativas. Há um posicionamento dos apresentadores, mas esse não é explícito. As reportagens, em quase todos os assuntos, também seguem essa linha. (SUZIN; NEGRINI, 2013, p. 05)

3.1.4 Perfil Jornal da Record (JR)

Com data de estreia de 1974, o Jornal da Record é o principal jornal da emissora paulista mais antiga do Brasil, Record TV. Inaugurada em 1953, a emissora passou por diversas fases, a mais impactante foi a compra⁷⁴ em 1989 pelo Bispo e fundador da Igreja Universal do Reino

⁷¹ Cf. <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-atacou-imprensa-299-vezes-nos-ultimos-nove-meses-diz-fenaj-24691609> Acesso em: 15 ago. 2021.

⁷² Cf. <https://www.terra.com.br/diversao/tv/blog-sala-de-tv/bolsonaro-corta-60-da-verba-publicitaria-do-governo-a-globo,c7ebc42e1776e5116ccaa1cbd4be24a1r48101h2.html> Acesso em: 15 ago. 2021.

⁷³ Cf. <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/> Acesso em: 15 ago. 2021.

⁷⁴ Cf. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/1/14/brasil/27.html> Acesso em: 11 nov. 2020.

de Deus (IURD) Edir Macedo. Com a injeção de investimento e ampla contratação de colaboradores da concorrente TV Globo, a emissora consolidou a vice-líder em audiência em 2006 e teve períodos ousados em que buscou ultrapassar a concorrência em nome da tão sonhada liderança. Por fazer parte de um grupo comandado pela igreja neopentecostal protestante, ganhou bastante projeção com suas novelas bíblicas como Dez Mandamentos, que realizou a marca histórica de ser o primeiro programa concorrente⁷⁵ a derrotar o Jornal Nacional. Ao mesmo tempo, muitas críticas ganharam forma após essa fusão com a Universal, principalmente hoje em dia, em relação a sua linha editorial — ainda mais quando o assunto é política.

Edir Macedo apoiou⁷⁶ abertamente a candidatura de Jair Bolsonaro à presidência da república em 2018. Apesar de hoje figurar como apoiador do governo, no passado também apoiou governos petistas como o de Dilma Rousseff. Essa relação que levou o chefe maior da Igreja Universal brigar com seu concorrente Silas Malafaia em defesa do PT pode ser vista no livro "O Reino - A história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal" (2019), do jornalista Gilberto Nascimento. Em 2018 o apoio do Bispo mudou de lado, principalmente após conflito de ideias com Fernando Haddad, então candidato do PT. Ele sofreu pressões dos evangélicos após a polêmica *fake news* do Kit Gay do PT (inclusive compartilhado pelo presidente Bolsonaro), desinformação que citava um suposto kit de livros para estimular a homossexualidade. Haddad também se opôs à proposta da criação de uma universidade comandada pela Universal. O apoio levou Jair Bolsonaro a conceder a primeira entrevista após eleito à Record TV.

O Jornal da Record figura na vice-liderança de audiência e hoje apresentado por Celso Freitas e Christina Lemos (mudança que ocorreu durante a pandemia — nas análises feitas nesse trabalho ele ainda era apresentado pela jornalista Adriane Araújo). Araújo deixou⁷⁷ a emissora após 15 anos devido a supostos embates em relação à linha editorial do telejornal durante a pandemia e, em vídeo nas redes sociais, criticou a falta de transparência do Governo Federal em relação aos dados da covid-19. O telejornal que mudou seu formato em 2006 se assemelhando bastante com o formato do Jornal Nacional:

⁷⁵ Cf. <https://observatoriodatv.uol.com.br/audiencia-da-tv/jornal-nacional-sofre-derrota-historica-para-os-dez-mandamentos> Acesso em: 15 ago. 2021.

⁷⁶ Cf. <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,edir-macedo-declara-apoio-a-bolsonaro,70002526353> Acesso em: 15 ago. 2021.

⁷⁷ Cf. <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/daniel-castro/bastidores-da-record-tem-tensao-politica-e-fritura-de-apresentadora--37782> Acesso em: 15 ago. 2021.

A nova versão do principal telejornal da Record vem para oferecer aos telespectadores uma opção informativa cujas principais características são a agilidade na apresentação das notícias, o dinamismo na cobertura dos principais fatos, a produção de reportagens especiais, a elaboração de matérias exclusivas e investigativas e a credibilidade de profissionais experientes e consagrados no jornalismo brasileiro. Editorialmente, foram feitas mudanças na forma, no ritmo e na paginação do JR. As matérias são mais curtas – em geral um minuto e meio, o que deu mais (WANDER, 2007, p.26).

O telejornal JR tem provocado polêmicas ao ser um dos espaços telejornalísticos quase que exclusivos em que o presidente Jair Bolsonaro se dispõe a fazer declarações.

3.2 Análise dos pronunciamentos

Neste capítulo vamos apresentar as análises dos três pronunciamentos de Jair Bolsonaro durante a pandemia.

3.2.1 – Pronunciamento 1 – Isolamento social

Contexto

O primeiro pronunciamento em cadeia nacional analisado do presidente acontece em 24 de março de 2020, com duração de 04 minutos e 59 segundos. Ocorre em um cenário em que a política estava bem polarizada e, devido a algumas falas e atitudes do presidente da república, governadores e prefeitos resolveram aderir à chamada quarentena obrigatória, ordenando o fechamento de comércios e restringindo a mobilidade urbana. A medida foi defendida⁷⁸ pela OMS como uma possibilidade para frear a contaminação e também dar tempo aos estados para prepararem o sistema de saúde, que não aguentaria tamanha sobrecarga caso os números de internações disparassem. Hospitais de campanha foram construídos⁷⁹ ao longo do tempo por todo o país.

Um vídeo⁸⁰ compartilhado pelo deputado do PT Rogério Correia viralizou na internet em 20 de março de 2020 ao mostrar Bolsonaro de máscara tossindo. Ele, que havia feito o teste devido a uma viagem recente para os Estados Unidos em que boa parte da comitiva foi

⁷⁸ Cf. <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/03/30/oms-reforca-que-medidas-de-isolamento-social-sao-a-melhor-alternativa-contr-o-coronavirus.ghtml> Acesso em: 14 nov. 2020

⁷⁹ Cf. <https://saude.abril.com.br/medicina/hospitais-de-campanha-como-vao-funcionar/> Acesso em: 14 nov. 2020

⁸⁰ Cf. <https://www.metropoles.com/brasil/petista-posta-video-com-aparente-tosse-de-bolsonaro-e-pede-exames> Acesso em: 11 nov. 2020.

contaminada, não quis divulgar o resultado alegando privacidade. Isso gerou uma onda de questionamentos sobre sua saúde, uma vez que ele aparecia sem máscara ao lado de outros membros do governo⁸¹. O jornal “O Estado de S. Paulo” entrou na justiça⁸² para tentar obter os exames e conseguiu. O presidente então enviou os exames e os publicizou, dando negativo para o vírus.

O desentendimento de Bolsonaro com prefeitos e governadores levou o presidente a fazer o segundo pronunciamento oficial à nação no dia 24 de março de 2020.

⁸¹Cf.

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/03/23/interna_politica,836199/questionados-sobre-estarem-sem-mascara-ministros-ficam-constrangidos.shtml Acesso em: 14 nov. 2020

⁸² Cf. <https://oglobo.globo.com/brasil/jornal-garante-na-justica-direito-de-obter-laudos-de-exame-para-coronavirus-de-bolsonaro-24397318> Acesso em: 14 nov. 2020

Análise

A tabela 1 sintetiza as categorias de análise do Pronunciamento

Tabela 1 – Primeiro Pronunciamento

Categoria	Pronunciamento
Tema	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Isolamento social
Argumentos/ desinformação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O vírus brevemente passará; ▪ Relaciona o clima da Itália com a dimensão da pandemia; ▪ Critica o <i>lockdown</i>; ▪ Critica o fechamento de escolas, uma vez que crianças não são grupo de risco; ▪ Afirma que 90% da população não terá qualquer manifestação caso se contamine; ▪ Menciona que histórico de atleta ameniza intensidade dos sintomas da doença; ▪ Classifica a covid-19 como gripezinha/resfriadinho.
Fontes	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Food and Drug Administration (FDA)</i>, dos Estados Unidos; ▪ Hospital Albert Einstein; ▪ Ministério da Saúde.

Fonte: o autor

Na categoria tema, o presidente Bolsonaro traz como assunto principal a crítica ao isolamento social, após contextualizar as ações do governo para repatriar os brasileiros que estavam na cidade de Wuhan, onde o surto da covid-19 iniciou, e elogiar a conduta do ministro da saúde. Nesse período, ocorre a maior crise com o ministério da saúde, que culmina com a saída do ministro Luiz Henrique Mandetta em 16 de abril, substituído pelo médico Nelson Teich. Bolsonaro argumenta que governadores e prefeitos atuaram na contramão do que seria, para ele, uma conduta em prol do Brasil. O presidente cita que teve que conter a histeria para controlar o vírus e o desemprego: “quase contra tudo e contra todos”.

Os argumentos associados à desinformação presentes no primeiro pronunciamento de Bolsonaro incluem mencionar que o vírus “brevemente passará”, sem embasamento científico

para tal afirmação (até o término deste trabalho, nenhum país teve a pandemia totalmente controlada e muitos estão passando por uma segunda onda⁸³ de contágio). De acordo com as categorias de Wardle (2017), essa informação pode ser classificada como **Conteúdo Fabricado**, informação inventada para enganar.

O segundo argumento relaciona a diferença do clima da Itália com o do Brasil como fator preponderante na dimensão da epidemia. Uma pesquisa⁸⁴ do Massachusetts Institute of Technology (MIT), a qual sugeria que o vírus poderia se espalhar melhor em regiões mais frias e secas, não apresentou volume de dados expressivo, portanto, o estudo foi considerado inconclusivo. Nas categorias propostas por Wardle (2017), podemos classificar essa desinformação como **Falso Conteúdo**, uma vez que ele toma como base uma verdade relacionada ao comportamento de outros tipos de vírus e a associa ao novo coronavírus, sem comprovação científica.

Outro argumento associado à desinformação aborda o retorno à atividade econômica e à “normalidade” no país. Ele argumenta que “algumas poucas autoridades devem abandonar o conceito de terra arrasada” para retomar às atividades, ao contrário das recomendações da OMS, voltadas ao isolamento social. Critica o “confinamento em massa”, como o *lockdown*, e sugere que a medida deve ser abandonada pelos estados e municípios. De acordo com a OMS⁸⁵, o chamado *lockdown* foi uma arma efetiva no controle da pandemia em Wuhan, sendo tratado como medida de emergência no combate ao vírus. Nas categorias de Wardle (2017), podemos enquadrar em **Falso Contexto**, uma vez que ele não se apoia em dados para descreditar a medida.

Bolsonaro utiliza também o argumento associado à desinformação sobre o grupo de risco se restringir a pessoas acima dos 60 anos para questionar o fechamento de escolas. Dessa forma, verifica-se a falta de compreensão sobre a dinâmica de contágio da pandemia. De acordo com uma pesquisa⁸⁶ de Harvard, crianças são grandes vetores de transmissão da doença. Devemos levar em conta também que muitas delas moram com pessoas acima de 60 anos (pais, avós), sem contar o potencial contágio de professores e funcionários das escolas. Nas categorias de Wardle (2017), isso se encaixa como **Falso Contexto** também, já que ele se utiliza de uma verdade (crianças não serem grupo de risco), mas sem contextualizar.

⁸³ Cf. <https://canaltech.com.br/saude/segunda-onda-da-covid-19-ja-comecou-la-fora-o-brasil-esta-preparado-174209/> Acesso em: 14 nov. 2020

⁸⁴ Cf. https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3556998 Acesso em: 14 nov. 2020

⁸⁵ Cf. <https://www.who.int/bulletin/volumes/98/7/20-254045/en/>. Acesso em: 14 nov. 2020.

⁸⁶ Cf. <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/08/20/covid-19-criancas-podem-ser-mais-contagiosas-do-que-adultos-diz-harvard> Acesso em: 14 nov. 2020

O presidente também fala que 90% das pessoas não sentirão sintomas, de acordo com a OMS, mas esse número é de 80%⁸⁷. Em Wardle (2017), classificamos como **Conteúdo Manipulado**, ele pega um dado da OMS e o manipula para favorecê-lo.

Outro argumento associado à desinformação ocorre quando Bolsonaro se refere ao seu “histórico de atleta”, pois, segundo ele, isso o protegeria dos sintomas mais graves da doença. O que Bolsonaro não disse é que ele tem 65 anos, portanto faz parte do grupo de risco. Além disso, na época não havia pesquisas suficientes que pudessem afirmar cientificamente essa correlação. Nas classificações de Wardle (2017), trata-se novamente de **Falso Contexto**, em que se usa uma informação verdadeira para tentar reforçar seu argumento de que a população não deveria se preocupar. Porém, não contextualiza e dá a impressão de que qualquer pessoa com “histórico de atleta” vai sentir apenas sintomas leves. Idade, condições preexistentes e uma grande lista⁸⁸ de doenças são fatores de risco para determinar a gravidade da doença.

Ele então ironiza o médico conhecido por seu trabalho na TV Globo Drauzio Varella. Em janeiro de 2020, quando ainda não havia nenhum caso do novo coronavírus no país, o médico falou em vídeo que os brasileiros deveriam seguir a vida sem se preocupar⁸⁹ e que a covid-19 na maioria das pessoas seria “um resfriadinho de nada”. O médico veio a público posteriormente dizer⁹⁰ que se arrependera amargamente do que disse e pediu desculpas por subdimensionar o problema à época. Esse vídeo foi publicado pelo ministro do meio ambiente Ricardo Salles em 22 de março de 2020, três meses após a data original da postagem, quando a pandemia ainda não havia se alastrado no Brasil. Para acionarmos as categorizações de Clair Wardle (2017), esse tipo de desinformação é classificado como **Falso Contexto**, aquele conteúdo que é tirado da sua origem e publicado em outra circunstância para desinformar.

Chegando à parte final do pronunciamento, Bolsonaro fala em defesa do medicamento cloroquina e cita como fontes o FDA e o renomado hospital brasileiro de referência Albert Einstein. De acordo com o presidente, ambos buscavam a comprovação da eficácia da cloroquina. Apesar do tom mais ameno em relação à cloroquina no pronunciamento, Bolsonaro defendeu nas redes sociais⁹¹ o remédio, que ainda não tinha sua eficácia comprovada.

⁸⁷ Cf. <https://www.paho.org/pt/covid19> Acesso em: 14 nov. 2020.

⁸⁸ Cf. <https://pebmed.com.br/covid-19-cdc-expande-lista-de-fatores-de-risco-para-evolucao-com-gravidade/> Acesso em: 14 nov. 2020

⁸⁹ Cf. [youtube.com/watch?v=Fu51hbO9fSc&ab_channel=OsPingosnosIs](https://www.youtube.com/watch?v=Fu51hbO9fSc&ab_channel=OsPingosnosIs) Acesso em: 14 nov. 2020

⁹⁰ Cf. <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/04/15/uol-debate-coronavirus-drauzio-varella.htm> Acesso em: 14 nov. 2020

⁹¹ No Twitter, o presidente publicou em 25 de março de 2020 que “tratamentos à base de Hidroxicloroquina e Azitromicina têm se mostrado eficaz nos pacientes”. (BOLSONARO, 2020)

3.2.2 Pronunciamento 2 – o falso paradoxo entre saúde e economia

Contexto

Em 31 de março de 2020, com duração maior de 7 minutos e 29 segundos, Bolsonaro usa um tom bem mais ameno que o anterior, após duras críticas dos diversos setores da saúde e números de infectados que seguiam crescendo, ultrapassando 5.812 casos confirmados de covid.

O pronunciamento também tentou amenizar o que Bolsonaro havia dito mais cedo no cercadinho (na entrada da residência oficial do presidente). Na ocasião, o chefe da nação criticou as medidas de isolamento social determinadas pelos governadores e prefeitos, como fechamento obrigatório do comércio após determinado horário, na tentativa de restringir a mobilidade para frear o contágio, e utilizou a fala do diretor geral da OMS Tedros Adhanon, que falou sobre a necessidade de coordenação entre *lockdown* e as necessidades sociais dos cidadãos mais vulneráveis, para reforçar seu posicionamento:

Entendemos que muitos países estão implementando medidas que restringem a movimentação das pessoas. Ao implementar essas medidas, é vital respeitar a dignidade e o bem-estar de todos. É também importante que os governos mantenham a população informada sobre a duração prevista dessas medidas, e que dê suporte aos mais velhos, aos refugiados, e a outros grupos vulneráveis. Os governos precisam garantir o bem-estar das pessoas que perderam a fonte de renda e que estão necessitando desesperadamente de alimentos, saneamento, e outros serviços essenciais. Os países devem trabalhar de mãos dadas com as comunidades para construir confiança e apoiar a resistência e a saúde mental. (ADHANON, 2020, online)

Bolsonaro apontou essa suposta consonância entre a sua fala e a de Adhanon no cercadinho:

Vocês viram o presidente da OMS ontem?", perguntou Bolsonaro nesta terça-feira. "O que ele disse, praticamente... Em especial, com os informais, têm que trabalhar. O que acontece? Nós temos dois problemas: o vírus e o desemprego. Não podem ser dissociados, temos que atacar juntos. (ADHANON, 2020, online)

Durante a tarde do dia do pronunciamento, Adhanon mandou mensagem pelo Twitter reforçando e esclarecendo o posicionamento da OMS, sobre a necessidade de uma simbiose entre políticas sociais que garantam a dignidade do cidadão mais vulnerável:

Pessoas sem fonte de renda regular ou sem qualquer reserva financeira merecem políticas sociais que garantam a dignidade e permitam que elas cumpram as medidas de saúde pública para a Covid-19 recomendadas pelas autoridades nacionais de saúde e pela OMS", escreveu o diretor-geral da OMS. Eu cresci pobre e entendo essa realidade. Convoco os países a desenvolverem políticas que forneçam proteção econômica às pessoas que não possam receber ou trabalhar devido à pandemia da Covid-19. Solidariedade. (ADHANON, 2020, online)

Análise

A tabela 2 sintetiza as categorias de análise do pronunciamento 2.

Tabela 2 – Segundo pronunciamento

Categoria	Pronunciamento
Tema	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Paradoxo entre economia <i>versus</i> saúde
Argumentos/ desinformação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Distorce a fala do diretor da OMS Tedros Adhanom sobre a população mais vulnerável; ▪ Cita a cloroquina como possível remédio contra a covid-19.
Fontes	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Organização Mundial da Saúde (Tedros Adhanom) ▪ Ministério da Saúde

Fonte: o autor

Como tema, Bolsonaro traz novamente uma crítica ao isolamento social colocando o falso paradoxo economia *versus* saúde, apesar de nesse momento não mais falar, que nem no pronunciamento anterior, no qual explicita desejar a volta da normalidade. O presidente inicia falando do esforço do seu governo para sanar problemas históricos e segue mencionando que a preocupação sempre foi salvar vidas. Na sequência, diz sobre a necessidade de implementar medidas de forma racional, responsável e coordenada e traz a fala do Diretor Geral Tedros Adhanon citada anteriormente sobre a necessidade de estratégias de distanciamento social serem coordenadas e estarem alinhadas com uma agenda social para garantir o bem-estar dos mais vulneráveis. Após citar a fala do representante da OMS, diz que não utiliza a fala de Adhanon para “negar a importância das medidas de prevenção e controle da pandemia”, mas sim para chamar a atenção sobre as pessoas mais vulneráveis. Bolsonaro reitera o seu ponto de

vista citando exemplos de autônomos que estão sem emprego devido a pandemia. Essas falas de Bolsonaro acabam se enquadrando na classificação de **Falso Contexto**, onde ele se utiliza da fala genuína do diretor da OMS e a contextualiza falsamente. Apesar disso, o presidente continuou no dia a dia ignorando as medidas de prevenção. Um levantamento⁹² feito pelo site UOL, que levou em conta apenas aglomerações feitas após a recomendação do Ministério da Saúde para evitar situações como essas, mostrou que Bolsonaro causou pelo menos uma aglomeração por dia entre 13 de março e 13 de maio de 2020.

O presidente segue no pronunciamento informando que determinou ao então ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta que não poupasse esforços para “apoiar através do SUS” a ampliação da capacidade da rede de saúde. Cita algumas medidas como a aquisição de novos leitos de UTI e outros insumos, além de medidas financeiras do Ministério da Economia com liberação de linha de crédito para empresas e o auxílio emergencial de R\$600,00, que gerou bastante discussão, pois o governo queria oferecer R\$200,00 e o congresso aumentou⁹³ o valor após pressão de parlamentares e da oposição.

Na sequência, Bolsonaro diz que a missão é “salvar vidas” sem deixar para trás os empregos e que precisamos ter cautela com “todos, principalmente junto aos mais idosos e portadores de doenças preexistentes”.

O presidente Bolsonaro, então, cita que ainda não há uma vacina ou remédio cientificamente comprovado para o vírus, porém menciona a hidroxicloroquina, dizendo que “parece ser eficaz”. Ao término do pronunciamento, cita que o exército aumentou a produção de cloroquina em seus laboratórios. Ao não citar mais informações, acaba estimulando as pessoas a se automedicarem. Podemos incluir também como um **Falso Contexto**, uma vez que Bolsonaro usa uma informação verdadeira (o teste da cloroquina como possibilidade de tratamento) mas não deixa claro que na verdade nenhum estudo de fato comprovou sua eficácia. Na semana anterior ao pronunciamento, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária, ANVISA, restringiu a compra do medicamento⁹⁴ para apenas pacientes com receita médica, devido à alta procura. A indicação de medicamentos sem eficácia comprovada foi vista como um problema pela comunidade científica, de acordo com o ex-reitor da Universidade Federal de Pelotas Pedro

⁹² Cf. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/17/bolsonaro-esteve-em-media-em-uma-aglomeracao-por-dia-durante-a-pandemia.htm> Acesso em: 15 ago. 2021.

⁹³ Cf. <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/26/bolsonaro-aumenta-valor-apos-fala-de-maia-e-propoe-r-600-a-trabalhadores.htm> Acesso em: 15 ago. 2021.

⁹⁴ Cf. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-03/anvisa-restringe-compra-de-cloroquina-e-hidroxicloroquina> Acesso em: 15 ago. 2021.

Hallal (2021) em depoimento⁹⁵ à CPI da covid: a "falsa sensação de segurança" gerada pelo uso de remédios ineficazes contra a covid é "muito mais grave" que os efeitos colaterais causados por esses medicamentos.

O presidente segue descrevendo medidas realizadas pelo Ministério da Defesa e a criação de um centro de operações para combate a covid-19. Por fim, reitera o que “os efeitos de combate ao coronavírus não podem ser piores do que as próprias doenças”.

3.2.3 Pronunciamento 3 – Falso paradoxo entre saúde e economia continua

Contexto

Com prefeitos e governadores ampliando o fechamento dos serviços considerados não essenciais, Bolsonaro demonstrou diuturnamente que não concordava com o isolamento social como ferramenta de combate à pandemia. Recomendado como uma das medidas de prevenção pela OMS, o presidente sugeria isolar apenas os grupos de risco e fazer com que os “saudáveis” voltassem ao trabalho. A decisão de dar aval a prefeitos e governadores decidirem fechar ou não o comércio foi parar no Superior Tribunal Federal, o STF. No mesmo dia, o ministro Alexandre de Moraes decidiu⁹⁶ favoravelmente aos governadores e prefeitos. Bolsonaro então passa a eximir-se de responsabilidade pela quebradeira econômica e conseqüentemente pelo flagelo social, atribuindo aos governos estaduais e municipais a responsabilidade pelos problemas econômicos e pandêmicos. A Confederação Nacional do Comércio apontou o fechamento⁹⁷ de 75 mil lojas no Brasil em 2020, primeiro ano da pandemia.

Mas o presidente também travava uma batalha dentro do seu próprio governo, seguindo na contramão das medidas recomendadas pelo próprio Ministério da Saúde. Luiz Henrique Mandetta, então ministro, teve cada vez mais a sua relação com o presidente desgastada, já que este aparecia em aglomerações sem máscaras e fazia propaganda⁹⁸ de um medicamento até hoje sem eficácia comprovada para a covid-19. Bolsonaro pressionava o ministro para promover o uso desse medicamento, algo que Mandetta não fez. Em uma live⁹⁹ transmitida no Facebook

⁹⁵ Cf. <https://g1.globo.com/politica/cpi-da-covid/noticia/2021/06/24/especialista-diz-a-cpi-que-falsa-sensacao-de-seguranca-com-drogas-ineficazes-e-mais-grave-que-efeitos-colaterais.ghtml> Acesso em: 15 ago. 2021.

⁹⁶ Cf. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/08/governo-federal-nao-pode-derrubar-decisoes-de-estados-e-municipios-sobre-isolamento-decide-ministro-do-stf.ghtml> Acesso em: 15 ago. 2021.

⁹⁷ Cf. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-03/cnc-aponta-fechamento-de-75-mil-lojas-em-2020> Acesso em: 15 ago. 2021.

⁹⁸ Cf. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52101240> Acesso em: 15 ago. 2021.

⁹⁹ Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=v5LRcDaKBz0> Acesso em: 15 ago. 2021.

no dia 05 de abril de 2020, disse: “Algumas pessoas do meu governo... algo subiu à cabeça deles. Eram pessoas normais, mas, de repente, viraram estrelas. Falam pelos cotovelos e têm provocações”, menciona o presidente. Em 30 de março, o Twitter chega a remover um vídeo em que Bolsonaro anunciava uma suposta eficácia da cloroquina: "Aquele remédio lá, hidroxicloroquina, está dando certo em tudo o que é lugar", no mesmo pronunciamento reiterava a suposta vontade das pessoas de voltarem ao trabalho. Bolsonaro falava. Uma semana depois, Mandetta foi demitido por Bolsonaro e deu lugar a Nelson Teich, médico oncologista que não completou um mês no cargo até pedir¹⁰⁰ sua demissão também por desavenças com o presidente.

Análise

A tabela 3 sintetiza os achados no terceiro pronunciamento analisado nesta dissertação.

Tabela 3 – Terceiro Pronunciamento

Categoria	Pronunciamento
Tema	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Paradoxo Economia <i>versus</i> saúde
Argumentos/ desinformação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Distorce a fala do diretor da OMS Tedros Adhanom sobre as particularidades de cada país no enfrentamento da covid-19 ▪ Afirma que a população quer voltar ao trabalho ▪ Cita cloroquina como possível remédio contra a covid-19 ▪ Tira de contexto a fala do cardiologista Dr. Kalil
Fontes	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Organização Mundial da Saúde (Tedros Adhanom) ▪ Ministério da Saúde ▪ Dr. Kalil

Fonte: o autor

Nesse pronunciamento, que ocorreu em 8 de abril de 2020, com duração de 05 minutos e 10 segundos, Bolsonaro adota um tom mais ameno e começa se solidarizando com as famílias

¹⁰⁰ Cf. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/15/teich-deixa-o-ministerio-da-saude-antes-de-completar-um-mes-no-cargo.ghtml> Acesso em: 15 ago. 2021.

que perderam parentes vítimas da covid-19. Ele segue confrontando as medidas de isolamento social adotadas no mundo inteiro e responsabiliza estados e municípios pela sua duração. Nesse início Bolsonaro demonstra essa falta de unidade entre ele e sua equipe de ministros: ele não cita nominalmente, porém, já eram notórias suas desavenças com o então ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta. Bolsonaro diz: “Todos devem estar sintonizados comigo”, referindo-se à sua “equipe”.

Ele desinforma tirando de contexto a fala de Tedros Adhanon para tentar justificar seu anseio pela volta das pessoas ao trabalho e seu posicionamento contrário ao isolamento social: “cada país tem suas particularidades, ou seja, a solução não é a mesma para todos. Os mais humildes não podem deixar de se locomover para buscar o seu pão de cada dia”. Porém, Bolsonaro não cita a parte anterior em que Tedros afirma sobre as responsabilidades dos governos em garantir assistência às pessoas que perderam sua fonte de renda na pandemia. Novamente ele tira a fala de Tedros de contexto e dá um novo sentido, levando a um **Falso Contexto**.

Em outro momento do pronunciamento, o presidente desinforma falando que as pessoas querem voltar a trabalhar. Uma pesquisa¹⁰¹ feita pelo Instituto Datafolha publicada em 6 de abril de 2021 indicou que 76% da população via como mais importante deixar as pessoas em casa. A pesquisa também demonstrou apoio da maioria da população pelo fechamento do comércio não essencial (65%), bem como do não retorno das aulas presenciais (87%). Em meio à pandemia, muita gente ficou sem renda e não conseguiu obter auxílio do Governo. Sem ter como pagar as contas e ficar em casa muitas delas não viram outra opção a não ser o retorno ao trabalho. Ao omitir as fontes que lhe falaram isso acaba se tornando um **Conteúdo Enganoso**, pois distorce parte da informação e apresenta apenas parte do dado que lhe convém.

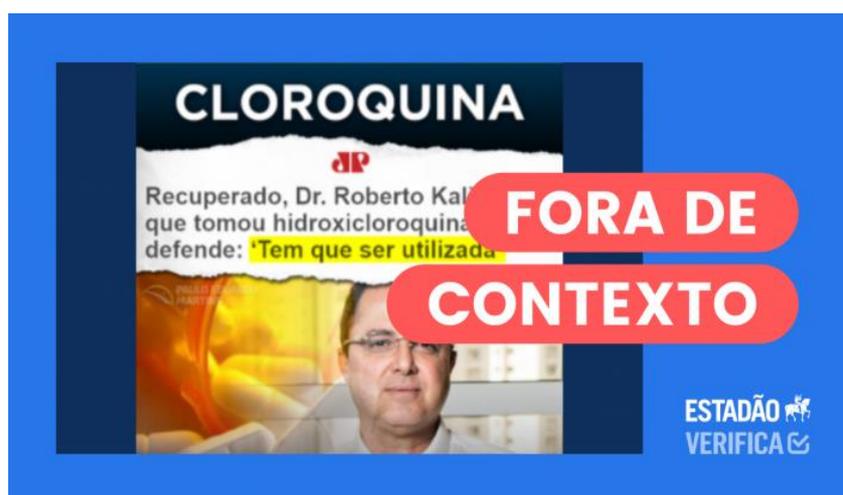
Outro assunto destacado no pronunciamento foi sobre o uso da hidroxicloroquina no combate à covid-19. Para tal, Bolsonaro faz referência ao renomado conhecido Dr. Roberto Kalil, cardiologista do hospital paulista de referência Sírio Libanês. Kalil, que estava se recuperando da covid-19, deu uma declaração no mesmo dia do pronunciamento no programa Jornal da Manhã da Jovem Pan¹⁰², segundo ele tomou hidroxicloroquina e a receitou a pacientes. O problema é que circulou na rede de desinformação uma frase tirada de contexto dando a entender que ele era amplamente a favor do uso do medicamento em quaisquer casos.

¹⁰¹ Cf. <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/06/para-76percent-mais-importante-neste-momento-e-deixar-as-pessoas-em-casa-aponta-datafolha.ghtml> Acesso em: 15 ago. 2021.

¹⁰² Cf. <https://jovempan.com.br/programas/jornal-da-manha/dr-roberto-kalil-hidroxicloroquina-coronavirus.html> Acesso em: 15 ago. 2021.

Diversos grandes jornais desmentiram a desinformação que pode ser classificada como um Conteúdo enganoso, uma vez que se utilizam de uma informação factual distorcem dando ênfase a uma parte da entrevista que leva a crer que ele é amplo defensor sem restrições da hidroxicloroquina.

Figura 3 - Desinformação a respeito da fala do Dr. Kalil que circulou nas redes sociais desmentida pelo ESTADÃO.



Fonte: Estadão Verifica

Na época, como não havia estudos indicando a medicação, o Conselho Federal de Medicina emitiu nota¹⁰³ ¹⁰⁴ dizendo que deixava a cargo dos médicos receitar ou não, e administrar a medicação somente com consentimento do paciente. Mesmo após estudos “padrão ouro” (teste ideal) que comprovaram ineficácia do remédio, de acordo com a microbiologista Natalia Pasternak¹⁰⁵, o CFM ainda mantém esse parecer alegando a autonomia médica.

O presidente segue o discurso citando medidas econômicas realizadas pelo governo, como o início do pagamento do auxílio emergencial de R\$ 600,00, que acabou representando 2,5% de impacto no PIB e possibilitou o mínimo de dignidade para aqueles que não tinham condições financeiras de ficar em casa em isolamento ou tiveram seus empregos perdidos

¹⁰³ Cf. <https://portal.cfm.org.br/noticias/cfm-condiciona-uso-de-cloroquina-e-hidroxicloroquina-a-criterio-medico-e-consentimento-do-paciente/> Acesso em: 15 ago. 2021.

¹⁰⁴ Cf. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-04/cfm-estabelece-criterios-e-condicoes-para-uso-da-cloroquina> Acesso em: 15 ago. 2021.

¹⁰⁵ Cf. <https://olhardigital.com.br/2021/04/19/coronavirus/no-senado-cfm-se-posiciona-contr-o-tratamento-precoce-da-covid-19/> Acesso em: 15 ago. 2021.

devido à crise sanitária. Ao término cita um versículo da bíblia e deseja uma boa páscoa aos brasileiros.

4 A REPERCUSSÃO DOS TELEJORNAIS JN E JR

Neste capítulo apresentamos as análises da cobertura dos três pronunciamentos do presidente, anteriormente apresentados nos telejornais Jornal Nacional e Jornal da Record, a partir das categorias: tema, escalada, artes, fontes, argumentos favoráveis e críticos ao pronunciamento, apresentadas no capítulo de metodologia. Para melhor visualização das análises, apresentaremos os dados em tabelas comparativas das coberturas e, em seguida, as análises descritivas e comparativas.

4.1 Repercussão do primeiro pronunciamento no JN e JR

4.1.1 Tema, tempo, escalada e artes

A seguir, apresentamos a tabela 9 em que sintetizamos a coleta de dados após observação da edição do dia 25 de março de 2020.

Tabela 4 – Tema, Tempo, Escalada e Artes no JN e JR – Primeiro Pronunciamento

Pronunciamento/ data	Telejornal	Tema	Tempo	Escalada	Artes
Primeiro 25/03/2020	JN	Dedicado integralmente à cobertura da covid-19 e a desconstrução dos argumentos usados no pronunciamento	Ao menos 20 minutos do telejornal foi ocupado com críticas diretas ao pronunciamento. Apesar disso, a edição inteira contou com matérias contrapondo o discurso do pronunciamento.	Não cita diretamente o pronunciamento, mas traz frases que contrariam o discurso do presidente. Traz apenas notícias negativas sobre a covid.	Utilizadas ao longo do telejornal para endossar fontes que contrariam o presidente como na utilização de notas oficiais repudiando o pronunciamento.
	JR	Dedicado integralmente à cobertura da covid-19 e reportagens que corroboram com as falas do pronunciamento	Ao menos 14 minutos do telejornal foi dedicado a falas que endossam as ideias do pronunciamento. As demais não endossam as informações do pronunciamento diretamente, mas também não as criticam.	Não cita diretamente o pronunciamento, mas traz frases que endossam as ideias do pronunciamento. Traz notícias ruins, mas finaliza com notícia boa sobre a covid.	As artes do JR não trazem ideias a favor ou contra o pronunciamento.

Fonte: o autor

5.1.2 Tema

Os temas abordados na edição do dia 25 de março de 2020 do JN, que contou com 1h20, variam entre os cadernos de economia, política nacional, política internacional, esporte e, obviamente, saúde. Todos seguem a temática do coronavírus e trazem como principal elemento o pronunciamento do presidente em cadeia nacional. As falas do presidente no cercadinho que

tenham temática similar ao pronunciamento também são trazidas ao longo da edição. O pronunciamento tem destaque em pelo menos 20 minutos do telejornal com matérias que refutam as críticas ao isolamento social ditas pelo presidente.

Na edição do JR o tema que permeia o telejornal também é a covid-19. São apresentadas matérias das mais variadas editorias, como economia, política nacional, política internacional, saúde e previsão do tempo, sendo a única parte do telejornal que foge da temática coronavírus. A maioria das matérias tem como tema o endosso algumas falas do presidente Bolsonaro em seu pronunciamento, como a que aborda a reabertura de indústrias e comércios. Fica nítida a diferença de abordagem dos mesmos temas por ambos os telejornais concorrentes.

4.1.3 Escalada

Na escalada do dia 25 de março de 2020, os apresentadores Willian Bonner e Renata Vasconcelos alternam frases que anunciam as críticas feitas pelo presidente aos governadores e prefeitos e ao isolamento social. Já nesse momento inicial acionam fontes como a OMS para contrapor os argumentos do presidente. Algumas das frases de impacto utilizadas são: “ele ignora a organização mundial da saúde”, “contrariam médicos e sanitaristas de todo planeta”, “contesta medidas adotadas por chefes de estados de todos os continentes”.

Logo na escalada o JN contrapõe a fala do presidente sobre o fim do isolamento social com a do vice-presidente Hamilton Mourão, que o telejornal afirma ter posição contrária ao presidente, indicando um eventual conflito de ideias. Nela também já se antecipa trazendo o tema da economia, tentando desconstruir o argumento do presidente que sugeriu a saída do isolamento social obrigatório, oferecendo como contra-argumento a quebra da economia. O jornalista anuncia: “contra o caos social que Bolsonaro prevê, economistas afirmam que a solução está nas mãos dele próprio”, e o viés que irão abordar sobre a fala do presidente sobre relação economia *versus* saúde. Aqui também acionam a figura da OMS e destacam a frase: “A OMS diz que a responsabilidade de parar o novo coronavírus e salvar vidas é especialmente das lideranças políticas”. Dados alarmantes sobre países que enfrentavam a pandemia são apresentados bem como se ressalta que todos adotaram medidas de isolamento social. Por fim, chamam uma notícia que traz depoimentos de atletas que já contraíram o novo coronavírus. Apesar de não citarem diretamente o pronunciamento, podemos ver na sequência de temas e nos elos da narrativa a clara tentativa de desconstruir as últimas falas do presidente, pinçando os principais argumentos relacionados à desinformação do pronunciamento oficial e os contra-argumentando.

Já o JR, ao contrário do JN, que inicia com escalada, inicia com uma matéria de abertura da edição e só depois parte para a escalada. A matéria que iniciou o telejornal no dia 25 de março de 2020 foi sobre a adulteração de álcool em gel gravada ao estilo câmera escondida. Nela, repórteres vão em busca de ambulantes que vendiam esses produtos. Um especialista é consultado para endossar a ineficácia do produto.

Na sequência, o JR apresenta uma propaganda de banco seguida da escalada. O telejornal anuncia as primeiras mortes causadas pelo vírus fora do Sudeste. A reunião em que o presidente Bolsonaro discutiu com o governador João Dória é o próximo assunto. Adriana destaca a reabertura do comércio no Rio de Janeiro. Uma matéria sobre o pacote financeiro trilionário assinado pelo presidente dos Estados Unidos Donald Trump para ajudar empresas e a população a manter a economia funcionando vem na sequência. Ao término, um texto destacado como "Boa Notícia" anuncia o avanço das pesquisas da vacina da covid-19.

É possível notar ao longo da escalada do JR como o telejornal intercala notícias ruins sobre a pandemia com notícias animadoras, terminando com “boa notícia”. Esse equilíbrio dá a impressão de que a pandemia não é algo tão assustador, assim como foi afirmado pelo presidente em seu pronunciamento, que minimiza a pandemia e cita uma suposta histeria da mídia. Fica clara a diferença entre a linha editorial que irá seguir ao longo dos dois telejornais, um dedicado a contrapor os argumentos do presidente (JN) e outro a ir ao encontro das suas ideias (JR).

4.1.4 Artes

As **artes** utilizadas para ilustrar as matérias do JN no dia 25 de março de 2020 são na maioria gráficos, usados para representar o avanço da pandemia e do próprio vírus. Ao fundo dos dois apresentadores há uma ilustração computadorizada permanente, entre uma matéria e outra, que representa como é o coronavírus. Temer (2020), que também analisou o Jornal Nacional durante a pandemia, nota a mudança da representação do coronavírus nesse fundo animado. No começo representado por apenas uma molécula do vírus, com poucos detalhes, e posteriormente ganhando mais informações. A partir do mês de maio de 2020 o símbolo do coronavírus passa a ser multiplicado na tela. “Isso dá a ideia de que o vírus se alastrou pelo Brasil”. (TEMER, 2020, p.341)

Figura 4: Arte com o coronavírus presente nas edições analisadas



Fonte: Globo

Durante o JN, outra arte traz mensagens de políticos nas redes sociais que não gostaram das críticas feitas por Jair Bolsonaro no pronunciamento oficial. Mais à frente na edição, o apresentador lê algumas notas de repúdio de diversas instituições renomadas. Essas notas são colocadas na tela de maneira ampliada e com destaque no texto e no emblema de cada. Essas duas artes passam credibilidade à informação mostrando um “documento oficial”, um ponto de vista que é externo ao telejornal. Esses são os tipos de artes com maior destaque ao longo da edição.

Na arte abaixo há ilustração sobre a medida econômica de ajuda aos brasileiros.

Figura 5 – JN e as medidas econômicas



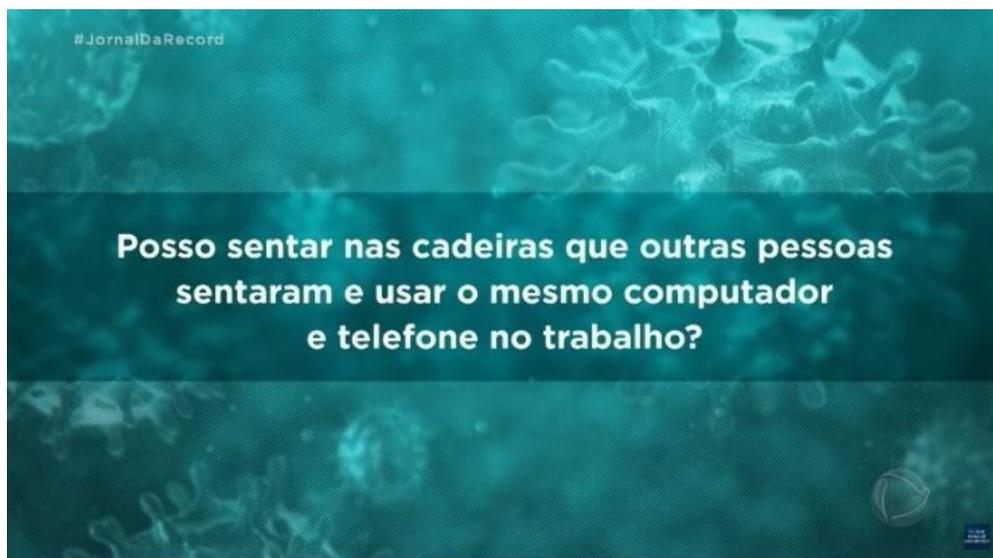
Fonte: Globo

Quanto ao JR, o telejornal utiliza pouca arte ao longo de sua edição, sendo a maioria para apresentar dados sobre o avanço da pandemia no Brasil e no mundo. Outro momento em que artes são acionadas é no quadro com o infectologista Jean Gorinchteyn, no qual o telejornal coloca em tela cheia perguntas feitas frequentemente sobre o novo coronavírus. O cenário onde ficam os apresentadores não apresenta grandes alterações de fundo, sendo trocado apenas em momentos específicos. Abaixo, as figuras 3 e 4 exemplificam as artes utilizadas no telejornal.

Figura 6: Gráficos que contextualizam a pandemia pelo Brasil e pelo mundo.



Fonte: Record TV

Figura 7: Quadro de perguntas sobre a covid-19

Fonte: Record TV

4.1.5 Fontes

A tabela 8 sintetiza as fontes presentes na cobertura da edição no JN e JR. A discrepância é grande entre os telejornais analisados. O JN consulta 20 autoridades em saúde e 10 autoridades internacionais, além de 9 em economia – todas contrapõem os argumentos do presidente no pronunciamento. Ao contrário, o JR dá ênfase às autoridades da saúde, mas o número de consultados é muito inferior ao que apresenta o JN. Observou-se na análise de cada categoria que as diferenças de abordagem em relação aos pronunciamentos foram determinantes para que 45 fontes fossem consultadas no telejornal da TV Globo.

Tabela 5 – Fontes presente no JN e JR – Primeiro pronunciamento

Tipo de Fontes	Autoridades em Saúde	Autoridades em Economia	Autoridades Internacionais	Associações Ligadas à Imprensa	Atletas	Total
JN	20	09	10	02	04	45
JR	04	00	02	00	00	06

Fonte: o autor

Essa edição do JN demonstrou que uma hora e vinte minutos de telejornal foram dedicados a desconstruir minuciosamente o discurso do presidente, acionando quarenta e cinco fontes que gozam de credibilidade e contra-argumentando o presidente. Vinte autoridades ligadas à área da saúde, nove grandes nomes da economia, como ex-ministros, duas associações ligadas à imprensa, dez autoridades das principais nações e quatro atletas endossam argumentos como a defesa do isolamento social, preocupação com a manutenção da vida ante a economia e contra-argumentam cada fala do presidente. A idoneidade dele como líder é o tempo todo questionada na edição. É interessante notar que o telejornal utiliza dados como a melhora nos números da pandemia dos Estados Unidos, onde o presidente Donald Trump, que se dizia amigo de Bolsonaro, também chegou a criticar¹⁰⁶ o isolamento social e minimizar a pandemia, para tentar demonstrar que o isolamento social foi a fonte da melhora e estava sendo efetivo, apesar do governo norte-americano ser contra.

Já no JR, a edição demonstrou que o telejornal não buscou um número tão vasto quanto o concorrente no quesito fontes para contestar ou corroborar os argumentos a favor do pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro. Cinco fontes ligadas à área da saúde e duas autoridades internacionais: uma, o presidente Donald Trump, e outra, Giuseppe Conti, anunciando multas mais severas para quem desrespeitar o isolamento social. Apesar disso, a maioria endossava a ideia do isolamento social vertical, conforme argumento de Bolsonaro no pronunciamento. Quando se trata de falar sobre economia e saúde, populares mais afetados como os trabalhadores informais e comerciantes são consultados. Eles reiteram as falas do presidente sobre a impossibilidade de levar o sustento para casa com o isolamento social obrigatório. É contraditório o fato de o telejornal trazer reportagens que levantam críticas ao isolamento social obrigatório ao mesmo tempo em que mostra a reportagem sobre a pandemia em que Donald Trump defende o isolamento social.

4.1.6 Argumentos favoráveis e desfavoráveis ao pronunciamento

No Jornal Nacional, um dos poucos momentos em que presidente Jair Bolsonaro é apresentado de forma positiva é na entrevista do então ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta, o qual critica a forma como o isolamento social foi feito, alegando que havia outras formas menos radicais que poderiam ser implementadas. Mandetta também elogia a

¹⁰⁶ Cf. <https://veja.abril.com.br/mundo/trump-trava-batalha-com-governadores-por-coronavirus/> Acesso em: 14 nov. 2020

preocupação do presidente com a economia e tenta traduzir na fala o argumento de Bolsonaro. Para o ministro, a população não acatou as recomendações do Ministério da Saúde logo no início da pandemia, atribuindo responsabilidades aos cidadãos brasileiros. Na sequência da fala do ministro, o vice-presidente endossa o pensamento do presidente em relação à economia, porém, não há comentários de outras fontes externas ao governo que apoiem a fala dele. Em seguida, em vídeo, Hamilton Mourão diz que o posicionamento do governo é pelo isolamento social, contradizendo Bolsonaro no pronunciamento.

O telejornal JN aborda as ações do governo para reativar a economia. Um representante da equipe econômica explica as medidas econômicas para transferência de renda aos que não tinham fontes de sobrevivência. Nenhum outro membro do governo é consultado. Na parte da economia internacional, anuncia a medida de auxílio financeiro oferecida pelo governo americano, que é considerada a maior da história. As artes são utilizadas para explicar as medidas econômicas.

O telejornal da Record, por sua vez, traz em sua maioria matérias que utilizam argumentos que endossam as falas do presidente no pronunciamento. Logo no início, a jornalista Christina Lemos anuncia que o governo irá adotar a cloroquina como medicamento nos casos mais graves da doença. Porém, na sequência, uma fala do Ministro da Saúde é pinçada de sua coletiva de imprensa e não fica muito clara a adoção da cloroquina como protocolo do Ministério. O que Mandetta diz é que a partir de então a cloroquina estaria disponível nos estoques de medicamentos dos hospitais públicos, ressaltando que estaria a cargo dos médicos ministrá-la ou não. A jornalista segue noticiando mais sobre a coletiva de Mandetta e diz que o Ministério da Saúde não mudou a orientação para o que chamou de “contato direto”, em vez de usar a expressão popular “distanciamento social”. Na sequência, chama o ministro de crítico do bloqueio de produtos, em alusão ao fechamento geral do comércio, e destaca uma frase em que ele diz que a quarentena precisa ser “melhor ajustada”, que a adoção do fechamento de tudo sem critérios estabelecidos não era a melhor alternativa. Esses argumentos indicam um posicionamento crítico ao isolamento social, que será confirmado nas demais matérias.

Na sequência, uma reportagem traz o prefeito do Rio de Janeiro Marcelo Crivella, aliado de Bolsonaro e do Bispo Edir Macedo, dono da emissora Record, que fala sobre a programação da reabertura do comércio na cidade. Apesar da reportagem dar a entender que o isolamento iria acabar, ao término a repórter diz que Crivella pede para todos ficarem em casa cumprindo o afastamento social nos próximos 15 dias. Essa fala, sem respaldo técnico, endossa a ideia do presidente que a pandemia era só uma gripezinha e a volta à normalidade já estaria prestes a ocorrer.

Quando finalmente o pronunciamento do presidente é citado, a repórter atribui a medida de Crivella ao que o presidente disse, mostrando imagens do pronunciamento em que Bolsonaro pede o fim do confinamento em massa. O telejornal então mostra um exemplo de comerciante, dono de uma loja de conveniência, dizendo que a economia não pode parar, sendo necessário se adaptar à nova realidade, reafirmando o discurso do presidente.

A reportagem seguinte mostra os ônibus lotados em Pernambuco, contrariando as recomendações de distanciamento social. A apresentadora relata que são as pessoas que não respeitam o distanciamento e que por isso os ônibus andam lotados. Uma autoridade de transporte do governo é usada como fonte e pede que passageiros não entrem em ônibus lotados, porém não apresenta soluções por parte do governo para isso. Vídeos amadores de passageiros e da própria reportagem mostram as superlotações por fora e por dentro dos ônibus.

A primeira morte no estado de Pernambuco é a próxima notícia. O repórter que está na rua, em frente ao hospital, traz informações. Uma delas é que a morte de um paciente de 88 anos ocorreu porque tinha doenças preexistentes, como respiratórias, cardíacas e diabetes, mencionando que era do grupo de risco e associando a morte a esses fatores. Novamente endossam a fala de Jair Bolsonaro sobre a doença ser fator de preocupação apenas para idosos.

Outra reportagem no JR mostra os trabalhadores no estado de São Paulo que seguiram com as suas atividades, contrariando a quarentena imposta pelo governo de João Doria. Segundo o telejornal, muitos não têm outra saída e precisam se expor para poder colocar comida na mesa. Essas pessoas ganham espaço e falam sobre a impossibilidade de ficarem em casa. Uma manicure é entrevistada e deixa claro que não conseguirá aguentar mais de um mês sem trabalhar. Essas falas endossam a ideia do pronunciamento do presidente sobre a impossibilidade do isolamento social, pois as pessoas não têm como sobreviver, além da deterioração da economia. Em nenhum momento se aponta a responsabilidade do governo federal em dar suporte a essas famílias. As reportagens do Jornal Nacional são em caráter oposto, reforçando a responsabilidade do governo federal em prover assistência aos mais necessitados.

O jornalista Augusto Nunes, comentarista do JR, é chamado para opinar sobre como está sendo tratada a pandemia. Ele reproduz argumentos anteriormente ditos pelo presidente para jornalistas no local apelidado por cercadinho¹⁰⁷, como “o efeito colateral não pode ser mais danoso que o remédio”. O jornalista também critica a imprensa, reiterando a fala do presidente

107 Cf. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/23/bolsonaro-reclama-de-aco-es-excessivas-contr-o-coronavirus-e-diz-que-mp-tentara-preservar-empregos.ghtml> Acesso em 15 mai. 2021

no pronunciamento, na qual também diz que parte dos veículos jornalísticos é responsável pelo que chama de “epidemia de pânico”, minimizando a pandemia. Outro argumento que o jornalista utiliza é tentar desabonar alguns especialistas que tentaram prever o número de mortes nos diferentes cenários da pandemia. Um deles, o doutor em microbiologia Átila Iamarino, blogueiro e youtuber que se tornou bastante conhecido durante a pandemia pela sua didática ao explicar sobre o vírus. O especialista havia previsto¹⁰⁸ um milhão de mortos caso a pandemia não fosse controlada. Augusto Nunes também menciona o argumento do direito de ir e vir, supostamente cerceado durante o isolamento obrigatório. Também diz, sem citar nomes, que o número de especialistas e jornalistas que, segundo ele, “pavimentam o caminho da racionalidade” vêm crescendo. No mesmo tom de Bolsonaro, sugere o chamado isolamento social vertical. Argumenta que pessoas saudáveis devem voltar ao trabalho o quanto antes, e termina com a frase: “a recessão aguda mata mais que a epidemia”. Essa fala está em consonância com o argumento do presidente na tentativa de acabar com o isolamento social.

Na sequência o JR reforça o argumento do jornalista colocando em vídeo trechos da entrevista de Bolsonaro no cercadinho, em Brasília, onde defende o isolamento vertical e a reabertura dos postos de trabalho. Bolsonaro nesse momento, em tom agressivo, diz que governadores e prefeitos estão “cometendo um crime” classificando o isolamento social como motivo para a quebra da economia e destruição de empregos. Fala também sobre a impossibilidade de dissociar economia e vida, uma vez que, segundo ele, as duas andam juntas.

O JR então entra ao vivo com um repórter falando sobre a reunião que governadores tiveram com o presidente da câmara Rodrigo Maia. A repórter destaca a ausência do governador do Distrito Federal Ibaneis Rocha e destaca também uma aspa do governador sobre o discurso do presidente: “não está totalmente errado”.

A próxima matéria aborda a covid-19 no mundo, especialmente na Itália, então epicentro da doença na Europa. O apresentador diz que os números de mortos e infectados registrados foi menor. A apresentadora, na sequência, reforça que a situação é grave e atribui ao governo a retomada do isolamento social no país.

O jornal chama então a arte de um momento denominado Plantão coronavírus. Nele, o infectologista do hospital de referência Emílio Ribas, Jean Gorinchteyn, que posteriormente se tornou Secretário de Saúde do Estado de São Paulo, responde às perguntas mais feitas pelos cidadãos relacionadas a hábitos e a covid-19.

¹⁰⁸ Cf. <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/07/14/interna-brasil,872144/atila-amarino-e-a-projecao-de-1-milhao-de-mortos-da-covid-no-pais-en.shtml> Acesso em: 15 mai. 2021

Ao término do bloco um telespectador não identificado fala à câmera, em um breve vídeo amador, sobre seu trabalho ser considerado serviço essencial e a impossibilidade de parar de trabalhar. Ele é veterinário.

Outra matéria que traz como foco o número de pessoas curadas do novo coronavírus. A matéria minimiza a mortalidade do vírus, dizendo que a grande maioria das pessoas se cura da doença. Um infectologista é chamado e declara que “a pessoa ser curada do coronavírus é uma regra e não exceção”. Os apresentadores dizem que o Ministério da Saúde ainda não havia divulgado os dados de curados da covid-19 no país, mas citam um estudo feito pela Universidade John Hopkins¹⁰⁹ que revela que o número de curados é bem maior que o número de mortos pela covid-19. Em seguida, um casal jovem que estava contaminado e aparenta estar bem dá seu depoimento em vídeo. Isolados em sua residência, eles argumentam que os sintomas são brandos, mostrando que o vírus não é tão letal assim, bem como seus sintomas não são tão graves. O presidente Bolsonaro em seu pronunciamento cita a histeria da mídia em relação ao vírus.

O apresentador do JR, então, retorna para chamar a matéria que traz Porto Alegre e a multa aos idosos que não respeitarem o isolamento social. O prefeito da cidade entra em tela cheia orientando o isolamento social, mas enfatiza: “principalmente foco no isolamento social das pessoas acima de 60 anos”. Para reforçar o posicionamento e ratificar o isolamento vertical mostra o caso da primeira morte de um paciente da região Norte. Ao término do anúncio, a apresentadora reforça com a frase: “fazia parte do grupo de risco”. Esses argumentos parecem também reforçar a defesa ao isolamento social vertical proposto pelo presidente no pronunciamento.

Uma outra reportagem traz o depoimento do presidente dos Estados Unidos Donald Trump dizendo que é a favor do isolamento social, e que quanto mais os americanos se comprometerem em ficar em casa, mais cedo tudo voltará ao normal. Esse é um dos poucos momentos que não reiteram as ideias do pronunciamento. Não podemos esquecer que Trump foi mencionado por Bolsonaro como uma referência. Outra reportagem sobre Tóquio destaca a quarentena e o pedido da governadora para a população ficar em casa o máximo possível.

Já quando falamos sobre críticas ao pronunciamento, totalmente oposto ao posicionamento do JR, o JN se destaca. O telejornal da Globo dedicou sua edição inteira com matérias produzidas (não necessariamente com referências diretas ao pronunciamento) de maneira a desconstruir os argumentos usados pelo presidente. Já nas primeiras matérias da

¹⁰⁹ Cf. <https://coronavirus.jhu.edu/map.html> Acesso em: 15 nov. 2020

edição do dia 25 de março de 2020, o telejornal se dedica a trazer a situação global da pandemia. Ao veicularem matéria sobre os Estados Unidos, destacam a efetividade do isolamento social, utilizando discurso em vídeo do Governador de Nova Iorque Andrew Cuomo, que apresenta dados estatísticos sobre a diminuição de contágio devido ao isolamento social. Reforçam o argumento com a situação da Itália, país que veio a ser o epicentro da pandemia na Europa, dando a entender que o Brasil estaria incorrendo no mesmo equívoco. Lá, o governo estadual queria manter o isolamento social e o presidente se opôs. O telejornal coloca na sequência um vídeo de Giuseppe Conte se desculpando publicamente no parlamento pelas medidas adotadas. Para dar dimensão da adesão ao isolamento, destacam a Índia, país com o de “maior isolamento obrigatório do mundo”. Está claro o embate com a ideia do fim do isolamento social no país proposta pelo presidente Bolsonaro no pronunciamento.

Na matéria que precede a cobertura do pronunciamento, o correspondente internacional Rodrigo Carvalho conta que o governo britânico vai diariamente à TV atualizar os números da pandemia, lembrando cada recomendação para a contenção do vírus. Ele termina mostrando uma mensagem do governo em seu celular, pedindo para a população ficar em casa para salvar vidas e proteger o sistema de saúde. O governo foi bastante criticado¹¹⁰ por não realizar amplamente campanhas de conscientização e comunicação com a população sobre o vírus.

Além de ter o isolamento social reforçado, em contraponto ao que o presidente argumenta em seu pronunciamento do dia 24 de março de 2020, a crítica de Bolsonaro a governadores e prefeitos em relação ao mesmo tema também gerou um efeito cascata de respostas das autoridades nas redes sociais. Essas respostas são mostradas no telejornal. Muitas fontes reforçam a fala do apresentador William Bonner sobre contrariar autoridades de saúde, citando a OMS e outros países como exemplos. Ronaldo Caiado, governador de Goiás, se expressa em tom severo contra a postura favorável do presidente sobre o uso da cloroquina. O então governador do Rio de Janeiro Wilson Witzel, considerado pelo repórter como desafeto de Bolsonaro, aparece na matéria criticando as falas do presidente, argumentando sobre a não validade jurídica, legal, do pronunciamento, desautorizando o presidente e endossando a manutenção do isolamento social no estado do Rio de Janeiro.

Uma reunião ocorrida no dia seguinte ao pronunciamento, tarde do mesmo dia da edição analisada do telejornal JN, com governadores da região sudeste para discutir o combate ao novo coronavírus, resultou em troca de acusações entre o Governador João Dória e o presidente

¹¹⁰ Cf. <https://oglobo.globo.com/saude/plano-de-comunicacao-do-ministerio-da-saude-tinha-medidas-criticadas-desempunhadas-por-bolsonaro-2-25006683> Acesso em: 15 ago. 2021.

Bolsonaro. A reportagem traz esse assunto e inicia dando destaque a uma foto oficial dessa reunião em que um dos generais aparece ao lado de Bolsonaro, bem como destaque a um vídeo no qual um assessor do presidente figura ao seu lado, em público, sem máscara — ambos tinham sido diagnosticados com o novo coronavírus havia menos de duas semanas, tempo que a OMS recomendava¹¹¹, até então, para que a pessoa ficasse de quarentena, isolada. João Dória aparece em vídeo criticando Bolsonaro e a sua conduta no pronunciamento; o telejornal mostra a réplica de Bolsonaro e depois segue com mais um depoimento de Dória, observando que as falas de Bolsonaro não estão amparadas nos protocolos da OMS, bem como de seu próprio Ministério.

Para dar mais crédito às críticas, uma reportagem em que o telejornal lê os *tweets* contra o pronunciamento de Bolsonaro feito por notórias figuras da política, como o ex-presidente da república Fernando Henrique Cardoso (1995-2002). A partir disso, o telejornal JN repercute as notas de entidades respeitadas, como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e associações ligadas às comunidades científica e médica, que aparecem com seus representantes para reforçar a crítica ao pronunciamento do presidente. Destacam-se aqui diversas frases-chave rechaçando o pronunciamento, como a da Associação Brasileira de Imprensa (ABI): “O país assistiu estupefocado a um pronunciamento em que o presidente Jair Bolsonaro minimizou os riscos da pandemia e que foi na contramão das medidas recomendadas pelas autoridades de saúde”. Outro destaque foi a do Conselho Federal de Medicina (CFM): “Todos, Governo Federal, governadores e Congresso Nacional devem superar aspectos políticos e adotar as orientações emanadas pelo Ministério da Saúde, cuja conduta tem sido irrepreensível.”. Um infectologista do instituto Emilio Ribas, referência na cidade de São Paulo, é colocado em destaque explicando a função do achatamento da curva para não sobrecarregar o sistema de saúde. Para isso, o isolamento social é endossado.

Nesse momento, frases do pronunciamento são mencionadas pela repórter, que reforça a preocupação de especialistas, como os representantes da Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI), com o pronunciamento do presidente, como a crítica ao fechamento de escolas devido aos jovens não representarem o grupo de risco da doença e o termo “gripezinha” para se referir aos sintomas da covid-19. Na sequência, o JN aciona um infectologista para abordar o tema, que menciona dados científicos sobre a letalidade do vírus e desconstrói didaticamente o argumento do isolamento vertical (onde apenas os grupos de risco ficariam em isolamento), defendida pelo presidente no pronunciamento. Na sequência, o JN continua mostrando notas

¹¹¹ Cf. <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2020/09/17/oms-recomenda-quarentena-de-14-dias-diante-do-ritmo-alarmante-de-transmissao-da-covid-19-na-europa.htm>. Acesso em: 14 nov. 2020.

críticas ao pronunciamento de outras associações e seus representantes, que defendem o isolamento social com argumentos técnicos. Ao final, o apresentador do JN chama um depoimento de um servidor do Ministério da Saúde, Wanderson de Oliveira, que atua como secretário de vigilância em saúde, o qual contraria o discurso de Bolsonaro, ratificando também a necessidade do isolamento social.

Sobre economia, a apresentadora Renata Vasconcelos apresenta diversos especialistas que foram unânimes em dizer que a responsabilidade por garantir a sobrevivência dos brasileiros durante a pandemia era do presidente, contra-argumentando seu discurso em que coloca governadores e prefeitos como inimigos do governo. Essas fontes de renomadas instituições financeiras, bem como ex-ministros ligados à área, trazem argumentos que envolvem gastar dinheiro em projetos de transferência de renda para os mais pobres, indicando maneiras de fazer isso. Todos contra-argumentam o presidente reforçando a ideia de a vida estar acima da economia.

A entrevista coletiva de Tedros Adhanom, diretor executivo da OMS, reitera o isolamento social e traz medidas que se mostraram efetivas em outras partes do mundo. O JN menciona que a OMS não quis comentar o pronunciamento do presidente, porém destaca fala do diretor da organização, que reitera que salvar vidas é prioridade e que “liderança política é chave” para lidar com a pandemia. Na sequência, chefes de estado das principais nações do planeta recomendam isolamento social às populações.

Para combater o argumento do presidente sobre sua capacidade de não apresentar os sintomas devido ao seu histórico de atleta, Renata Vasconcelos relembra um dos argumentos do pronunciamento do presidente, no qual ele diz não se preocupar pois seria apenas uma “gripezinha” ou “resfriadinho”. Para contrapor o argumento, grandes atletas testemunham em vídeos postados nas redes sociais que as competições esportivas deviam ser paralisadas, e outros testemunham que contraíram o novo coronavírus e que os sintomas não foram nada brandos. Grandes atletas do futebol e de esportes olímpicos divulgam vídeos nas redes sociais, como o argentino Messi, jogador de futebol e atleta do clube do futebol Barcelona, na Espanha, defendendo o isolamento social e a necessidade de fazer exercícios em casa.

Ao término da edição, de maneira descontraída e inusual, Bonner questiona Renata sobre um possível cansaço após o extenso tempo incomum de telejornal. Bonner então finaliza o telejornal chamando um depoimento de um colega que está internado com a covid-19 e que acabara de sair do estágio crítico da doença. Renata volta e agradece poder dar uma notícia boa em meio a tantas ruins. Ambos se despedem em tom animado.

Já no JR não há preocupação em questionar o pronunciamento do presidente, a não ser na matéria em que Rodrigo Maia e João Dória são mencionados. A reunião onde ocorreu a troca de acusações entre João Dória, governador de São Paulo, e Bolsonaro também foi retratada no telejornal. A reunião aconteceu no dia seguinte ao pronunciamento, tarde do mesmo dia da edição analisada, com governadores da região sudeste para discutir o combate ao novo coronavírus. A reunião foi um esforço de aproximação feito por Rodrigo Maia, presidente da Câmara dos Deputados, mas que resultou em troca de acusações entre os dois políticos. As duas falas foram colocadas na íntegra.

O depoimento de Maia sobre o pronunciamento do presidente é apresentado por um repórter do JR, que repete suas falas como argumento sobre a pressão do mercado financeiro em cessar o isolamento e abrir novamente a economia, “mas que não se pode ouvir investidores que perderam dinheiro num momento como esse”. O jornalista também ressalta o que o presidente da Câmara dos deputados disse em defesa de governadores e prefeitos: “governadores seguiram orientações do estado de calamidade decretado pelo próprio presidente”. Para finalizar, o repórter dá destaque à frase de Maia: “a vida de cada um de nós e o emprego não podem virar uma mera estatística”. O relato dura menos de 1 minuto. Todo esse relato deixa claro o posicionamento a favor das falas do presidente da República em seu pronunciamento oficial por parte do jornalismo da TV Record.

4.2 Repercussão do segundo pronunciamento no JN e JR

4.2.1 Tema, tempo, escalada e artes

A seguir, apresentamos a tabela 9 em que sintetizamos a coleta de dados após observação da edição do dia 31 de março de 2020.

Tabela 6 – Tema, Tempo, Escalada e Artes no JN e JR – Terceiro Pronunciamento

Pronunciamento Data	Telejornal	Tema	Tempo	Escalada	Artes
Segundo 31/03/2020	JN	Dedicado integralmente à cobertura da covid-19. Traz matérias que trazem a desconstrução dos argumentos usados no pronunciamento	Ao menos 18 minutos do telejornal foi ocupado com críticas a falas do pronunciamento. A edição inteira contou com matérias contrapondo o discurso do pronunciamento direta ou indiretamente.	Não cita diretamente o pronunciamento, mas traz frases que contrariam o discurso do presidente como a fala distorcida do diretor geral da OMS utilizada no pronunciamento.	Utilizadas ao longo do telejornal trazendo dados e deixando informações mais claras. Uma arte traz o print da fala do diretor geral da OMS contrariando Bolsonaro.
Segundo 31/03/2020	JR	Dedicado integralmente à cobertura da covid-19. Reportagens ao longo de aproximadamente 09 minutos corroboram com as falas do pronunciamento.	Ao menos 14 minutos do telejornal foi dedicado a falas que endossam as ideias do pronunciamento. As demais não endossam as informações do pronunciamento diretamente, mas também não as criticam.	Não cita diretamente o pronunciamento, mas traz frases que endossam as ideias do pronunciamento. Traz notícias ruins, mas finaliza com notícia boa sobre a covid.	O JR utiliza poucas artes ao longo de sua edição. Uma das únicas artes que aparecem no telejornal trazem os dados da covid do Rio de Janeiro e o repórter endossa um suposto achatamento da curva de contaminação

Fonte: o autor

4.2.2 Tema

Os temas abordados na edição do JN variam entre os cadernos de economia, política nacional, política internacional e previsão do tempo. Em sua grande maioria em relação a saúde. Todos seguem a temática do combate às críticas ao isolamento social, tendo como referência as falas do pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro balizadas também por momentos como no cercadinho, que antecedeu o pronunciamento e contou com temática parecida. Uma média de 18 minutos são dedicados a endossar o isolamento social, medida criticada no pronunciamento.

Essa edição do JR contou com aproximadamente 43 minutos de duração e teve reportagens de temáticas variadas, todas relacionadas a covid-19. Economia, política nacional e internacional e temas relacionados a saúde percorreram toda a edição do telejornal.

4.2.3 Escalada

A primeira matéria citada na escalada do JN cita a fala do presidente Jair Bolsonaro, na qual o mandatário cita que Tedros Adhanom supostamente menciona sobre a necessidade do retorno ao trabalho. O telejornal afirma que Bolsonaro, na verdade, distorce a fala do representante da OMS, eliminando o contexto da declaração em que a autoridade internacional reforça a necessidade do controle da pandemia também com políticas sociais do governo. A ONU é citada reforçando essa obrigação do governo em prover assistência à população. A indicação da OPAS em recomendar o distanciamento social como única forma de evitar a superlotação dos hospitais é destacada. O pedido do ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta para que a população fique em casa é reforçado por Bonner, que cita outros ministros com bastante prestígio (economia, Paulo Guedes, e casa civil, Braga Neto), que endossaram a fala de Mandetta. O número de mortos pela covid-19 é anunciado, como também o auxílio proposto pelo governo, que ainda dependia da aprovação de Bolsonaro para ser pago.

A escalada do JR começa destacando os 5 mil casos confirmados de coronavírus no país. Em seguida, anuncia uma possível intervenção no hospital Santa Maggiore, que teve um alto índice de mortos. Uma nova técnica para detecção de pacientes graves da covid-19 é destacada. Por último o telejornal diz que cientistas afirmam que o novo vírus da covid-19 mata menos do que foi anunciado.

É possível perceber pela hierarquia das matérias escolhidas na escalada que o JN novamente irá se dedicar a desconstruir as falas do pronunciamento do presidente referentes ao isolamento social enquanto o telejornal da Record em nenhum momento faz críticas e nem apoia, sendo omissa em relação a que a ciência dizia.

4.2.4 Artes

Nessa edição do telejornal o JN utiliza artes que acabam não tendo tanta aderência ao pronunciamento. Logo no início um print do tweet do diretor geral da OMS com dizeres opostos aos enunciados por Bolsonaro no pronunciamento é destacado em tela cheia. O JR utiliza poucas artes ao longo de sua edição. Uma das únicas artes que aparecem no telejornal traz os

dados da covid-19 do Rio de Janeiro, e o repórter endossa um suposto achatamento da curva de contaminação. Essa informação pode confundir o telespectador que pode ter uma sensação de melhora na pandemia.

4.2.5 Fontes

Na tabela 10, a seguir mostramos as fontes consultadas em referência ao segundo pronunciamento de Jair Bolsonaro escolhido para este estudo. Nos dois telejornais a maioria das fontes é ligada à saúde e a quantidade é praticamente a mesma.

Tabela 7 – Fontes presente no JN e JR – Segundo pronunciamento

Tipo de Fontes	Autoridades em Saúde	Autoridades em Economia	Autoridades Internacionais	Associações Ligadas a Imprensa	Jornalistas	Total
JN	3	0	1	0	0	4
JR	3	1	1	0	1	5

Fonte: autor

4.2.6 Argumentos favoráveis e críticos ao pronunciamento

Logo no início do JN, Renata Vasconcelos menciona que Bolsonaro voltou a defender o posicionamento contra o isolamento social, reforçando que o mundo inteiro adotou essa estratégia para combater o coronavírus. Cita então a fala do presidente Bolsonaro, na qual a declaração do diretor geral da OMS Tedros Adhanom é manipulada. Segundo o telejornal, a frase foi tirada de contexto, Renata fala que Bolsonaro omitiu a fala na sequência, que responsabilizava os governos pela assistência aos mais pobres. O trecho reproduzido em que Bolsonaro repete a informação no cercadinho é exibido, porém, o telejornal enfatiza que Adhanom não disse isso, contradizendo o presidente. O telejornal então traduz as falas do diretor e reforça a omissão feita por Bolsonaro. Para reafirmar o posicionamento, os apresentadores citam que questionaram a OMS quanto a ser contra o isolamento, eles repercutem a resposta do órgão que declara não ser contra o isolamento social e a favor de os

mais pobres terem apoio dos governos. Um tweet mostrado como arte do diretor da OMS, após a repercussão do caso, tenta esclarecer essa sua fala e ratifica o a informação do jornal contrariando o pronunciamento do presidente.

No telejornal da Record esses momentos de troca de farpas entre Bolsonaro e OMS também são trazidos. É destacado a princípio o momento em que Bolsonaro fala no cercadinho sobre o diretor geral da OMS Tedros Adhanon estar em consonância com sua fala sobre a volta ao trabalho. Apesar disso, o telejornal expõe que Adhanom se retratou ao dizer não ser contra o isolamento social, porém, a fala completa da autoridade da OMS não é apresentada, apenas o repórter dá a entender que Bolsonaro estava certo.

No JN, o auxílio emergencial é citado como medida do governo e é dito que só depende da sanção do presidente para que entre em vigor. O pronunciamento é citado pelo telejornal, que diz que Bolsonaro, diferente do seu discurso da manhã naquele dia, mudou de tom e não distorceu a fala de Adhanom. O congelamento dos preços dos remédios dito no pronunciamento é destacado.

Para reforçar a necessidade do isolamento, o JN então lança mão de fontes que estavam alinhadas com o presidente Bolsonaro, mas se pronunciam favoráveis ao isolamento social. Os ministros da saúde, economia e casa civil contrariaram seu superior. Mandetta diz que as decisões seriam tomadas com base na ciência e solicita o máximo de distanciamento ao povo.

Medidas de combate à pandemia são citadas no JN, como a compra de EPIs. Mandetta reforça a necessidade de olhar para os mais pobres, como os moradores de rua. Outra fala do então ministro reafirmando o isolamento social é exibida.

Uma reportagem do JN que traz a OPAS, o Fundo Monetário Internacional e a ONU falam sobre a preocupação internacional com a economia global. O telejornal destaca a preocupação da OPAS com as medidas para conter o vírus e cita o isolamento como principal medida vista pela entidade. Um diretor da OPAS, Jarbas Barbosa, é questionado quanto a contradição entre o que a OPAS propõe e a fala do presidente Jair Bolsonaro contra o isolamento. O entrevistado reitera que o posicionamento da ciência é pelo isolamento social como ferramenta e o endossa. Um pedido ao ministro do STF Marco Aurélio Melo denuncia Bolsonaro por conspirar contra a saúde pública no pronunciamento anterior.

O telejornal mostra críticas de diversos setores da sociedade civil à demora do presidente Jair Bolsonaro em colocar em prática as medidas econômicas de auxílio às micro e pequenas empresas e sancionar o auxílio emergencial já aprovado pelos parlamentares. Esse auxílio ajudou a colocar comida na mesa de quem perdeu o trabalho e possibilitou que parte da

população seguisse as recomendações do Ministério da Saúde de ficar em casa, algo que também contrariava o presidente, que pedia a volta do povo ao trabalho.

Na parte internacional, o telejornal JN fala sobre a covid-19 no mundo e os números alarmantes de mortos, a imagem grita mostrando as ruas vazias na Itália e é reiterado que o isolamento social será mantido por mais tempo; a Espanha também é citada por prorrogar o isolamento. Na Bélgica, a morte de uma criança de 12 anos pela covid-19 é destacada. O caos nos Estados Unidos é destacado — na época um dos países com os piores números da pandemia. A coordenadora da força-tarefa da Casa Branca endossa o distanciamento social para os Americanos. Esses posicionamentos mundo afora reforçam a ideia de que o resto do mundo está abraçando o isolamento social como medida de contenção do vírus.

É também apresentada no JN a decisão do ministro Luiz Roberto Barroso em proibir o governo de produzir peças publicitárias estimulando as pessoas a irem às ruas ou diminuindo a gravidade da pandemia. Isso ocorreu após o governo federal veicular uma propaganda com os dizeres “O Brasil não pode parar”¹¹², que estimulava o retorno dos brasileiros fora do grupo de risco às atividades.

O telejornal da Globo destaca o pânico que ocorreu durante o pronunciamento do presidente em diversas cidades, Bonner (2020, online) então encerra o telejornal falando uma frase que marca o posicionamento da empresa: “no que depender da Globo, você vai ficar em casa e ter sempre muita informação [...]”. Como visto, é clara a posição contrária às falas do presidente.

O Jornal da Record nessa edição atua de maneira mais amena em relação ao pronunciamento do presidente e chega a citar o isolamento como algo positivo que levou o Brasil a estar à frente de outros países no início do controle da doença. Também contradiz Bolsonaro, que em diversos momentos minimizou a pandemia, e deixa claro que para os médicos há um consenso sobre a pandemia estar longe acabar.

Uma fala do ministro Mandetta em sua coletiva de imprensa reforça seu posicionamento a favor do distanciamento social. O JR, por sua vez, não cita a palavra isolamento social e sim “redução do contato social” entre os brasileiros. Esse termo parece reforçar a ideia da volta ao trabalho, pois cita reduzir o contato entre as pessoas apenas e não isolar.

Os apresentadores do JR falam que as medidas de combate à pandemia estão dando resultado, e citam uma informação destacada como importante: “já há registro de mortos em

¹¹² Cf. <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/03/27/governo-lanca-campanha-brasil-nao-pode-parar-contra-medidas-de-isolamento> Acesso em: 15 ago. 2021.

peessoas mais jovens”. Essa informação também contraria as falas do presidente, que apontava os mais idosos como grupo de risco. Apesar disso, o telejornal parece associar a morte da jovem com o uso de remédios psiquiátricos, destacando que ela tomava remédios que baixavam a imunidade.

O destaque ao isolamento social é reiterado pelo telejornal, que diz estar funcionando na cidade do Rio de Janeiro. O repórter menciona que o prefeito da cidade, Marcello Crivella, usa máscara na coletiva. A ausência da máscara, apesar de não ser citada no pronunciamento, foi a grande polêmica durante as idas de Bolsonaro em eventos públicos nos quais não utilizava a proteção.

Uma reportagem destaca o trabalho dos médicos no combate ao vírus. Uma médica diz que a quarentena é medida para proteger os profissionais da saúde e seus familiares. Outra reportagem cita os impactos econômicos da quarentena, destacando que o presidente da Federação do Comércio de São Paulo Alfredo Cotait Neto defende a reabertura do comércio com as devidas medidas de higiene para a semana seguinte. Ele aparece citando que, caso o governo não auxilie repassando recursos, as demissões serão ainda maiores, reforçando as falas de Bolsonaro para a retomada da economia.

O destaque do crescimento da covid-19 nos Estados Unidos é a próxima matéria, e segue endossando que a maioria da população está em isolamento e que isso “pode vir a reduzir o número de casos”.

No telejornal da Record, o comentarista Augusto Nunes critica uma fala do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Na ocasião, Lula cobrou celeridade do governo na aprovação do auxílio emergencial dizendo que “A fome não pode esperar”. Nunes então cita casos de corrupção do PT e classifica o vírus como vírus Chinês. Essa classificação foi usada por Bolsonaro e seus apoiadores e gerou problemas diplomáticos quando o ministro das relações exteriores Ernesto Araújo denominou o vírus de “Comunavírus”, em comentário publicado em seu blog, dando a entender que o vírus foi um plano do que chamaram de projeto globalista, focado em instaurar o comunismo no mundo¹¹³. Dar voz ao ministro reforça a ideia do presidente sobre um suposto domínio comunista na política, tendo como representantes o Partido dos Trabalhadores e a figura de Lula.

Apesar de não mencionar o isolamento social nesse caso, no final do JR há uma reportagem para explicar por que os jovens se recuperam mais rápido. O infectologista do

¹¹³ Cf. <https://oglobo.globo.com/brasil/sete-momentos-em-que-ernesto-araujo-atacou-china-1-25023701> Acesso em: 15 ago. 2021.

Hospital das Clínicas, referência em São Paulo, Álvaro Costa explica os motivos, porém, destaca o potencial de transmissão para quem mora na mesma casa. Perspectiva contrária à que o presidente defendia, como o isolamento vertical. O isolamento de idosos se tornou algo praticamente impossível na realidade das casas no Brasil, com pouca ou nenhuma infraestrutura de esgoto, água e mesmo espaço para colocar o jovem isolado do idoso. Estima-se que no país 35 milhões de pessoas ainda não tenham acesso a água tratada e 100 milhões não possuem coleta de esgoto, de acordo com o *ranking* de saneamento apresentado pelo instituto Trata Brasil.¹¹⁴

O telejornal JR contraria a fala anterior do médico e pode acabar confundindo quando destaca em seguida em uma de suas matérias a proposta da Confederação Nacional da Indústria a favor do isolamento vertical defendido pelo presidente Jair Bolsonaro. Ao contrário do Jornal Nacional, que mostrou que os números de contaminados onde se fez isolamento social diminuíram, o JR não traz nenhum especialista que defenda ou refute a ideia do isolamento vertical com dados.

O telejornal da Record mostra o aumento da produção da cloroquina pelas forças armadas. Apesar de destacar ser em caráter experimental, dados¹¹⁵ mostram que as vendas de cloroquina dispararam após as falas do presidente. No pronunciamento, Bolsonaro cita a cloroquina e diz “parecer funcionar”.

Uma outra matéria dá ênfase ao maior número de curados da covid-19 em comparação ao de mortos pela doença. Porém, de acordo com Marcos Boulos, professor da faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em entrevista para BBC News Brasil:

É um vírus que mata, normalmente, menos de 5% das pessoas que foram infectadas e tiveram sintomas. Então, é óbvio que mais de 95% vão se recuperar. Enfatizar os números de recuperados não muda nada neste momento. É preciso ser realista. Não é correto tentar minimizar a gravidade da doença.¹¹⁶

No primeiro telejornal analisado, o JR destaca uma pesquisa afirmando que o número de curados é bem maior do que o número de mortos pela covid-19”. Esse posicionamento foi adotado posteriormente pela Secretaria de Comunicação (SECOM) do governo federal, que criou o “placar da vida” em seu site destacando o número de curados da doença. Isso foi

¹¹⁴ Cf. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/saude/audio/2021-03/saneamento-basico> Acesso em: 15 ago. 2021

¹¹⁵ Cf. <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2021/04/21/suposto-tratamento-contracovid-19-venda-de-cloroquina-subiu-em-107.htm> Acesso em: 15 ago. 2021

¹¹⁶ Cf. <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52765075> Acesso em: 15 ago. 2021.

associado a desinformação e negacionismo¹¹⁷ pois quanto mais pessoas tiverem se contaminado maior a proporção de curados, podendo dar uma falsa sensação de que o vírus não é tão feroz.

4.3 Repercussão do terceiro pronunciamento no JN e JR

4.3.1 Tema, tempo, escalada e artes

Na comparação entre os telejornais JN e JR, a tabela 11 mostra as diferenças entre uma cobertura e outra sobre o pronunciamento do dia 8 de abril de 2020, que serão detalhadas nos tópicos a seguir.

¹¹⁷Cf. <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52765075> Acesso em: 15 ago. 2021

Tabela 8 – Tema, Tempo, Escalada e Artes no JN e JR – Terceiro Pronunciamento

Pronunciamento data	Telejornal	Tema	Tempo	Escalada	Artes
Terceiro 08/04/2020	JN	Dedicado integralmente à cobertura da covid-19. Traz matérias que trazem a desconstrução dos argumentos usados no pronunciamento como o uso da cloroquina e o fim do isolamento social.	Ao menos 17 minutos do telejornal foi ocupado com críticas a falas do pronunciamento . A edição inteira contou com matérias contrapondo o pronunciamento , direta ou indiretamente.	Não cita diretamente o pronunciamento , mas traz frases que contrariam o discurso do presidente como a fala do então ministro da saúde Mandetta reiterando o isolamento social, contrário ao presidente.	Ao longo do telejornal artes reforçam as medidas do governo, principalmente econômicas. O gráfico de uma pesquisa DataFolha reiterando que a população gostaria de ficar em casa é colocada em tela cheia no telejornal.
Terceiro 08/04/2020	JR	Dedicado integralmente à cobertura da covid-19. Algumas reportagens corroboram com as falas do pronunciamento citando estudos com a cloroquina.	Ao menos seis minutos do telejornal foi dedicado a falas que endossam as ideias do pronunciamento . As demais não endossam as informações do pronunciamento diretamente, mas também não as criticam.	Não cita diretamente o pronunciamento , mas traz frases que endossam as ideias do pronunciamento como abrir o telejornal com o depoimento do famoso medico Dr. Roberto Kalil falando a favor da cloroquina.	O JR utiliza poucas artes ao longo de sua edição. Elas não refletem o pronunciamento, sendo em sua maioria utilizadas para explicar as medidas econômicas do governo.

Fonte: o autor

4.3.2 Tema

A edição do JN conta com matérias sobre a covid-19 quase em toda a edição, conteúdos sobre política internacional, saúde e economia são destaques nesse dia, bem como previsão do tempo. Ao longo da edição, matérias são trazidas de maneira a desconstruir as falas do presidente no pronunciamento.

No JR a temática principal também é a covid-19. As falas do pronunciamento são repercutidas dentre os variados temas, como política internacional, saúde, economia e previsão do tempo. Apesar de citar que o tratamento com a cloroquina ainda não teve eficácia

comprovada, traz matérias com médicos renomados, como o famoso Doutor Kalil, endossando o uso da medicação.

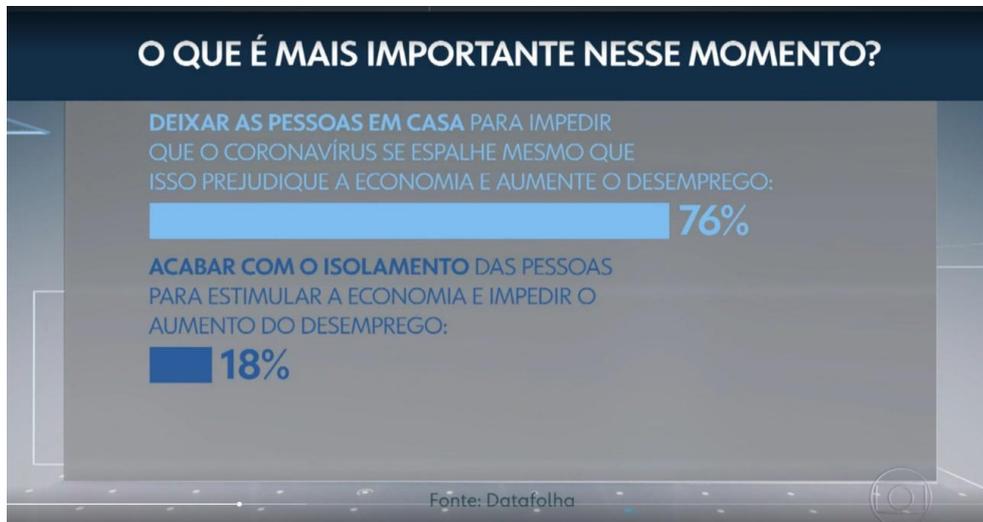
4.3.3 Escalada

Na escalada do telejornal JN na edição de 8 de abril de 2020, há destaque para o início do pagamento do auxílio emergencial, ao mesmo tempo em que menciona o encolhimento da economia nacional. Em seguida, o então ministro da saúde Mandetta solicita que as pessoas sigam o isolamento social. O controle da movimentação na cidade de São Paulo através de geolocalização de celulares é o próximo assunto. A liminar do STF que proíbe o presidente Bolsonaro de suspender as medidas de isolamento social decretadas por governadores e prefeitos. A reabertura de Wuhan, cidade em que se originou a pandemia na China. Na sequência, é anunciado o início do isolamento social no Japão. Uma imagem de microscópio sobre como o coronavírus ataca as células aparece na tela. Por fim, uma reportagem internacional sobre a desistência de Bernie Sanders à presidência dos EUA também entra na escalada.

Já na escalada do JR, novamente uma matéria traz o renomado Dr. Roberto Kalil endossando o uso do medicamento cloroquina, defendido pelo presidente no pronunciamento do dia 8 de abril. Na sequência, o telejornal da Record começa a escalada citando o número de casos de covid no país. Com a palavra esperança escrita na tela, o telejornal cita que 86% das cidades Brasileiras ainda não registram a presença do vírus. A reunião de Bolsonaro com o ministro da saúde é destacada. Em seguida, medidas econômicas do governo, como o saque do FGTS e o auxílio emergencial. Por fim, o teste em humanos da vacina da covid-19.

4.3.4 Artes

Figura 8: Arte JN endossando desejo da população de ficar em casa



Fonte: TV Globo

Ao falar do coronavírus, a arte ao fundo da bancada do JN segue com a mesma estética anterior. Várias representações do vírus em tamanho grande flutuam atrás dos apresentadores. O telejornal utiliza artes em tela cheia, com destaque a uma pesquisa do Datafolha mostrando que a população apoia a ideia do distanciamento social, medida criticada no pronunciamento pelo presidente.

Figura 9: Arte JN reiterando que as pessoas estão isoladas

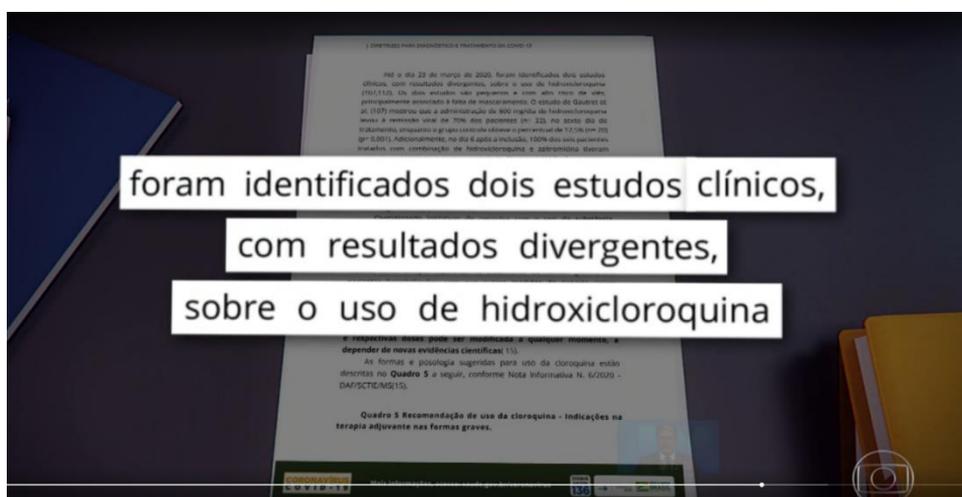


Fonte: TV Globo

Em outro momento uma arte também em tela cheia destaca a porcentagem de adesão das pessoas ao isolamento social, de acordo com dados gerados pelo sistema de geolocalização de celulares. Essas porcentagens reforçam a pesquisa anterior, demonstrando que as pessoas estão mais em casa, contrariando o pronunciamento de Bolsonaro sobre o suposto desejo da população em voltar ao trabalho.

Ao tratar da cloroquina, o JN aponta em arte de tela cheia que o governo federal indica o medicamento, mas destaca parte do texto reiterando que ainda não possui comprovação científica.

Figura 10: Arte JN trazendo estudos clínicos divergentes ao uso da cloroquina



Fonte: TV Globo

No telejornal da Record o uso da cloroquina como medida experimental é dito pelos apresentadores, mas não aparece em arte. O JR não utiliza muitas artes ao longo da edição. Ao fundo da bancada dos apresentadores, a representação de duas moléculas do vírus com um microscópio ao lado e glóbulos vermelhos surge quando o tema é a covid-19. Um mapa expondo países que estavam relaxando as medidas de distanciamento também tem destaque em tela cheia na edição, mas na sequência a OMS é citada sendo contrária ao relaxamento.

Figura 11: Arte JR trazendo o relaxamento do isolamento social pelo mundo



Fonte: TV Record

4.3.5 Fontes

Na tabela 12 observa-se certo equilíbrio entre os telejornais no uso de fontes nas matérias referentes ao pronunciamento de Bolsonaro. A maioria das fontes consultadas são autoridades em saúde.

Tabela 9 – Fontes presentes no JN e JR – Terceiro pronunciamento

Tipo de Fontes	Autoridades em Saúde	Autoridades em Economia	Autoridades Internacionais	Associações Ligadas à Imprensa	Autoridades do direito	Total
JN	5	0	0	0	1	6
JR	4	0	0	0	0	4

Fonte: autor

No JN, uma pesquisa do Datafolha é utilizada para endossar o isolamento social. Pesquisadores como Natália Pasternak trazem sua visão contrária ao medicamento cloroquina.

Falas de fontes oficiais, como a do ministro da saúde, contradizem o pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro, atribuindo ao Conselho Regional de Medicina a decisão sobre a prescrição do medicamento. É destacada também uma página do Centro de Controle de Doenças (CDC) dos EUA a respeito da cloroquina. Sabe-se que o presidente Donald Trump foi grande incentivador da cloroquina no país. A página que antes indicava até as dosagens a serem utilizadas foi alterada, informando apenas que estavam sendo feitos estudos. Em outro momento, o secretário de ciência, tecnologia e insumos estratégicos do governo federal Denizar Vianna elucida que a cloroquina pode vir a causar arritmia cardíaca, sendo potencialmente fatal.

Em contraponto, no telejornal da Record, as fontes consultadas não citam os potenciais riscos do medicamento. O JR utiliza fontes oficiais como Ministério da Saúde para obtenção de dados sobre a pandemia. Médicos são consultados para falar da cloroquina: Roberto Kalil Filho cita que, entre outros remédios, usou cloroquina no tratamento da covid-19; Nise Yamaguchi, uma das convocadas pela CPI da covid-19¹¹⁸ por defender o medicamento “mesmo de forma preliminar”. Outra fonte é o coordenador de Comitê de Contingenciamento da covid-19 no estado de São Paulo David Uip, que sugere a distribuição da cloroquina. O governo de São Paulo sempre foi opositor às medidas adotadas pelo governo contrárias a quarentena, portanto, colocar a fala de um médico de suposta oposição pode ter reforçado pessoas a acreditarem que o presidente sempre esteve certo.

4.3.6 Argumentos favoráveis e críticos ao pronunciamento

O JN traz pesquisa do Datafolha a qual revela que 76% dos brasileiros acreditam que o correto seria deixar as pessoas em casa para impedir que o coronavírus se espalhe, mesmo que isso prejudique a economia. Isso claramente demonstra desacordo com o pronunciamento de Bolsonaro, no qual afirma que as pessoas querem voltar a trabalhar.

Uma reportagem do telejornal da TV Globo compara o número de casos de covid-19 brasileiro com a disparada de casos de covid-19 em Nova York, nos Estados Unidos, epicentro da pandemia naquele país, com 6.268 mortes, e a Califórnia, 451 mortes. O telejornal aponta que a diferença no número de mortos em Nova York está relacionada ao não isolamento social, com fechamento tardio do comércio não essencial, enquanto a Califórnia adotou a medida logo no início.

¹¹⁸ A CPI da pandemia foi instaurada em 27 de abril de 2021 para apurar as ações e omissões do governo federal no combate a covid-19 e até o término desse trabalho não foi concluída.

O pronunciamento de Bolsonaro é então citado. Os apresentadores fazem um resumo das falas do presidente, mas apontam uma contradição. O presidente menciona no pronunciamento que respeita a autonomia das autoridades locais, mas que iria determinar abertura do comércio por meio de decreto, caso governadores e prefeitos não voltassem atrás nas medidas de isolamento. O ministro do STF Alexandre de Moraes, então, publica uma liminar horas antes do pronunciamento proibindo Bolsonaro de vetar medidas de fechamento do comércio decretadas localmente. No JN os apresentadores leem parte da decisão, que é destacada na tela.

O próximo tema tratado pelo telejornal da Globo é a fala do presidente, que endossa o tratamento da covid-19 com a cloroquina. O JN reitera que, apesar de haver um decreto do governo liberando o uso do medicamento com indicação médica, ainda não há consenso da comunidade científica sobre a segurança do tratamento e sua eficácia. Uma pesquisadora da Fiocruz, Margareth Dalcolmo, nega quaisquer evidências de cura a respeito do remédio. Na sequência, a microbiologista Natalia Pasternak também aparece criticando o medicamento, citando que pesquisadores e médicos que recomendam o uso da cloroquina estão “pressupondo aquilo que eles deveriam demonstrar”. O então ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta aparece endossando a necessidade das medidas de isolamento social nos grandes centros urbanos.

Uma outra matéria aborda o monitoramento de aglomerações e deslocamento da população através de geolocalização por telefone celular. Em seguida, aborda-se o índice de isolamento social de algumas cidades, apontando sua queda nos grandes centros. O médico e diretor do Instituto Butantan Dimas Covas diz que se as pessoas não ficarem em casa o Brasil se tornará a nova Espanha e Itália.

O telejornal da Globo repercute os painelaços durante o pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro. Uma sequência com vários vídeos mostra diversas cidades protestando contra o presidente. Para finalizar, uma reportagem traz trabalhadores essenciais do saneamento básico pedindo para que o povo fique em casa.

O JR, logo no início, traz uma figura de bastante prestígio na medicina nacional e que é citada no pronunciamento de Bolsonaro. O médico Roberto Kalil tem seu currículo lido no telejornal, confirmando ser “um dos cardiologistas mais respeitados do país”. Ele abre o telejornal falando que se curou da covid-19 e, dentre os medicamentos utilizados no tratamento, tomou a cloroquina. O cardiologista menciona a necessidade do remédio ser prescrito por médicos e também que foi apenas um dos remédios, entre uma série de outros. O repórter cita que o remédio “tem se mostrado eficiente também para a covid-19”, mas não mostra qual

estudo, apenas cita que há vários estudos em andamento no mundo. Novamente é reiterado o uso da cloroquina apenas com recomendação médica. A médica Nise Yamaguchi aparece reforçando seu uso logo no início dos sintomas, e manda um recado para os médicos, que teriam “obrigação de utilizar mesmo de forma preliminar, e com controle possível, as medicações que estão disponíveis”. Uma fala do médico David Uip, coordenador do centro de contingência da covid-19 em São Paulo, sobre a recomendação da cloroquina caso paciente e médico estejam de acordo, é mostrada pelo telejornal. O ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta defende o presidente na questão da cloroquina e diz que Bolsonaro “nunca fez qualquer colocação de imposição”. Apesar disso, a queda do ministro, assim como a de seu sucessor, ocorreu pela recusa em apoiar o uso da cloroquina como protocolo do Ministério da Saúde, algo que foi feito posteriormente pelo terceiro ministro da saúde Eduardo Pazuello.

O pronunciamento de Bolsonaro é então mencionado pelo JR e a divergência entre as falas sobre o isolamento social com o ministro da saúde também. O telejornal cita que, apesar da divergência, o Ministério da Saúde tem tentado diminuir o isolamento social em cidades não tão afetadas pela pandemia e com boa capacidade de leitos, porém não cita quais.

Uma matéria do JR informa que 86% dos municípios de São Paulo ainda não têm casos confirmados de coronavírus e mostra cidades que já estavam reabrindo o comércio. Uma fala do secretário de vigilância em saúde do Ministério da Saúde Wanderson Oliveira cita que não há indicação no momento em fazer o distanciamento social.

4.4 Comparando a repercussão dos pronunciamentos no JN e JR

Após a análise comparativa dos telejornais é possível notar uma clara diferença no posicionamento editorial entre ambos. O telejornal da Record TV mostrou muito mais aderência ao discurso do presidente Jair Bolsonaro, trazendo ao longo das edições analisadas profissionais e discursos que corroboravam as falas do presidente, além de construir uma narrativa, desde a escalada e com apoio das artes e das fontes, que reiterou, mesmo que não explicitamente, os argumentos do presidente Bolsonaro nos pronunciamentos estudados.

Apesar de algumas vezes apresentar matérias conflitantes com a fala do presidente, é notório o maior enfoque a matérias favoráveis aos dois mantras de Bolsonaro: o uso da cloroquina e o isolamento social vertical, para diminuir a dimensão da pandemia. Como visto nas análises, o JR coloca populares que citam descontentamento com o isolamento social, bem como médicos que se dizem a favor da cloroquina, porém não trazem dados científicos que comprovem o discurso. Ao afirmar que a cloroquina “parece funcionar” junto com as falas do

presidente dentro e fora do pronunciamento, o telejornal acaba desinformando quem o assiste – e quem tem acesso às mídias digitais, nas quais se reverbera as matérias do telejornal. Outra observação é a presença de matérias mais positivas sobre a doença e sua mortalidade “relativamente baixa”, o que pode ter levado algumas pessoas a não se preocuparem muito com o vírus e disseminar desinformação.

Ao longo dos três pronunciamentos, o Jornal Nacional teve um aumento sensível do tempo das edições, em decorrência do agravamento da crise sanitária. O JN buscou fortalecer por meio de especialistas o posicionamento da ciência, da OMS e de órgãos respeitados como Fiocruz e Butantan. Utilizou fontes como líderes internacionais para contrapor o posicionamento do governo federal, demonstrando seu comportamento contrário aos demais países do mundo. O telejornal também mostra nos respectivos dias dos pronunciamentos painéis realizados em diversas cidades brasileiras, que manifestaram o descontentamento da população com as falas do presidente, fato que não foi mencionado no Jornal da Record. Fica claro que o JR buscou não contrariar o presidente ao não contrapor o pronunciamento, explorando fontes populares, enquanto o outro telejornal foi ao combate.

O presidente, por sua vez, engrossou o tom com a emissora Globo e os jornais que o contrariavam. De acordo com estudo publicado pelo Laboratório de Pesquisa em Mídia da Universidade Federal de Pelotas (2020)¹¹⁹, o número de *fake news* teve aumento¹²⁰ após os pronunciamentos do presidente da república na TV. Trechos foram pinçados e compartilhados pelos seus apoiadores. Outro estudo¹²¹ (2021) também demonstrou que nas cidades onde Bolsonaro venceu a eleição havia mais mortes por covid-19 em relação às demais.

Como maneira de tentar superar a narrativa de Bolsonaro, baseada em crenças e não em dados comprováveis – como foi visto na análise dos pronunciamentos —, o JN buscou trazer especialistas em grande número, especialmente em saúde. Analisando, talvez o JN pudesse ter feito uma cobertura mais próxima da população, trazendo lideranças de comunidades, entre outros, como fontes qualificadas para esclarecer a importância das medidas sanitárias.

O telejornal da TV Record, por sua vez, não apresentou dados científicos que comprovassem a eficácia da cloroquina no tratamento da covid-19 — porque não existiam — e mantém a polêmica sobre o isolamento social quando corrobora os argumentos do presidente

¹¹⁹ Cf. <https://wp.ufpel.edu.br/midiars/files/2021/05/Desinformac%CC%A7a%CC%83o-covid-midiars-2021-1.pdf> Acesso em: 15 ago. 2021.

¹²⁰ Cf. <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/05/19/circulacao-de-fake-news-cresce-apos-falas-de-bolsonaro-na-tv-aponta-estudo.htm> Acesso em: 15 ago. 2021.

¹²¹ Cf. <https://www.poder360.com.br/coronavirus/cidades-em-que-bolsonaro-venceu-em-2018-tem-mais-mortes-por-covid-diz-estudo/> Acesso em: 15 ago. 2021.

nos seus pronunciamentos, a partir dos comentários de Augusto Nunes e da sequência das matérias na estrutura dos blocos do telejornal, que nitidamente repetem as falas do presidente e parecem tentar se afastar de qualquer indício de opinião contrária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir, voltamos a refletir a respeito da pergunta de pesquisa que norteia esse trabalho. Como os telejornais brasileiros se posicionaram na cobertura dos pronunciamentos oficiais de Bolsonaro na TV em um cenário de desinformação sobre a pandemia da covid-19? Viu-se nesta pesquisa que a proposta dos estudos comparados foi fundamental para responder a essa pergunta e ao objetivo geral, que foi comparar as coberturas dos telejornais de maior audiência no país em relação aos pronunciamentos oficiais do presidente Bolsonaro. Com essa metodologia, enxergamos como os dois telejornais se posicionaram de forma a corroborar ou atacar os argumentos trazidos nos pronunciamentos do presidente.

Ao ligar um televisor e assistir a um telejornal, os princípios jornalísticos da verdade e da ética deveriam saltar da tela. Na base do contrato social entre o público que assiste ao telejornal, o pressuposto é que nele esteja presente a verdade dos fatos — nem ficção, nem entretenimento. Os pilares do jornalismo como sistema perito, conforme Giddens (apud MIGUEL, 1999), testados exaustivamente, não presumem uma negociação da verdade, do fato, da credibilidade. E como base do arcabouço de valores do telejornalismo, como escrito no século XVII por Tobias Peucer, trazido por Berger (1996), a credibilidade é fundamental para a sobrevivência do jornalismo como fonte confiável da informação. Assim, fica a dúvida quanto ao cumprimento desse contrato social que falamos no capítulo primeiro desta dissertação pelo telejornal JR. Informar é dizer a verdade, conforme Lisboa e Benetti (2015), tanto que Clair Wardle (2017) critica o uso da expressão *fake news*, afinal a notícia é baseada em critérios e métodos de apuração, portanto, nunca é *fake* – se é *fake*, não é notícia. Mas esse debate sobre a desinformação, as *fakes news*, do ponto de vista conceitual, está longe de acabar.

Ficou claro neste estudo que, ao aderir mais aos discursos desinformativos do presidente e não apresentar o que se estabeleceu naquele momento como critérios científicos sobre as formas de combater a pandemia, que o telejornal da TV Record priorizou os interesses com o Palácio do Planalto, demonstrando que os interesses do negócio prevaleceram aos do jornalismo.

Quanto às sete categorias de desinformação propostas por Clair Wardle, sugerimos aqui uma oitava. Aquela que não é comunicada. A decisão de omitir informações relacionadas ao pronunciamento durante o telejornal JR bem como não ofertar todos os dados sobre a pandemia são uma estratégia de desinformação. O silêncio também desinforma.

Fazer jornalismo de qualidade dá trabalho e é caro, como dizia o bordão do falecido apresentador da TV Record Marcelo Rezende, “bota exclusivo que dá trabalho pra fazer”¹²² Ao mesmo tempo, como diz o ditado, tempo é dinheiro. Os interesses comerciais e políticos dos telejornais não podem (ou pelo menos não deveriam) se sobrepor aos princípios da verdade e ética jornalística, caso contrário acabaremos em uma sociedade cada vez mais incrédula no jornalismo profissional e cada vez mais exposta à desinformação.

O telejornal da TV Globo dedicou todas as edições analisadas a desconstruir a imagem de Bolsonaro em nome da informação de qualidade, reforçando que o Brasil caminhava em sentido contrário à ciência do mundo e trazendo os mais respeitados especialistas do Brasil e do mundo para corroborar. Como reflete Carlos Castilho em artigo publicado no e intitulado “O Jornalismo na era das incertezas”¹²³ (2021) não foi possível diante do atropelo da realidade manter-se isento diante dos fatos apresentados pelo governo durante a pandemia, como revelou a escolha editorial das matérias do JN. Além disso, em outros momentos, como foi apontado na história do telejornal, o interesse político e financeiro também orientou coberturas de acontecimentos importantes sobre a história política brasileira, em movimento semelhante ao que assistimos em relação aos pronunciamentos de Bolsonaro aqui estudados. Vale a pena novamente refletir que posicionamentos editoriais são válidos, Genro Filho (1987) já mencionava que há diversos sujeitos jornalísticos e que isso é necessário, porém, a diversidade de perspectiva não justifica omissões, manipulações e desinformação em relação aos fatos.

No telejornal a decisão de hierarquizar conteúdos e selecionar quais devem impactar os telespectadores deve obedecer a critérios pautados pelo princípio ético de informar com qualidade. O JR acabou rompendo com esse contrato. Ao agir dessa maneira a credibilidade constituída (LISBOA; BENETTI, 2015) do jornalismo pode acabar sendo enfraquecida e corre o risco de acentuar esse descrédito no jornalismo dito tradicional.

Ao mesmo tempo, a politização e polarização realizada pelo presidente em relação a TV Globo e TV Record, demonizando a primeira¹²⁴, inclusive ao mandar jornalistas calarem a boca¹²⁵ e apoiar abertamente a emissora que aderiu à sua campanha eleitoral, reforçou uma guerra de narrativas, a qual foi aderida pelos telejornais. Especialmente no caso do

¹²² Cf. <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2017/09/16/corta-pra-mim-os-bordoes-mais-famosos-de-marcelo-rezende.htm> Acesso em: 15/08/2021

¹²³ Cf. <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/o-jornalismo-na-era-das-incertezas/> Acesso em: 14 ago. 2021.

¹²⁴ Cf. <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-atacou-imprensa-299-vezes-nos-ultimos-nove-meses-diz-fenaj-24691609> Acesso em: 15 ago. 2021

¹²⁵ Cf. <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-manda-reporter-calar-a-boca-e-diz-que-nao-interferiu-na-pf/> Acesso em: 15 ago. 2021

telejornalismo da Record, houve um desserviço à população, deixando de esclarecer pontos fundamentais sobre a pandemia ao abrir mão do seu papel educativo, conforme menciona Vizeu (2009, p.80): “organizar o mundo procurando torná-lo mais compreensível”.

Temos que observar também que a mentira tem sido usada como arma política há muito tempo e que as redes sociais apenas acentuaram o alcance delas. Conforme o pensamento de Hannah Arendt, a afinidade com a mentira foi marca de governos totalitários (como foi na Alemanha Nazista) e Bolsonaro, à frente do governo, tem se demonstrado como tal em diversos momentos da sua vida parlamentar e agora como presidente¹²⁶. A apologia à ditadura militar, o desrespeito à imprensa e as falas públicas e postagens nas redes sociais desinformativas e negacionistas transparecem autoritarismo. É necessário discutir sobre como as redes sociais devem se comportar em relação à desinformação e ao discurso de ódio produzido e compartilhado com interesses políticos a fim de minar a democracia e dar voz a ideais autoritários.

Há de se pensar também na plataformização do telejornal, tendo em vista as mudanças estruturais no jornalismo. Pensar em maneiras mais justas de remuneração a empresas jornalísticas e jornalistas independentes por parte das plataformas e discutir a responsabilidade das empresas de tecnologia e informação sobre os algoritmos e os impactos que eles têm no acirramento de polarizações políticas. Essas reflexões devem girar em torno da pluralidade de vozes e de pensamentos – o que concerne à democracia — para que a desinformação não acabe criando um ambiente ainda mais tóxico nas redes sociais digitais. Algumas redes como Facebook já estão marcando postagens¹²⁷ associadas à desinformação e procurando soluções para o tema, mas isso só não basta. O debate precisa se ampliar e trazer soluções para o que Van Dijck chama de cultura da plataforma (2016).

Por fim, uma outra questão pode ser lançada para o combate à desinformação, que é a educação midiática e o acesso igualitário aos meios tecnológicos. Vemos que é necessário ensinar algo básico para as gerações cada vez mais conectadas, a busca por informação de qualidade e plural. Como disse a presidente-executiva do Conselho Diretor do instituto Palavra aberta Patrícia Blanco: “Ensinar o aluno a investigar a fonte, a origem da informação que ele recebe. Isso funciona para qualquer disciplina: geografia, matemática” (BLANCO, 2020, online).

¹²⁶ Cf. <https://veja.abril.com.br/politica/doze-vezes-em-que-bolsonaro-e-seus-filhos-exaltaram-e-acenaram-a-ditadura/> Acesso em: 15 ago. 2021

¹²⁷ Cf. <https://noticias.uol.com.br/especiais/conteudo-de-marca/facebook-contr-a-desinformacao.htm#page2> Acesso em: 15 ago. 2021

Conclui-se, portanto, que para a saudável manutenção da democracia e o afastamento de ideais autoritários, e para que todos tenham acesso à informação de qualidade, é necessário o fortalecimento da imprensa dita tradicional da forma mais plural e autônoma possível e não seu descrédito. A pesquisa mostrou isso ser fundamental, visto que ficou claro que os posicionamentos antagônicos dos telejornais estudados no período analisado variaram também de acordo com os interesses políticos. Viu-se também que a desinformação é perigosa, ainda mais em um contexto em que desinformar mata. É notável também o esforço hercúleo que a imprensa precisa fazer diariamente para informar, mesmo diante de mudanças estruturais tão profundas e em tão pouco tempo. O fenômeno da desinformação não é novo, mas foi potencializado pela tecnologia digital e as nossas respostas e atitudes em relação a isso é que mostrarão o futuro da democracia e o fortalecimento ou não da imprensa tradicional. O jornalismo, e principalmente o telejornalismo, na pandemia mostrou ainda ter fôlego.

Referências Bibliográficas

- ARENDDT, Hannah. **As origens do totalitarismo: Anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo.** Cia das Letras, São Paulo, 1991.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.
- BAKIR, V., & MCSTAY, A. (2018). **Fake News and the Economy of Emotions: Problems, Causes, Solutions.** Digital Journalism, 6(2), 154-175.
<https://doi.org/10.1080/21670811.2017.1345645>
- BELL, Emily et al. **A IMPRENSA NAS PLATAFORMAS: como o vale do silício reestruturou o jornalismo.** Revista de Jornalismo Espm, São Paulo, v. 06, n. 20, p. 47-83, out. 2017. Disponível em: <https://academiccommons.columbia.edu/doi/10.7916/D8D79PWH>. Acesso em: 05 mai. 2021.
- CASTILHO, Carlos. **O jornalismo na era das incertezas.** Observatório da Imprensa. São Paulo. 13 abr. 2021. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/o-jornalismo-na-era-das-incertezas/>. Acesso em: 15 jul. 2021.
- COUTINHO, Iluska Maria da Silva. **O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: a análise da materialidade audiovisual como método possível.** In: INTERCOM, 39., 2016, São Paulo. Anais [...] . São Paulo: Intercom, 2016. p. 1-15. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2020.
- DEBRAY, R. **Curso de midiologia geral.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- GANDOUR, Ricardo. **Jornalismo em retração, poder em expansão: Como o encolhimento das redações e o uso crescentes das redes sociais por governantes podem degradar o ambiente informativo e prejudicar a democracia.** 2019. 163 f. **Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.** Acesso em: 05 mar. 2021.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista. Porto Alegre: Editora Tchê, 1987

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1990.

JURNO, Amanda Chevtchouk; D'ANDRÉA, Carlos Frederico de Brito. **Facebook e a plataformização do jornalismo**: um olhar para os instant articles. Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura, Minas Gerais, v. 22, n. 01, p. 179-196, 02 fev. 2020. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/12084/10210>. Acesso em: 05 mar. 2021.

LEAL, Paulo Roberto. **Professores analisam pesquisa Datafolha sobre confiança na imprensa convencional**, UFJF – Campus e Comunidade. 2020. Disponível em: <<https://www2.ufjf.br/noticias/2020/03/24/professores-analisam-pesquisa-datafolha-sobre-confianca-na-imprensa-convencional/>>. Acesso em: 30 de mar. de 2020.

LISBOA, Sílvia; BENETTI, Marcia. **O jornalismo como crença verdadeira justificada**. Brazilian Journalism Research, [S.L.], v. 11, n. 2, p. 10-29, 17 dez. 2015. Associação Brasileira de Pesquisadores de Jornalismo. <http://dx.doi.org/10.25200/bjr.v11n2.2015.664>.

LISBOA, Sílvia; & BENETTI, Marcia. (2017). **Credibilidade no jornalismo**: Uma nova abordagem. Estudos em Jornalismo e Mídia.

MARQUES DE MELO, José – **Estudos de Jornalismo Comparado**, São Paulo, Pioneira, 1972

MIGUEL, Luis Felipe. **O jornalismo como sistema perito**. Tempo Social; Rev. Sociol, USP, S. Paulo, 11(1): 197-208, maio de 1999.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O Texto na TV**: Manual de telejornalismo. Colaboração de Eduardo Marotta. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006 – 2ª reimpressão. OLIVEIRA, Hebe Maria Gonçalves de; GADINI, Sérgio (org.). **Jornalismo em tempos de pandemia do novo coronavírus**. Aveiro: Ria, 2020.

PARISER, Eli (2011). **The Filter Bubble**: What the Internet is Hiding from You. Penguin UK, 304p.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. **O jornalismo em tempos de mudanças estruturais**. In Texto, Porto Alegre, v. 1, n. 24, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/19208>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

SANTOS-D'AMORIM, K.; FERNANDES DE OLIVEIRA MIRANDA, M. Informação incorreta, desinformação e má informação: Esclarecendo definições e exemplos em tempos de desinfodemia. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, [S. l.], v. 26, p. 01-23, 2021. DOI: 10.5007/1518-2924.2021.e76900. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/76900>. Acesso em: 9 set. 2021.

SENA, Ana Rita Bernardino Craveiro. **Modos e mecanismos de credibilidade no jornalismo televisivo**: o caso da sic. 2013. 184 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Jornalismo, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2013. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/m-jornalismo-2013-ana-sena.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2021.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade**: notas sobre a mentira na era trump. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018. 177

KAYSER, Jacques. **Une semaine dans le monde**. 1ª edición, Paris, UNESCO, 1953.

KAYSER, Jacques. **El Periódico**: estudios de morfología de metodología y de prensa comparada. 3ª edición, Quito, Ciespal, 1966

LINS, Anthony José da Cunha Carneiro; ROCHA JUNIOR, Dario Brito; SOUZA, Alice Cristiny Ferreira de. **Jornalismo à deriva no mar da pós-verdade**: a busca da verdade como método | journalism adrift in the post-truth sea. Liinc em Revista, [S.L.], v. 15, n. 1, p. 160-176, 28 jun. 2019. Liinc em Revista. <http://dx.doi.org/10.18617/liinc.v15i1.4558>.

RIZZOTTO, Carla Candida. **Constituição histórica do poder na mídia no Brasil: o surgimento do quarto poder.** Revista de Estudos da Comunicação, [S.L.], v. 13, n. 31, p. 114, 17 nov. 2012. Pontificia Universidade Católica do Paraná - PUCPR. <http://dx.doi.org/10.7213/rec.v13i31.22403>.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa: projetos para mestrado e doutorado.** São Paulo: Hacker, 2001

SECRETARIA ESPECIAL DOS DIREITOS HUMANOS. COMISSÃO ESPECIAL SOBRE MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS. **Direito à Verdade e a memória: Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos-** Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos, 2007.

SILVA, Marina. **Especialistas propõem educação midiática em projeto contra fake news.** 2020. Disponível em: <https://noticiasconcursos.com.br/especialistas-propoe-educacao-midiatica-em-projeto-contrafake-news/>. Acesso em: 15 jul. 2021.

SOARES, Felipe Bonow; RECUERO, Raquel; VOLCAN, Taiane; FAGUNDES, Giane; SODRÉ, Giéle. **Desinformação sobre o Covid-19 no WhatsApp: a pandemia enquadrada como debate político.** Ciência da Informação em Revista, [S.L.], p. 1-18, 15 out. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/scielopreprints.1334>.

SUZIN, R. O.; NEGRINI, M. **Reflexões sobre o telejornalismo no horário nobre: um estudo comparativo do Jornal Nacional e do Jornal da Record.** Anagrama, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 1-13, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/78983>. Acesso em: 16 nov. 2020.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa; SANTOS, Marli dos. **ENTRE A TEMPESTADE E O SHOPPING: anotações sobre a pauta do telejornalismo no verão brasileiro.** In: ALAIC, 12., 2014, Lima. Anais [...] . Lima: Alaic, 2013. p. 1-22. Disponível em: <http://congresso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2013/10/vGT16-Marli-dos-Santos-y-Ana-Carolina-Temer.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2020.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa; LEITE JUNIOR, Edson Francisco. **As Mudanças no Dispositivo de Visibilidade do Telejornalismo durante a Pandemia do Novo Coronavírus**. In: OLIVEIRA, Hebe Maria Gonçalves de; GADINI, Sérgio. *Jornalismo em tempos da pandemia do novo coronavírus*. Portugal: Ria Editorial, 2020. p. 328-346. Acesso em: 15 ago. 2021.

VAN DIJCK, J. (2013). **The culture of connectivity: A critical history of social media**. Oxford: Oxford University Press.

VIZEU, Alfredo. **A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES DE JORNALISMO, 4., 2017, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: Universidade do Rio Grande do Sul, 2017. p. 1-17. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/265907692_A_construcao_do_real_no_telejornalismo_do_lugar_de_seguranca_ao_lugar_de_referencia. Acesso em: 14 nov. 2020.

WARDLE, Claire. **Fake News: it's complicated**. 2017. Disponível em:
<https://firstdraftnews.org/latest/fake-news-complicated/>. Acesso em: 14 nov. 2020.

WARDLE, Claire. **Understanding Information Disorder**. Brighton: First Draft, 2019.

ZARZALEJOS, José Antonio. **Comunicação, jornalismo e fact-checking**. *Revista Uno*, Rio de Janeiro, n.27, 2017, p.11. Disponível em: https://www.revista-uno.com.br/wpcontent/uploads/2017/03/UNO_27_BR_baja.pdf. Acesso

_____. **O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica**. *Revista Famecos*, Porto Alegre, nº 40, 2009.